

REVISTA DA SEMANA

Nº 19



CR \$ 2,00 EM TODO O BRASIL

10-5-47



JACK H. SKIRBALL e BRUCE MANNING
apresentam

Ginger ROGERS
David NIVEN

"No Limiar da Glória"

("Magnificent Doll")

e Burgess MEREDITH

O RELATO DOS
TRÊS AMORES
DE UMA FORMO-
SA HEROÍNA.



UMA LEVE CARÍCIA...
UM ABRAÇO...
LEMBRANÇAS QUE
NUNCA MORREM
NUM CORAÇÃO DE
MULHER...

com

PEGGY WOOD • HORACE McNALLY • ROBERT H. BARRAT

Dirção de
FRANK BORZAGE

Produção de
JACK H. SKIRBALL



Acompanham Complementos Nacionais



O momento político prenunciava no domingo passado acontecimentos sensacionais, segundo o noticiário dos jornais. O "Diário Carioca" anunciava nova reforma do ministério do general Eurico Gaspar Dutra, com a saída do Sr. Benedito Costa Netto, de São Paulo, da pasta do Interior e Justiça. Entre outras substituições, falava-se também nas dos diretores da Central do Brasil e do Lloyd Brasileiro. Havia no ar uma porção de boatos, entre os quais os de intervenção federal nos Estados de São Paulo e de Pernambuco, boatos que recrudesceam depois que o general Góes Monteiro anunciou estar "coordenando a política nacional num sentido de maior colaboração com o presidente Dutra e de fortalecimento do governo". Quanto ao último dos Estados ameaçados de intervenção, noticiava-se, no mesmo dia, que o general Angelo Mendes de Moraes — apontado como possível sucessor do Sr. Hildebrando de Góes na Prefeitura, — seria nomeado para o cargo de interventor. O prefeito carioca, que, num gesto inesperado, demitiu o médico Fioravanti Di Piero do cargo de secretário da Educação, acusando-o de haver cometido grave abuso de confiança, além de haver causado grandes males ao ensino do Distrito Federal, continuou a despachar normalmente com o Presidente da República e recebeu uma moção de aplausos da Câmara de Vereadores e, logo em seguida, uma visita de cortesia de Sua Eminência, o cardinal-arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jayme de Barros Câmara. Anunciava-se também domingo que ia ser lançado o manifesto de um novo partido político, o Partido Social Trabalhista, no qual se abrigarão os disidentes de várias agremiações. O novo partido, logo de entrada, terá uma bancada de um senador e quinze deputados, além de contar também com um governador de Estado, o Sr. Archer, do Maranhão. Alguns dos deputados são Renault Leite, genro do general Eurico Gaspar Dutra e representante do Piauí; Furico Souza Leão, que tirou o último lugar nas eleições de Pernambuco; Acúrcio Torres, que o Sr. Amaral Peixoto bombardeou no Estado do Rio, quando uma ala do PSD quiz fazê-lo candidato a governador; além de outras figuras. O novo partido encampará o Partido Trabalhista Nacional, o Partido Proletário Brasileiro e o Partido Orientador Trabalhista. No Paraguai, depois de terem sido travados vários combates dentro de Assunção, o governo do general Morinigo continuava às voltas com os elementos revolucionários, tendo o ditador paraguaio assumido pessoalmente o comando das forças fiéis ao seu governo, após a fuga, para a Argentina, do comandante das mesmas, coronel Frederico Smith. A revolução continuava empalada, até o momento em que encerramos os trabalhos desta edição. Antes que alguém reclame, nós mesmos denunciaremos, nesta seção, um engano do nosso número passado, que consistiu na troca dos clichês de Lauro Borges, o popular comediante do rádio, com o comediante e autor de novelas Ruy Costa. Lauro Borges sempre fazendo das suas pilhérias... Tanto as faz em pessoa, como em effigie! Nos Estados Unidos, causou escândalo e foi objeto de muitos comentários o fato de terem participado, uniformizados, de um desfile, sob a bandeira comunista, cerca de oitenta oficiais e de mil e quinhentos soldados do Exército Norte-Americano. Acusados de deslealdade, os referidos militares, que foram filmados e fotografados pelas autoridades, vão ser identificados e submetidos a Corte Marcial. A propósito, noticiava-se, domingo, que o julgamento do Partido Comunista do Brasil terminaria esta semana, com o fechamento do mesmo organismo, dizendo um jornal que se declarava bem informado que "três votos favoráveis ao fechamento estavam sendo datilografados". Em Roma, anunciava-se que pelos menos seis milhões de operários italianos se haviam declarado em guerra em sinal de protesto contra um massacre de trabalhadores levado a efeito na Sicília. Entrou em vigor a nova Constituição Japonesa, tendo o general MacArthur restaurado a bandeira do Sol Nascente, como presente simbólico ao povo japonês, afim de que ele seja bonzinho e obediente aos seus amos. A nova Constituição extingue o regime feudal e o patriato e, através dela, o Japão declara basear o seu governo nos princípios democráticos e no voto livre, renunciando à guerra e à manutenção de forças armadas. Muitas nações acabam invejando o Japão quanto a esses pontos. Na Bolívia, um grupo armado atacou o Ministério da Defesa. O Ministério detendeu-se, recusando os atacantes. Não houve alarme na cidade com a fuzilaria, por se ter dado o caso no Dia de 1.ª Cruz, quando, à semelhança do nosso São João, ali soltam muitos foguetes e rojões. Toda gente supoz que se tratasse de "celebrações". Na Argentina, os líderes trabalhistas, que apoiavam o general Perón, afastaram-se da política seguida pelo presidente argentino, asseverando que o mesmo não cumpriu as promessas feitas às massas trabalhadoras. No Rio Grande do Sul e em Goiás, segundo anunciaram os jornais diários, será adotado pelas Constituições Estaduais um regime de tendência parlamentarista, coisa nova no Brasil republicano. Uma das grandes pilhérias da Câmara de Vereadores foi a do "voto de saudade" requerido pelo vereador integralista Jayme Ferreira da Silva em homenagem a Pedro Álvares Cabral e a Pedro Vaz Caminha... Já é força de expressão! Saudade de pessoas a quem não conhecemos e a quatrocentos e quarenta e sete anos de distância! E' muita vontade de gastar tempo sem proveito... Especialmente agora, que a Câmara de Vereadores já tem poderes legislativos e pode empregar seu tempo em coisas úteis... Falando na Bahia, o Sr. Otávio Mangabeira, fez-se grande professor de democracia, disse as seguintes palavras, dirigidas aos trabalhadores bahianos: "Proclamo que um governo democrático, a menos que se converta numa negação de si mesmo, tem que viver com o povo e para o povo. Viver, porém, com o povo e para o povo não quer dizer insuflar ou cortejar o povo para ferçar popularidade, mas entrar em boa fé em contacto com o povo para melhor sentir-lhe e conhecer-lhe os interesses, as necessidades, as aspirações, os sofrimentos, no deliberado propósito de procurar minorá-los". Palavras realmente belas e dignas de serem gravadas, as do ilustre governador bahiano. E por hoje, é só. Fiquemos com este fecho de ouro.

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, são causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas molestias do útero, pêso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendencia a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**.

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhos datilografados, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAMSE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

R. CARIOCA N.º 28

JOIAS, RELÓCIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

Luiz R. Ricart
TEL. 22-4690 — RIO





Na página à esquerda e em cima: Flagrantes colhidos nos "dancings", com as bailarinas em plena atividade.

"OS HOMENS NÃO NOS QUEREM PARA ESPOSAS" ...

MIL E TANTAS MOÇAS GANHAM A VIDA COMO BAILARINAS DE "DANCINGS" CARIOCAS — O QUE SÃO AS CHAMADAS "ESCOLAS DE DANÇAS" — FREQUÊNCIA DE MENORES DE 25 E DE MAIORES DE 50... — À ESPERA DO DANÇARINO DESCONHECIDO — TRA-LA-LÁ: TRÊS CRUZEIROS — PARA SER DANÇARINA, É PRECISO

TER CARTEIRA E PAGAR AO SINDICATO — REPORTAGEM DE NEY MACHADO

— Os homens não nos querem para esposas! — disse tristemente uma bailarina.

Foi essa uma das primeiras coisas que ouvimos e anotamos, ao iniciarmos a presente reportagem, sobre os "dancings" e "escolas de dança", que atualmente no Rio de Janeiro sem cassinos, animam a vida noturna e são um dos poucos centros de diversões ao alcance da bolsa dos rapazes da classe média.

Sobre as moças que vivem de dançar, — e que estão todas as noites, em fila, com seus melhores vestidos, à procura do dançarino desconhecido, ávido de companhia em seus transportes coreográficos, — pesa o mesmo preconceito que, no passado, pesou sobre as figuras galantes de Manon Lescaut e de Marguerite Gautier. Os homens que vão aos "dancings" não poupam galanteios, mas são sempre inconsequentes nos seus namoros. Não querem compromissos sérios. Não querem amor que acabe em casamento. Apesar disso, as vagas de dançarinas são muito disputadas. Não chegam para as pretendentes que fazem fila, à espera de que uma das dançarinas efetivas deixe o seu lugar. Quanto à parte burocrática, é mais fácil entrar-se para o Itamarati do que para uma "escola" de dança. São várias as carteiras exigidas pela gerência das casas. Em primeiro lugar a candidata tem que ser maior de idade, contando pelo menos dezoito anos completos. Se nunca trabalhou, vai primeiro ao Ministério do Trabalho tirar a carteira profissional. Após isso deve ir

ao Sindicato das Bailarinas e Dançarinas do Rio de Janeiro afim de sindicalizar-se. Aí recebe outra carteira. Não está pronta ainda. Precisa de outro documento essencial: autorização da Delegacia de Costumes, localizada à Avenida Mem de Sá. Novamente outra carteira para o seu "dossier". No distrito policial em que mora deve a candidata tirar um atestado de bons antecedentes, documento que deveria ser indispensável para seleção das candidatas e, infelizmente, é a mais relaxada das exigências. Com as três carteiras e mais o atestado, a pequena pode se candidatar ao lugar de bailarina em qualquer "dancing". O Sindicato das Bailarinas, com pouco mais de um ano de existência, tem agora a obrigação de elevar a nível moral e mesmo — não riam, senhores! — o nível intelectual das pequenas. Disse-nos a secretária do sindicato que a maioria das bailarinas é constituída por analfabetas. Existem sindicalizadas até hoje setecentas e cinquenta bailarinas e ainda não inscritas no órgão de classe, aproximadamente, umas trezentas. Não há dúvida que muito terá ainda que trabalhar o sindicato. Inclusive para aumentar a assistência médico dentária. Dois médicos, um de clínica geral e outro ginecologista, atendendo três vezes por semana — somente na parte da tarde — representam assistência é irrisória para as setecentas e tantas pequenas. O mesmo acontece com o dentista, que apenas tem a obrigação de fazer obturações ligêras. Essa assistência está ainda muito longe da necessária. D. Ana Carpini, atual presidente do sindicato, ex-bailarina,



Disse-nos uma bailarina: — "Os homens de idade são o par ideal. Com uma boa conversa se esquecem do tempo, do raumatismo e do dinheiro. Quer dizer: são dor a dor e furo no cartão de cada vez".



A bailarina Isa prepara o "maquillage" no camarim de um "dancing". Nos dias de verão o calor no interior das escolas de dança torna-se insuportável, a panqueca escorre junto com o suor e de hora em hora é preciso refazer a fachada...

na", deve se dedicar inteiramente ao órgão que ajudou a fundar.

A contribuição sindical sobre a sete mil e quinhentos cruzeiros mensais e dentro de alguns meses estará passando da casa dos dez mil. Se isto não for suficiente será aumentada a taxa mensal, pois as bailarinas poderão e estarão dispostas a pagar mais, desde que usufruam reais benefícios do sindicato.

VAMOS ENTRAR NUMA ESCOLA?

Madrugaremos um pouco, quer dizer, entraremos antes das nove, para apreciar com calma o ambiente. As oito, abrem-se as portas. Entram os picotadores, os garçons, os músicos das orquestras, porteiros e mais empregados. As moças vão chegando. Geralmente bem vestidas, pois a aparência influi bastante sobre o ânimo dos frequentadores. Há um camarim comum onde guardam seus casacos e onde se pintam e se ajeitam para o trabalho. O espaço do camarim é diminuto para a vinte ou trinta que se aglomeram lá dentro o resultado é que aquilo lá mais parece a ante-sala de uma câmara de tortura tal é a gritaria, confusão e atropelo. ... Antes do camarim as bailarinas passam pelo livro do ponto para consignar a sua presença. Algumas levam bem uns cinco minutos para desenharem o nome. As mais afoitas, mal a orquestra inicia a primeira música, vão para as suas cadeiras, em redor da pista, aguardar o seu primeiro par. As mais bonitas, de corpo mais bem feito, começam a

dançar às nove e vão assim — quase sem interrupção — até às duas da manhã. Os pretendentes fazem uma verdadeira fila. Jurema, uma veterana, detem há muitos anos um dos primeiros lugares como dançarina. Seu ordenado ainda hoje alcança de quatro a cinco mil cruzeiros mensais e já houve época em que fazia sete mil cruzeiros com facilidade. E' que os tempos eram melhores, não só pelo dinheiro que corria à larga, como pelo horário das escolas que ia até às quatro da manhã, como ainda hoje acontece em São Paulo. A polícia do Rio diminuiu esse horário.

E' PROIBIDO O BAMBOLEIO

A polícia, de vez em quando, interfere na atividade profissional das bailarinas. Muitas das medidas, justo é declarar, são bem intencionadas e oportunas, como por exemplo a obrigação de durar cada número de dança o mínimo de três minutos. A ganância de alguns proprietários impunha à orquestra tal ligeireza na execução das músicas que o maestro em cinco minutos fazia o "jazz" tocar um samba, um foz, uma rumba e um bolero. O sujeito se levantava da cadeira para dançar o "Tico tico no fubá" e quando chegava no salão já a orquestra estava na introdução do "Pampa mia". Era um horror! Só se ouvia tic-tic-tic-tic — o barulho do picotar no cartão do paciente. Aliás muitas escolas já não estão observando o tempo determinado. Uma ordem interessante, ao que parece o da Dele-

gacia de Costumes, foi dada há alguns anos atrás e proibia terminantemente às bailarinas "excessos de bamboleio". Nada de deslocamentos de quadril à maneira de Carmen Miranda! Muito comedimento... E a ordem foi tão severamente fiscalizada que modificou o jeito de dançar das bailarinas cariocas de uma vez por todas...

A HISTÓRIA DE CADA UMA

Enquanto o nosso fotógrafo aproveita vários aspectos, nós vamos escolhendo ao acaso algumas das pequenas para tomar um ligeiro depoimento. Uma morena tem se esquivado habilmente às fotografias. Insistimos para que se sente à nossa mesa. E Neusa, depois de criar um pouco de confiança, nos conta pedaços de sua vida de bailarina.

Neusa é bem moça e bonita, de olhos e cabelos negros, olhar suave, dentes alvíssimos e modos quietos de menina do Sion. Neusa trabalha cinco horas por noite, como dançarina. Veiu do norte há quase nove anos. Perdeu o pai, logo após, e teve que se tornar o chefe da casa, tomando a responsabilidade de sustentar sua mãe, sua avó e seu irmão de nove anos, que era toda a sua família. Que poderia fazer no Rio, moça com poucos estudos e tão grandes encargos? Neusa nos conta como tomou a sua resolução.

— Uma conhecida me tentara para trabalhar em "dancings", lugar do qual eu não fazia a menor idéia. Depois de algumas explicações eu me decidi e uma noite avisei lá em casa que iria procurar um

emprego no teatro. Desci as escadas da Escola sem saber como me apresentar. Quando me vi diante do gerente perguntei — "Bôa noite: O senhor precisa de uma boa dançarina?". O gerente riu-se da simplicidade com que eu me candidataba.

E assim Neusa teve o primeiro emprego de sua vida. E o pessoal de casa — diz ela — pensava a princípio que eu trabalhava no teatro. Mas o horário da escola vai até muito depois das últimas sessões teatrais e eu tive que explicar qual era, de fato, a minha profissão.

— Foi difícil a explicação?

— Se foi! Todo o mundo ficou contra mim. A vizinhança quando soube que eu era bailarina de "dancing" me olhava como se eu já tivesse descido o último degrau da depravação da desonestidade. Vóvo não se cansava de chorar e de lamentar a "infelicidade" que caíra sobre sua neta. Quase desisti. Mas havia muita conta para pagar e nós não tínhamos dinheiro. Fui ficando. Lá em casa o ambiente mudou pouco depois, quando viram que meus modos não se transformavam. Acabaram se convencendo que isto aqui não é a escola de corrupção, que se propala, embora eu reconheça que haja exemplos de bailarinas que justificam a por fóra esse péssimo conceito.

— Sua avó conformou-se?

Neusa sorri e confirma.

— Hoje está até orgulhosa da sua neta. Toda a madrugada espera por mim, para me dar um jantarzinho e sua bênção, antes de me deitar.



Aqui estão quatro diferentes tipos de bailarinas dos dancings", da cidade: Dora, Nair, Dulcinéa e Walda. Walda, a lourinha, a direita, em baixo, declarou: "Deixei o comércio porque salário mínimo não enche barriga".



SONHO QUE O DESTINO DESTRUIU

Neusa está sentada com o repórter a uma mesa do salão. Habitualmente isso não lhes é permitido. Cada dançarina tem sua cadeira marcada, em redor da pista, e aí elas aguardam os seus pares para as danças. Não podem beber e nem mesmo sentar-se para uma conversa. Os "habitués" que não sabem do motivo da nossa palestra estão admirados com a exceção. Mas o repórter tem ainda muito que perguntar e Neusa vai ficando.

— Gosta do emprego?

— Seria muito melhor se não houvesse tamanha onda de descrédito, pesando sobre as que trabalham aqui. Mas o ordenado é razoável, bom mesmo, considerando-se que muitas de nós não sabemos fazer outra coisa a não ser dançar.

— Quanto ganha?

— Em média, três mil cruzeiros mensais. No inverno entretanto o ordenado diminui. Com o frio os frequentadores bebem menos e havendo menos álcool, a animação diminui. Quanto maior é o calor aqui dentro, mais se sua e mais se dança. Durante a guerra — todo o mundo parecia nadar em dinheiro — havia meses em que fazia de quatro a cinco mil cruzeiros. Agora tenho que gastar muita sola de sapato para fazer mesmo três mil.

— Pensa trabalhar por muito tempo aqui? Não pensa em casamento, ou acha isso difícil?

— Seus olhos negros ficam ainda mais suaves. Está se lembrando de alguma coisa que a fez muito feliz. Responde-nos depois baixinho:

— Quanto à sua primeira pergunta vou lhe contar um segredo. Mas não publique isso: sou aluna de uma Escola de Costura. Minha mestra diz que vou ser uma ótima costureira e logo que esteja

habilitada deixarei o "dancing". Não é por desprezo, mas é tão difícil a gente pensar em casamento quando se trabalha aqui!...

E conta-nos sua grande aventura amorosa. Um ano depois de trabalhar na escola conhecera ali mesmo um jovem aviador. O flirte inconsequente terminou em uma paixão profunda. Ele lhe propôs casamento, apesar da forte oposição de sua família, que não via com bons olhos a futura noiva. Mas isto não interessava ao tenente-aviador e o casamento foi marcado. Para Neusa era o máximo que poderia desejar: um lar tranquilo, um marido amoroso e sossêgo para sua pequena família para o resto da vida. Falta-vam poucos meses para o casamento. Neusa deixara de trabalhar por exigência do noivo e preparava o enxoval. Um dia o telefone tocou em sua casa. A notícia incerta das primeiras horas confirmara-se mais tarde no noticiário dos vespertinos. Um avião de treinamento espatifara-se contra o pico do Itatiaia. Seu noivo fôra encontrado carbonizado, entre os destroços. Seu sonho desfez-se com a morte do noivo e teve que voltar a trabalhar para ganhar a vida.

— Não tem esperança — perguntamos — de encontrar um novo amor?

— Nenhuma. Talvez quando deixar o "dancing" e me diplomar em costura. Lá fora, com a nova profissão, pode ser que encontre um novo amor. Até lá tenho que trabalhar muito...

UMA ALAGOANA DE FIBRA

Dulcinéia tem vinte anos de idade marcados em seu registro civil e um palminho de cara que aparenta quinze ou dezesseis, no máximo.

Mas tem, interiormente, a ténpera de

quem luta pela vida há longos anos. Nada mais ambiciona do que cuidar bem de sua filhinha.

— Mas com tão pouca idade! Perguntamos indiscretos.

Dulcinéia não se aborrece com a pergunta. Dá-nos a impressão de que vive sua vida à parte, sem se importar com o que pensam dela. Responde orgulhosa:

— Minha filhinha tem quasi dois anos. Chama-se Dirce e é doida pela sua mamãe. Por sua causa é que eu me mato toda a noite aqui, na esperança de juntar algum dinheiro para o futuro ou quem sabe...

— Um outro casamento... — aventamos.

— Não seria outro. Seria o primeiro. (e antes de qualquer pergunta, ela conta naturalmente). O pai de Dirce era marinheiro, maquinista da Marinha. Morreu durante a guerra, quando o seu noivo foi torpedeado pelos alemães. Nosso casamento estava marcado para quando regressasse dessa viagem de que nunca mais voltou. Dirce nasceu e eu tive que trabalhar para sustentá-la e também à mamãe, com quem fica entregue. Vivemos só nos três aqui no Rio. Todos os outros parentes estão em Alagoas...

Nesse instante outra dançarina que ouvira a conversa recomendou que não dissessemos o nome verdadeiro da entrevistada, pois os seus parentes de Alagoas que nada sabem de todo o ocorrido poderiam voltar-lhe as costas, por tudo isso. A voz enérgica de Dulcinéia interrompeu a recomendação.

— Nada disso. Escreva tudo como contei, porque isso é verdade e de nada me envergonho. Só terei de dar satisfações do que sou e do que fiz à minha filha e ela compreenderá mais tarde como estou

me sacrificando pelo seu futuro. Que me interessa que os outros pensem mal de mim, se eu mesma acho que estou fazendo o máximo que posso?

A outra não respondeu:

OS DESEJOS IRREALIZADOS DE ISA

O repórter conversa com uma dezena de bailarinas; a história de algumas é banal. Ausência de ambições, indiferença pela vida que levam e pelo próprio futuro. Mas aparecem garotas com personalidade, que sonham e esperam melhores dias. Isa, uma fluminense tímida está entre estas últimas. Isa teve e continua tendo uma mocidade frustrada. Se Oa sua profissão estivesse colocada em outro nível, se fosse olhada pela sociedade com um meio honrado de ganhar a vida, Isa seria mais feliz. Quando lhe perguntamos se estava satisfeita em sua profissão, sua alma subiu à tona e seus desejos explodiram.

— Minha ambição é ter minha casa, meus filhos e viver tranquila! Acho que nunca terei o que desejo! Vou envelhecer dançando, sem maiores esperanças. Quando estiver velhinha, sem um tostão guardado, não sei o que será de mim...

— O dinheiro não sobra para juntar?

— Qual, nada! Durante os anos de guerra, quando fazíamos bastante, de quatro a cinco mil cruzeiros por mês, cheguei a botar na Caixa doze mil cruzeiros. Veio depois uma doença séria, fui obrigada a ficar três meses de cama e todo o dinheiro guardado desapareceu. Agora, nem mesmo esperança de poder juntar mais eu tenho...

— E se aparecesse um casamento?

Isa sorri da nossa ingenuidade:

— Seria mais fácil tirar a sorte grande do que arranjar um casamento. Propostas para que a gente deixe de trabalhar

Em baixo: As bailarinas à espera do dançarino desconhecido. Uma das que aparecem na foto confessou: — "Não sabemos fazer mais nada senão dançar. Se não existisse os "dancings", que seria de nós?" O sindicato corrobora dramaticamente. Mais da metade das bailarinas dos "dancings" são analfabetas. Tencionamos abrir um curso de alfabetização para melhorar o nível intelectual da classe". Na página ao lado: a bailarina Dulce, que poderia estar no cinema...









Na página à esquerda: A 2 horas da manhã, a bailarina Ionice está com os pés em brasa. Furo mais de um cartão, perto de duzentos cruzeiros. Para isto, suou bastante, foi pisada, sorriu por obrigação, enfim, trabalhou a valer e o picotador marca o resultado de sua noite de trabalho.

aquí não faltam, mas nenhuma delas vai até ao casamento. Um caso como o de Neusa é exceção. Os homens nos consideram como ótimas bailarinas, boa companhia quando se divertem, mas é só... E olhe que pequenas bonitas e direitinhas não faltam aquí dentro.

AS QUE CONSEGUIRAM CASAR-SE

Esta possibilidade de casamento é assunto que interessa a todas e forma-se uma discussão a respeito das probabilidades. Depois de muita contrariedade tomamos os dados concretos. Estamos num dos melhores "dancings" da cidade, em que o número de bailarinas se aproxima de cem. Quase todas são bonitas e a maioria de uma conduta excelente. Em

três anos, entre essas cem pequenas, somente cinco conseguiram contrair matrimônio. Uma delas foi para São Paulo; outra para Buenos Aires, onde o marido possui uma casa de joias; duas voltaram com seus esposos para seus Estados natais, no Norte, e, a quinta — coisa que deixará pasmo aos maldizentes — tornou-se professora de uma escola rural em Nova Iguaçu, município onde trabalha seu marido. Nós conhecemos pessoalmente um outro caso. Uma loirinha de nariz arrebitado, de arzinho petulante e de modos corretíssimos, depois de trabalhar alguns anos no Assrio, no tempo em que ali funcionou uma escola de dança, apaixonou-se por um rapaz de uma boa família de Copacabana. Hoje formam um dos casais mais felizes da

cidade. O índice de casamento, como vimos, não chega a dois por cento anualmente. E no entanto, oitenta por cento daquelas garotas, seguramente, não desejam outra coisa que um lar e uma vida tranquila.

NADA DE SALARIO MINIMO

Walda completou há muito pouco tempo as dezoito primaveras necessárias para exercer a profissão de bailarina. Há muito tempo que essa lourinha que lembra vagamente Betty Grable esperava essa oportunidade. Estava cansada de se estafar durante oito horas diárias defronte de um balcão, vendendo luvas e meias na Cavenelas — seu primeiro emprego —

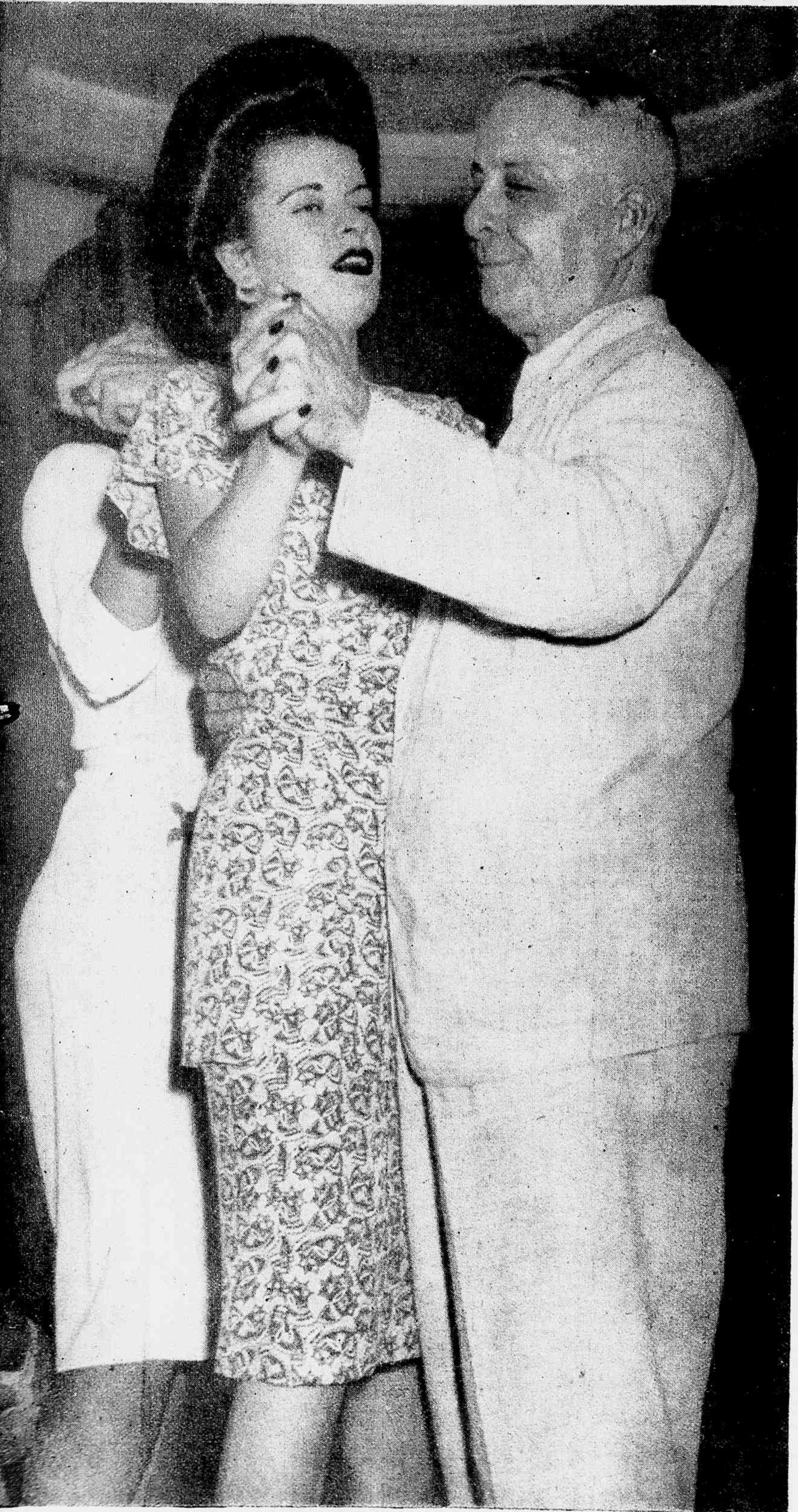
e, depois, artigos de senhoras na Exposição Carioca.

— Trabalhar no comércio é muito duro, — diz-nos Walda. — Nunca se tem dinheiro. Nunca se tem tempo para coisa alguma. E que é que se ganha com isso? Um nome de "moça direita", coisa que não resolve as necessidades de ninguém.

E' preciso que esclareçamos que Walda trabalha como bailarina há apenas dois meses. Para essa mocinha que morou no subúrbio e sofreu todas as amarguras das sacrificadas comerciárias do Rio, essa nova vida parece um El-Dorado. Seu ordenado que varia de três mil a três mil e quinhentos cruzeiros é uma verdadeira fortuna em comparação com os míseros quatrocentos cruzeiros que recebia no comércio.

Da esquerda para a direita: A bailarina Ivete, ao chegar, guarda no escaninho numerado os seus objetos. Ao centro, uma das campeãs de dança posa para o fotógrafo, com um cartão totalmente picotado. A direita a bailarina Neusa recebendo o seu dinheiro na caixa da "escola".





— Não sei em que gastar o ordenado de agora — diz-nos ela.

— Você parece muito satisfeita...

— Não quero outra vida. Acho que seerei bailarina durante o resto da existência. Meu irmãos e meus parentes não querem me ver nem pintada, depois que abandonei minha casa. Mas o que me interessa é que agora eu tenho uma vida de princesa.

— Você abandonou sua casa pelo "dancing"?

Ela ajeita um cachinho de seu penteado, sorri cinematograficamente e responde:

— Bem... Não foi bem assim... Houve uma atrapalhada na minha vida, que eu não posso contar agora... Tive que sair de casa e resolvi, então, mudar de emprego. Minha família julga que eu sou uma desmiolada. Entretanto, meu ordenado me permite levar uma vida bem direita, sem precisar dos favores de quem quer qu seja.

Waldo estava ansiosa para que a deixassemos. Embora o salão estivesse vazio, a orquestra já estava afinando os instrumentos e a loirinha se foi para a sua cadeira.

— Ela é maníaca pela escola — diz outra bailarina. — E' a primeira que chega e a última que sai. Seu maior prazer é encher dois cartões por noite. Dançar para ela não é trabalho. E' diversão...

OS FREQUENTADORES DAS ESCOLAS

A maioria dos frequentadores é de homens e menores de 25 anos e maiores de 50. O preço das danças, que duram em média três minutos, não sofreu aumento com a inflação. Desde o aparecimento dos primeiros "dancings" no Rio, há dezoito anos atrás, o frequentador paga os mesmos três cruzeiros. Deve-se notar que em 1930 três mil réis eram muito dinheiro, em comparação com a desvalorização atual da moeda, mas acontecia que quando essas casas foram inauguradas, sua finalidade aparente era ensinar os homens a dançar e a bailarinas eram tidas como autênticas professoras. Com o correr dos anos o nome "escola de dança" perdeu o sentido, transformando-se em centros de diversão noturna. O ordenado das antigas professoras e das modernas dançarinas foi sempre o mesmo: comissão de cinquenta por cento em cada dança. O que variou um pouco foi o tempo de duração das músicas. Uma bailarina que danse regularmente durante as cinco horas de função, nunca deixará de encher o seu cartão, o que ignifica, em média, cem cruzeiros por dia. Mas existem também as que passam quase a noite inteira sentadas e, ao fim de tanto tempo, dançam, apenas, quatro ou cinco vezes. A desproporção entre os ordenados das bailarinas é enorme, o que faz com que a luta das desfavorecidas para conseguirem um bom par seja titânica. Uma dessas "esquentas-cadeira" que, talvez por vergonha, não quis ser fotografada nem dar o nome, assim resumiu suas desventuras.

— Quando encho o meu cartão houve alguma coisa especial. Os bons fregueses são os homens de idade que, quando levados numa boa conversa, se esquecem de que o tempo está correndo e continuam dançando. Mas os velhotes não são muitos e quase todos já têm par certo. Os estudantes jovens, com pouco dinheiro no bolso, servem só para amolar. Dançam uma no máximo duas vezes, e se vão logo sentar.

— Qual o mínimo que você faz, dançando?

— Não passo nunca de mil e duzentos cruzeiros, variando entre oitocentos e mil nos meses de inverno. Mesmo assim não me danta mudar de profissão. Que trabalho aí fora me pagaria isso? Veja quanto ganhava a Walda trabalhando oito horas por dia... Quatrocentos cruzeiros!

Nesse momento ela interrompeu a conversa e despediu-se. Chegava um senhor aparentando ter uns sessenta anos, mas ainda lépido, e querendo fazer crer que transbordava de juventude.

— Quando chega esse fazendeiro — disse-nos uma outra — ela é capaz de furar dois cartões...

As pessoas de idade são as preferidas pelas bailarinas.



EMA D'AVILA começou sua carreira artística na Rádio Sociedade Gaúcha, onde a foi buscar o saudoso Jardel Jercolis para a sua companhia de revistas. Nesta, estreou na peça "Goal", sendo bem recebido pela crítica. Passou logo a interessar outros empregados, tendo trabalhado com Alda Garrido e, mais tarde, com Deolorges Caminha, quando este excursionou pelo Norte. A convite de Floriano Faissal, a artista gaúcha voltou ao "broadcasting" através do programa "Coisas do Arco da Velha", irradiada pela PRE-8, aos domingos. Dessa audição passou para "Tancredo e Trancado", outra interessante atração dominical da Nacional que conta ainda com o concurso de Apolo Corrêa e Brandão Filho. Também participa da irradiação de várias novelas, entre as quais "A Filha adotiva". Anima as audições do Programa Cesar de Alencar e contribui para o êxito de outras tantas apresentações. Irmã do ator Walter D'Avila, Ema D'Avila é casada, possuindo um garoto muito esperto, chamado na intimidade de "Seu Quincas". Além de artista cômica, é uma apreciável pianista, dedicando-se nas horas de folga a executar as melodias clássicas e populares. Até à presente data, nada quis com o cinema, apesar dos insistentes convites que têm recebido para tomar parte em películas nacionais. Gosta muito do lar e lê todas as revistas de decoração. Sua maior ambição é ver o filhinho formado.



OSVALDO GOMES CANECCHIO outro não é sirão o popular Badu. Cômico que a Rádio Tupi lançou com absoluto sucesso e Chianca de Garcia está apresentando no Carlos Gomes, no seu atual elenco. Formado pela Escola Normal de Campinas e tendo feito o curso médico, achou melhor enveredar pelo rádio, explorando a difícil arte de fazer rir aos outros. Assim, chegou à presente e invejável situação, depois de ter integrado o "cast" da PRC-3, de Campinas, e o da PRG-2, de São Paulo, onde formou entre os componentes da "Brigada da Alegria", como a "melhor voz da terra bandeirante". Tomou parte no "show" da Vitória, visitando Fernando Noronha, Dakar e as Guianas, locais em que pôs à prova seus recursos humorísticos para alegrar os soldados da FEB. Em 1946, atendendo a um chamado da Tupi Carioca, transportou-se para o Rio, vindo animar as audições de "Rádio Sequências G-3", além de formar como itinerante no "Trem da Alegria". Nessa apresentação é que Chianca de Garcia o foi buscar para seu elenco, cabendo-lhe papel de relevo na peça "Um milhão de Mulheres". Artista cem por cento, Badu nem parece o estudioso dos assuntos de fisiologia, sua especialidade na ciência médica. A propósito, podemos adiantar que ele prepara importante tese sobre a lepra e tuberculose, a ser apresentada em breve aos científicos. Contando vinte e nove anos de idade, pois nasceu a dois de fevereiro de 1918, Badu tem garantida sua posição no rádio brasileiro, dentro em breve esperando visitar Portugal.



HEITOR DE CARVALHO, locutor brasileiro, recém-chegado de Londres, onde atuou ao microfone da BBC, nos programas falados em português, é pernambucano de nascimento. Rádico no Rio deste garoto, exerceu as mais diferentes profissões, inclusive a de comerciário. Trabalhando de dia e estudando à noite, travou conhecimento com um professor de música, o qual prognosticou-lhe brilhante futuro no rádio, levando em consideração o tom abirltonado da sua voz. Tanto bastou para que, no decorrer de 1940, Heitor de Carvalho ingressasse no quadro de locutores da Rádio Fluminense, trabalhando sem receber um centavo. Tempos depois, atendendo a um convite do Escritório do Coordenador de Assuntos Inter-Americanos, entrou para a Rádio Club do Brasil, como "spaker" de um programa desse departamento. Um ano mais tarde, passou para a Tamoio, onde trabalhou em "A marcha da guerra". A seguir, esteve na Rádio Mauá, de onde saiu para a Nacional, posto em que permaneceu até sua ida a Londres. Na BBC sua atuação foi das mais profícuas, contribuindo para a melhor apresentação do noticiário informativo que essa estação mantém para a América Latina. Heitor de Carvalho percorreu vários países da Europa, colhendo dados e informações sobre as nações visitadas. Esse material ele pretende reunir em volume sob o título de "Impressões de viagem". No momento, o "speaker" patricio está descansando um pouco, devendo reaparecer aos seus "fans" no decorrer do mês de Junho.



GRAZIELA RAMALHO, radio-atriz exclusiva da PRE-3, é um elemento a que o "broadcasting" carioca ainda não soube dar o devido valor, preferindo-a em favor até de canastrões. Conhecendo a fundo a arte de dizer ao microfone, sem que faça disso estardalhaço, mantém-se firme no "cast" da Rádio Globo, emprestando seu concurso aos espetáculos de teatro cego, na qualidade de artista característica. Seu extraordinário poder de caracterizar tipos, levou Amaral Gurgel a entregar-lhe papéis de responsabilidade nas suas novelas, além de incluí-la em outras peças. A festejada artista se tem mostrado a vontade, nas diferentes interpretações. Descoberta por Alvaro Zarur, da passagem deste pela direção artística da Rádio Transmissora, surgiu através do "Teatro de Gente Nova", onde fez sua prova de fogo. A seguir, quando a PRE-3 passou a novos donos, Graziela Ramalho recebeu a incumbência de comandar os programas femininos até o ingresso de Sagramor de Scuvero naquele prefixo. Tomou parte na primeira novela apresentada pela Globo e contribuiu para o êxito dos "broadcasts" de Jesy Barbosa, vivendo diversos "sketches" ao lado de Alvaro Diniz e bancando a cosinheira de "Cozinhando pelo Rádio". Sua criação máxima em novelas foi o de Felisberta, esposa do compositor Julião, no trabalho de Pedro Anísio, intitulado "Prisioneiro do Sono". Fora do rádio, a exclusiva da PRE-3 dedica-se ao lar e nas horas de descanso gosta de fazer tricô. Apreciadora da leitura, sua preferência recai nos romancistas brasileiros.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS



Cena de "The Overlanders", vendo-se ao centro "Chips" Rafferty, o ator central do filme.

A AUSTRÁLIA TAMBÉM FAZ CINEMA

EM 1942, quando a Austrália estava ameaçada pela invasão nipônica, o governo decidiu movimentar milhares de cabeças de gado do noroeste do continente para Perth, 2.000 quilômetros ao sul, e para Brisbane, 2.650 quilômetros a leste.

Aquela tremenda tarefa que principiou na hora do pior perigo, forma o tema dum filme produzido na Austrália, com a minha colaboração e por conta dos "Ealing Studios, London". — "The Overlanders". Esse filme, exibido nos Estados Unidos, obteve "três estrelas" como cotação da crítica norte-americana.

Estou muito contente de termos feito esse filme, porque acho que o resultado justifica o esforço, mas quase creio que,

"The Overlanders", um filme de ação, ao ar livre, logrou obter "três estrelas" como cotação da crítica americana — Um vaqueiro que se tornou "astro" do cinema inglês.

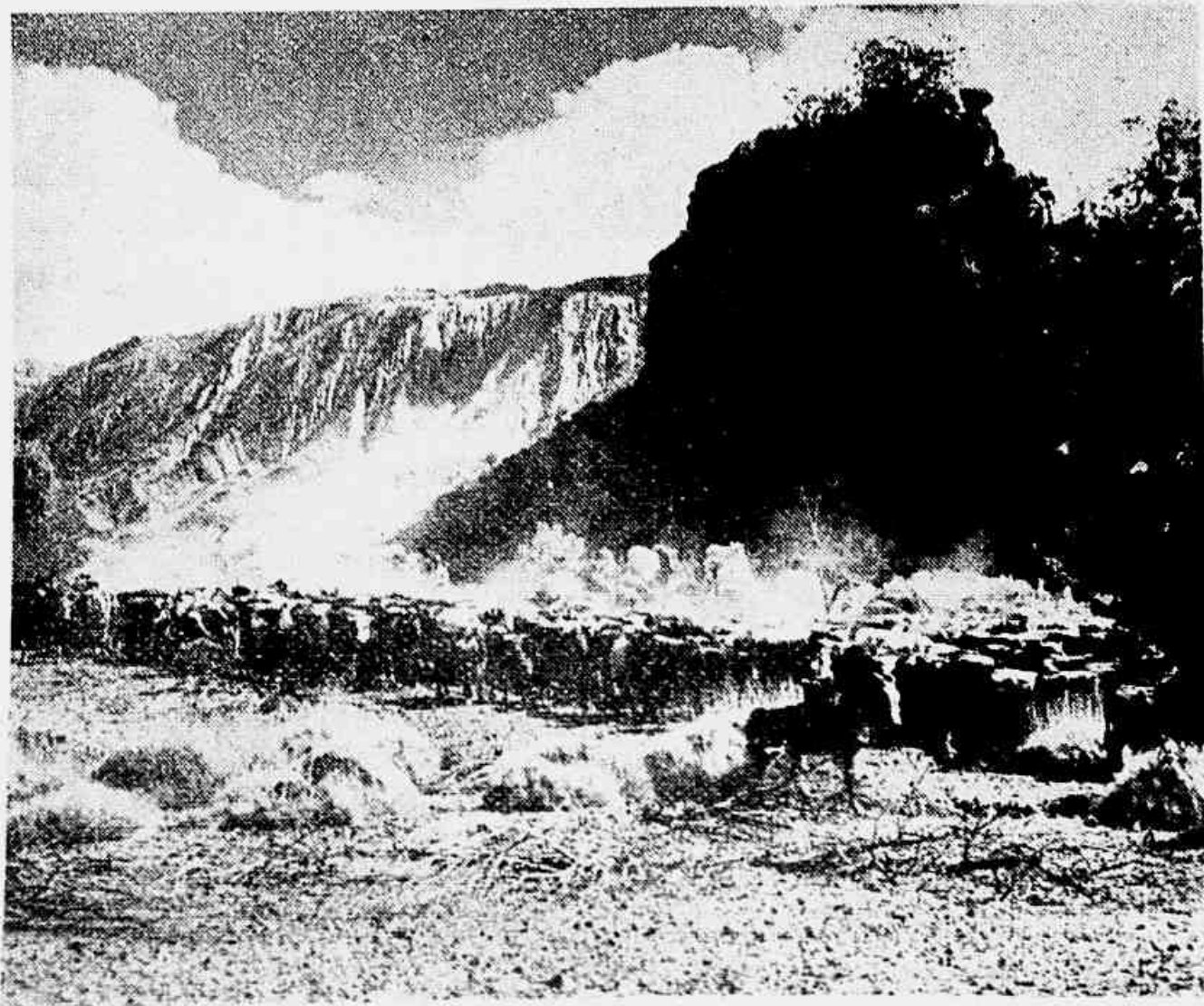
Por HARRY WATT — Especial para
"REVISTA DA SEMANA"

se tivéssemos sabido quais seriam nossas dificuldades, teríamos renunciado ao tema da migração do gado e escolhido algo menos ambicioso. Depois de acabado o "script", principiamos a escolher o elenco. Não gosto que haja convencionalismo nisso, de modo que submetemos a teste gente de todas as classes sociais,

inclusive um fotógrafo ambulante, um médico eminente, um marujo da marinha mercante e duzias de outras pessoas dos mais diversos meios. Naturalmente submetemos também muitos atores profissionais a testes, pois é impossível sustentar um filme de longa metragem sem alguns atores experimentados.

Mas, às vezes descobre-se um amador que é exatamente o que se deseja. O elenco final de sete atores principais, escolhidos após dois meses de procura, consistia de alguns artistas profissionais, um amador experimentado e dois que nunca tinham atuado num filme. E também dois indígenas que aparecem em todos os episódios do filme. Esses rapazes, Clyde Combe e Henry Murdoch, provaram ser atores de primeira ordem, muito inteligentes e de rápida compreensão. Desmentem, de certo, o preconceito de que os aborígenes australianos são homens bestiais das cavernas. Sempre os achei vivos de espírito e gostei de trabalhar com eles. Foi em Sidney que principiamos o nosso filme, com 20 técnicos que

A esquerda: As cenas ao ar livre de "The Overlanders" revelam as belezas paisagistas da Austrália. A direita: Aqui está uma das cenas do filme, australiano, que Hanry Watt dirigiu para a Ealing, companhia distribuidora inglesa.



nunca tinham trabalhado numa película de grande metragem.

Quando acabamos a primeira sequência, a Real Força Aérea Australiana carregou o grupo todo para nossa primeira base importante, Alice Springs. A viagem de 1.400 milhas fez-se num dia. Minha impressão mais duradoura da Austrália é seu tamanho. Para nós, europeus, uma viagem, digamos, de Roma a Londres, representa uma coisa a ser empreendida com cuidado e deliberação. Alice Springs, nossa primeira base, porém, dista de Sidney exatamente duas vezes mais do que Roma dista de Londres. E para o australiano comum, uma jornada dessas é apenas fatigante. É o tempo gasto, e não a distância, que o impressiona.

Em Alice Springs, instalamo-nos num acampamento militar abandonado, e principiámos a vida que iríamos levar durante quatro meses e meio.

A rotina diária principiava com o café, às 6 horas e 45 minutos. As 7 horas e 45 minutos empilhávamo-nos nos caminhões e outros veículos do exército. Iamos agasalhados com suéteres e casacos, pois o clima do centro é o verdadeiro clima do deserto, com noites muito frias e dias quentes e claros. Iamos para a locação, que podia distar de 30 a 40 milhas de nosso acampamento. Essa era sempre a pior parte do dia, porque viajavamos sobre meras trilhas, e o comboio logo levantava nuvens de poeira fina e penetrante.

Quando chegávamos ao ponto o desejado, montávamos as cameras e entrávamos em ação. Isso parece fácil, mas de fato, o que muitas vezes tínhamos de fazer era por atores, cavalos e gado em determinadas posições relativas ao enredo. As vezes, essas posições deviam ser as mesmas que haviam sido filmadas alguns dias antes. Não se esqueçam de que fazer um filme não é como assistir a uma peça. É fotografado em pedaços e porções. Para dar uma idéia de nossas dificuldades, suponhamos que tivéssemos decidido pôr primeiro o gado no lugar. Depois de muita gritaria e trabalho por parte dos vaqueiros, ficavam às vezes em posição. Então era a vez dos cavalos, mas frequentemente acontecia que enquanto eram postos nos lugares, a fome natural do rebanho o fazia aproximar-se da pastagem mais próxima, de modo que perdíamos outra hora, ou mais, pondo-o novamente em posição. Já então os cavalos ficavam aborrecidos e se recusavam a fazer qualquer coisa, e os atores, que também eram criaturas caprichosas, decidiam que éramos ineficazes e perdiam o interesse no trabalho. No momento em que estávamos prontos para filmar a cena, todos os artistas, humanos e animais, estavam profundamente caceteados, e nós mesmos estávamos desafiando ferozmente ter escolhido uma comédia de salão, jurando que nunca mais fariamos um filme com animais. Acabávamos o trabalho entre 5 e 6 horas e voltávamos ao acampamento aos solavancos. Mau grado tivéssemos trabalhado 10 a 11 horas, isso não significava de modo algum o fim do trabalho, para muitos do grupo. Enquanto eu trabalhava no "script" com o produtor associado, a secretaria tinha a escrever a máquina um relatório do trabalho do dia, e os diretores assistentes de preparar a folha de chamada para o dia seguinte. O departamento das câmaras devia descarregar e recarregar as máquinas e limpar meticulosamente o equipamento, o mesmo fazendo o departamento do som. A encarregada do vestiário tinha que distribuir as roupas para a manhã seguinte, e assim por diante. Trabalhamos assim seis dias por semana durante quatro meses e meio, o que me parece ser uma prova de que fazer um filme não consiste em tomar férias como pensam algumas pessoas.

Depois de dois ou três meses em Alice Springs, transferimo-nos para nossa segunda base a uma distância de 120 milhas. Lá morávamos em tendas armadas pelo exército, e a maioria de nós começou a apreciar realmente a beleza da paisagem. Nosso acampamento ficava numa região onde nunca morara um homem branco. Visto dos morros, impressionava. Tínhamos umas trinta tendas com luz elétrica e todo o conforto moderno, como chuveiros, fogões portáteis, etc.

(Continua na página 56)

Cena do filme "The Overlanders", a primeira grande película de longa metragem inteiramente filmada na Austrália



PICASSO SE TORNARÁ UM APÓSTATA?

RENOVANDO, EM ANTIBES, SUA
MANEIRA E SUA ARTE DE PINTAR,
DIZ-SE QUE O FAMOSO ARTISTA
ESTÁ NA IMINÊNCIA DE ABANDO-
NAR A PINTURA MODERNA

Por PIERO SAPORITI

DIREITOS ADQUIRIDOS A FRANCE PRESSE PELA
"REVISTA DA SEMANA"

DURANTE o ano passado, um vento revolucionário municipal, cujas peças principais e que servem de em Antibes, onde se organiza um modesto museu passou pelos vastíssimos salões do Castelo Grimaldi, polos à organização são a biblioteca deixada por Flaubert e a epigrafe, tão discutida, do jovem Septentrião.

Por ordem do Governador do Museu, uma sala grande do segundo andar, clareada mediante três vastas aberturas a pique sobre o mar, teve que ser esvasiada no espaço da metade de um dia. As vitrinas de medalhas antigas foram empurradas contra a parede, as peças arquitetônicas foram transportadas para o andar inferior e as velhas estampas relegadas para o sótão.

Ilogo no dia seguinte, uma "charrette" cheia de potes de tinta, grandes pranchas, um velho cavalete, pincéis, e paletas, descarregou toda sua bagagem na grande sala esvasiada.

Um dia depois, chegou um senhor. O Conservador do museu, que o acompanhava, deu ao guarda ordens precisas: a sala ficava à inteira disposição do recém chegado; ninguém poderia ir incomodá-lo; ninguém poderia entrar na sala. Regras severas de um clausuramento absoluto passaram a interditar, de então em diante, a grande porta de madeira chapeada de ferro que dava avesso à grande sala. Depois de tudo isso, o Conservador se foi embora; e o recém chegado ficou só.

O homem estufou o peito com haustos de ar e de sol mediterraneos, pela janela. Arregaçou as mangas e se meteu ao trabalho.

Começou por escolher, nos milhares de potes de cor amontoados num candot, um verde-tenro, com o qual, usando de comprido pincel, passou uma ligeira camada de tinta sobre a cal branca das paredes. A luz do sol, refletindo nessas paredes, tomou uma "nuança" mais doce e mais macia, por assim dizer.

Em seguida, armou o cavalete, e, sobre uma enorme mesa os potes de tinta, alinhados.

Emfim, na solidão ambiente, Pablo Ruiz Picasso — pois era ele — começou um novo ciclo de sua obra, o ciclo que poderá vir um dia a ser chamado "o período de Antibes".

Trabalhando oito horas por dia, muitas vezes até esquecendo de almoçar, ou partilhando um sanduíche com os passaros que se juntavam no peitoril da janela, esse pintor de 65 anos de idade se abandonou ao seu novo "estilo", ou sua nova "maneira".

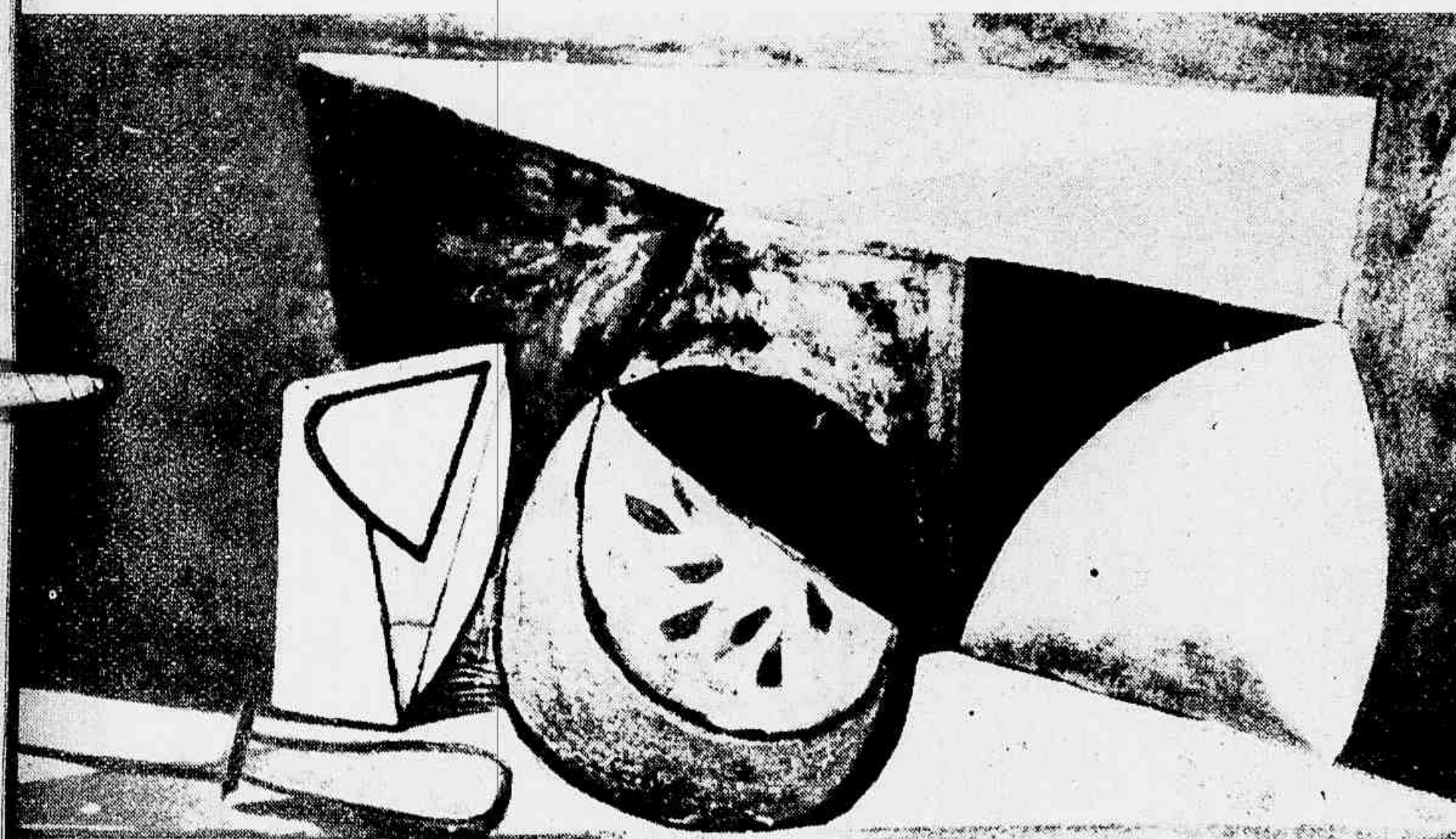
Renunciando ao ciclo de morte, de horror, de distorsão, iniciado com "Guernica", a sensibilidade do pintor se impregnava da atmosfera doce e apaziguante da Côte d'Azur. Parecia reconciliado com o mundo, e seus pincéis cantavam a cor e exaltavam a beleza.

Não mais uniformidade de tons sombrios, não mais expressões atormentadas de sofrimento, não mais macabras exasperações cerebrais; mas cores, cores vivas, vivíssimas, naturezas mortas compostas de frutas e de flores de Riviéra, com seu tom exato, o mesmo que o camponês percebe quando corta uma melancia ou colhe uma flor. E um desenho claro e límpido, como que saído de um traço só, à maneira das linhas secas dos grandes mestres de outrora, sem emendas nem volteios.

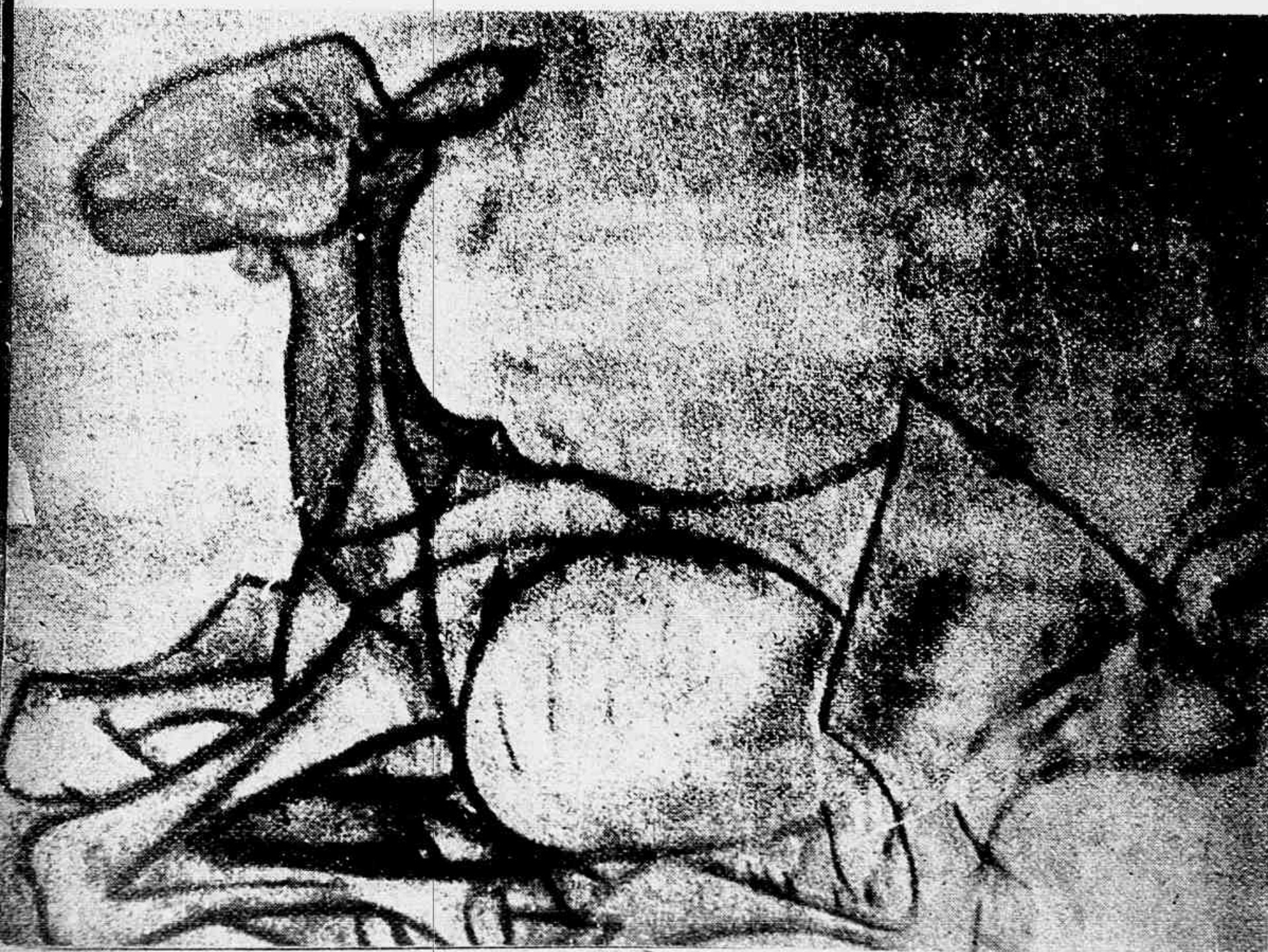
Durante quatro mezes, Picasso trabalhou desse modo, descobrindo e exprimindo um "novo eu". Fechou, depois, a porta de ferro e confiou a chave a seu amigo, o Conservador do museu, com a determinação rigorosa de que não permitisse a entrada de quem quer que fôsse. E partiu como chegara, como um pé de vento, para descansar, talvez, ou para fazer amadurecer, controlar, pausadamente sua nova maneira de expressão, a nova maneira que dele se apoderara, talvez contra sua própria vontade, no ambiente de Antibes. O Castelo Grimaldi retomou sua tranquila existência provinciana, interrompida de quando em vez pela visita de algum turista, aliás raros, que parava diante da porta fechada, sem nem de longe poder pensar que lá dentro se amontoavam, em desordem, trabalhos que eram o produto de quatro mezes de esforço do mais desconcertante e do mais incensado pintor entre todos os pintores modernos.

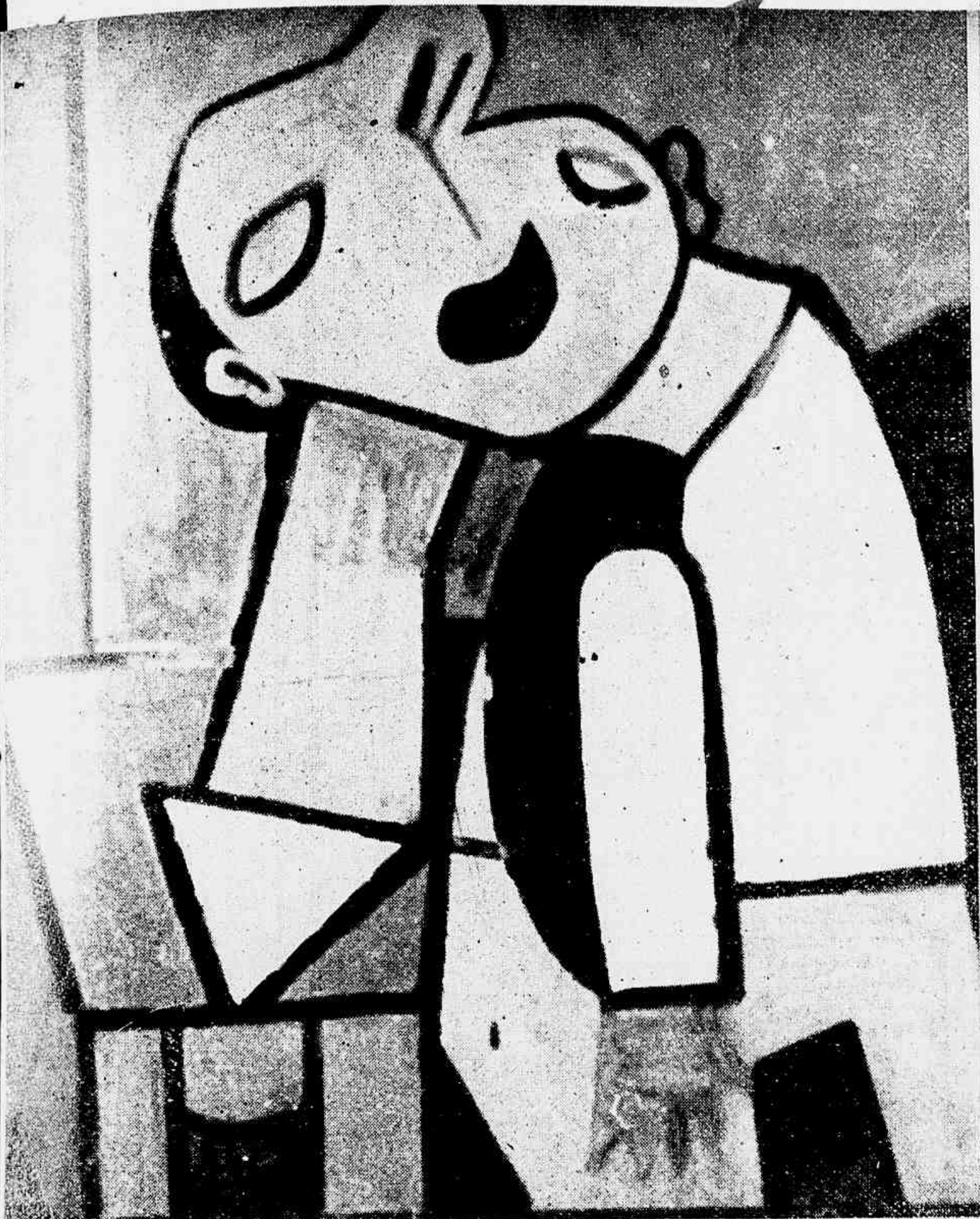
O Castelo Grimaldi se debruça, como uma silhueta massica, do mais alto cabo de Antibes. Trabalhos de res-

A escritora norte-americana Gertrude Stein, que muito contribuiu, com seus escritos, para a fama de Picasso, junto à sua galeria de obras desse pintor modernista. Ao centro, vê-se o retrato de Gertrude Stein por Pablo Picasso.



Vemos acima uma "Natureza Morta", de Picasso. Em baixo: Picasso — "Estudo em branco e negro".





A esquerda: um dos quadros de Picasso, que escandalizam os burgueses e tradicionalistas, mas fazem delirar a granfinagem e a elite intelectual. A direita: Pablo Ruiz Picasso, o "papa" da pintura modernista.

tauração enchem de cimento, de cal, de pedras, o pátio do século 13 a que uma torre quadrada domina. Sob as abóbodas, sarcófagos, epígrafes e antigos "motivos" em ferro forjado. No primeiro andar, uma sala com a biblioteca e as recordações pessoais de Flaubert, e, em outro trono, a epígrafe do "menino Septentrião". Será que assim chamado é dedicado a um menino do Norte, ou porque exalta, por meio de sete estrelas, as altas qualidades de um dançarino adolescente, como por exemplo, as "três estrelas" que são o sinal de garantia da ancianidade dos velhos conhaques? Não sabemos, e aliás é essa uma questão que tem tirado o sono de multíssimos arqueólogos e que apaixonou sobremaneira o sábio Conservador do Museu, o sr. de La Sùchere. A epígrafe dá seu nome à sala, onde abundam esculturas de épocas e estilos diferentes tendo como visinhas as vitrinas em que se conservam os antigos emblemas e estandartes da Comuna de Antibes.

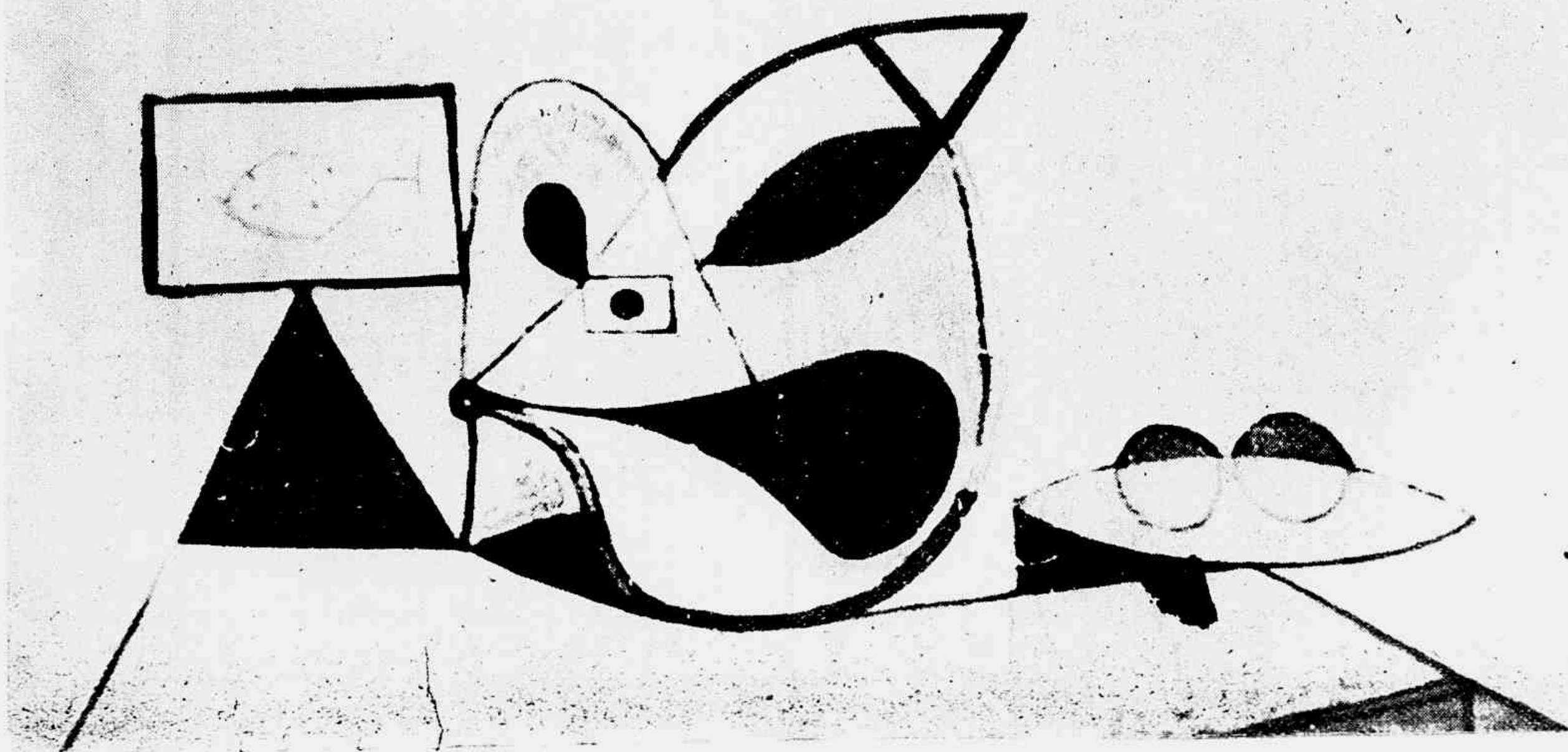
Mais acima, a porta fechada. A porta, além da qual o visitante clandestino que espera alguma tela do Catalão aformentado, toda impregnada daquele seu horror sombrio ou deformado, pé tomado, ao contrário, de surpreendente e luminosa revelação. Na desordem da peça, testemunha fiel

do pintor que nunca soube desfazer-se de qualquer objeto seu ou que tenha chamado sua atenção, mesmo por instante, e que carrega, sempre, nos seus bolsos deformados, uma multidão de pedrinhas multicores, pedacinhos de barbante, moedas fóra da circulação, flores fanadas, pontas de lapis, e preços apanhados aqui e ali, — vêm-se, alinhadas, encostadas à parede, dezenas de quadros em diversos estágios de acabamento. Algumas outras ainda se acham apoiadas ao cavalete. De todas essas pranchas (Picasso abandonou a teca propriamente dita e só pinta ou desenha sobre madeira) ondas de cores vivas descem na sala. Toda uma parede se acha oculta sob grandes desenhos em preto e branco onde a linha mais acabada recorda os clássicos da Renascença Italiana. Uma teoria de animais estilizados, dançando em redor de uma silfide, compõe um "fresco" luminoso. A imagem de enorme gazela prova todo o trabalho de pesquisa que o pintor fez da perfeição anatômica. Centenas de potes de tintas, vasos pela metade, revelam todo o cuidado que Picasso tem para com a composição da cor. Por toda a parte, pinturas e janelas que enquadram o azul do Mediterrâneo: sol, sol, sol. Num canto do cavalete uma estrela do mar.

Que resta do pintor das visões atormentadas da guerra

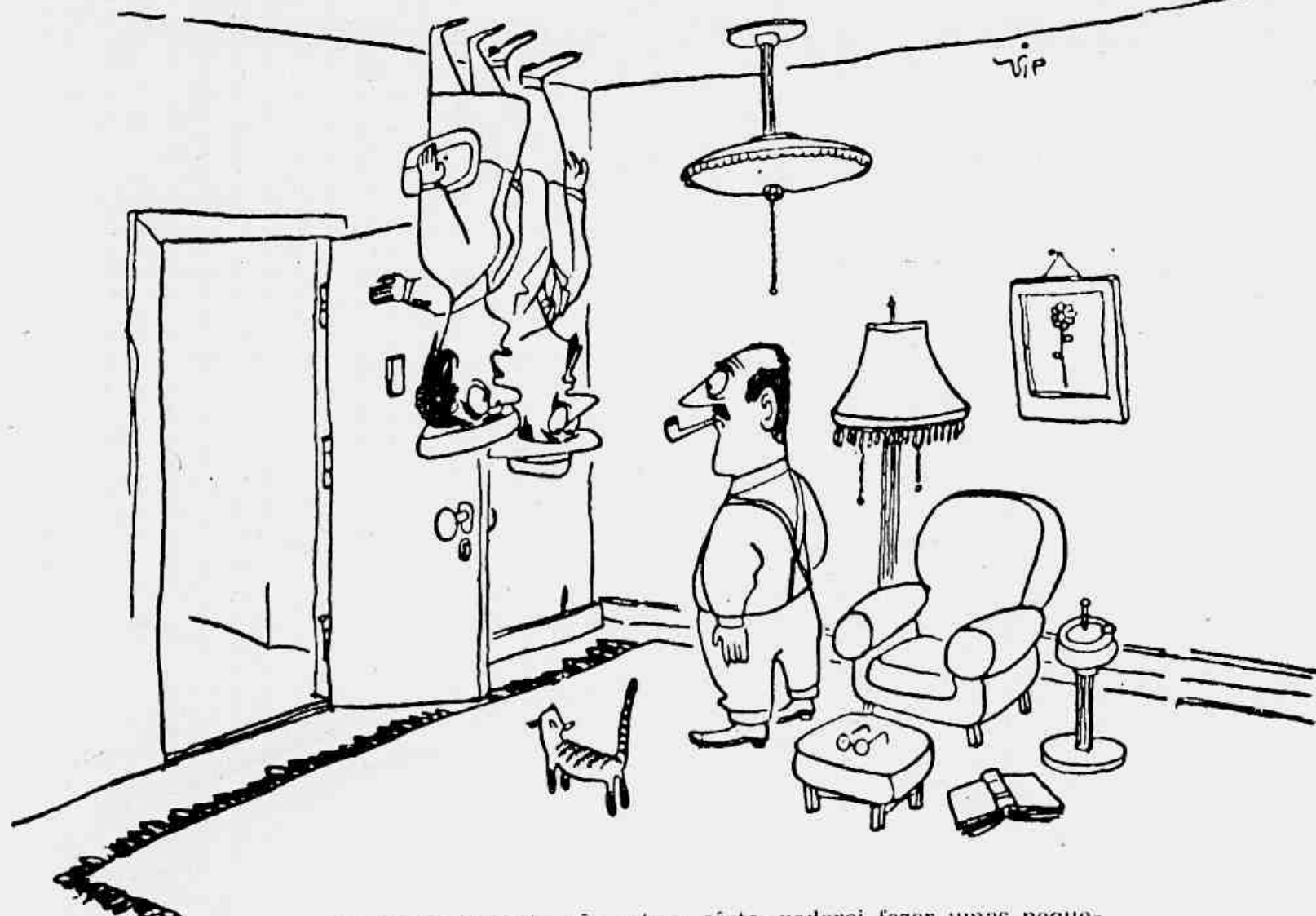
da Espanha, do revolucionário cujas telas faziam os cépticos se interpelarem a si próprios porque lado as deviam olhar? Dominado pela atmosfera meridional, Picasso, voltando talvez, às primeiras inspirações sugeridas por um pai que gostava de pintar pombos, encontrou uma nova maneira, novo estilo; pinta e desenha como um homem novo. E si ainda se acham aqui em Antibes alguns quadros que, estabelecendo uma transição entre o estilo de ontem e o de hoje, representam um homem com um olho à altura da boca não parecem, no entanto, tão estranhas como seriam antes, e não ofendem a susceptibilidade dos tradicionalistas. A riqueza das cores, a perfeição das linhas e o respeito da forma fazem com que elas sejam aceitas por todos, devido sobretudo ao sopro luminoso e poderosamente artístico que dele se desprende. Os cépticos, aqueles aos quais a vida decepcionou ou "azedou", e, com eles, todos os "snobs" que gostam de aplaudir o que não compreendem, lamentarão, talvez, o desaparecimento do Picasso atormentado e sombrio do passado, de um passado ainda muito recente. Mas as pessoas simples, que procuram na arte a evasão poética dos horrores da vida quotidiana, ficarão gratos ao novo Picasso e compreenderão sua mensagem de beleza.

Quadro da fase abstracionista de Picasso.





— Nunca pensei que ele me abandonasse antes de casar, embora sempre suspeitasse que ele o fizesse depois...

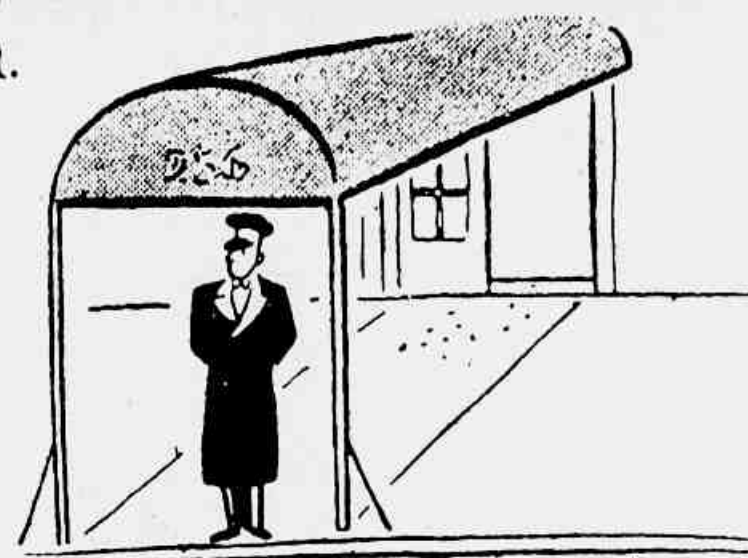


— Se o apartamento não está a gosto, poderei fazer umas pequenas alterações...

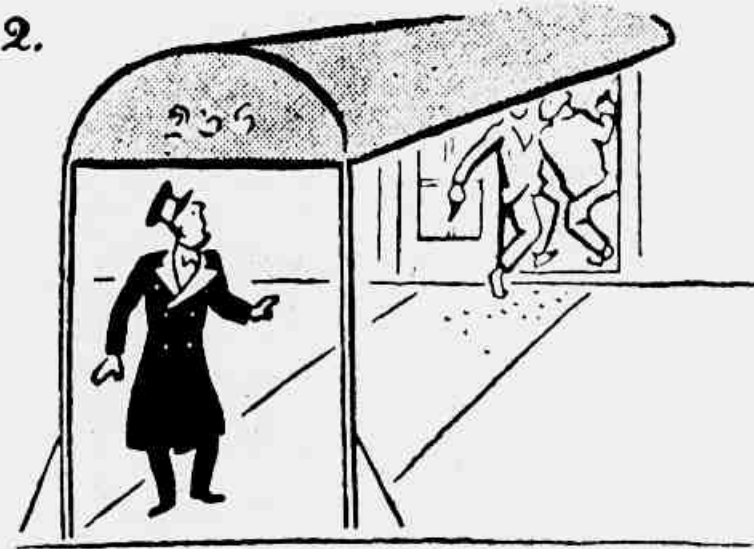


— Ainda bem que você apareceu, mana... Já estamos cansados de fazer sala ao senhor Libório...

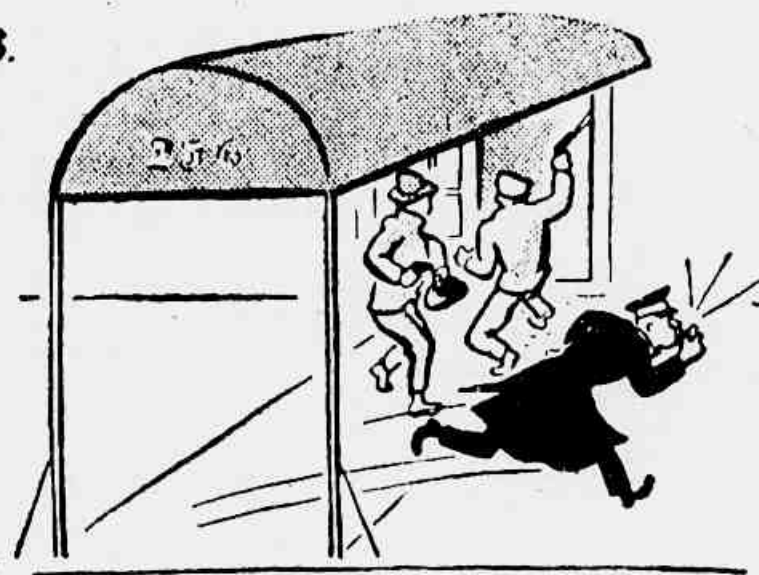
1.



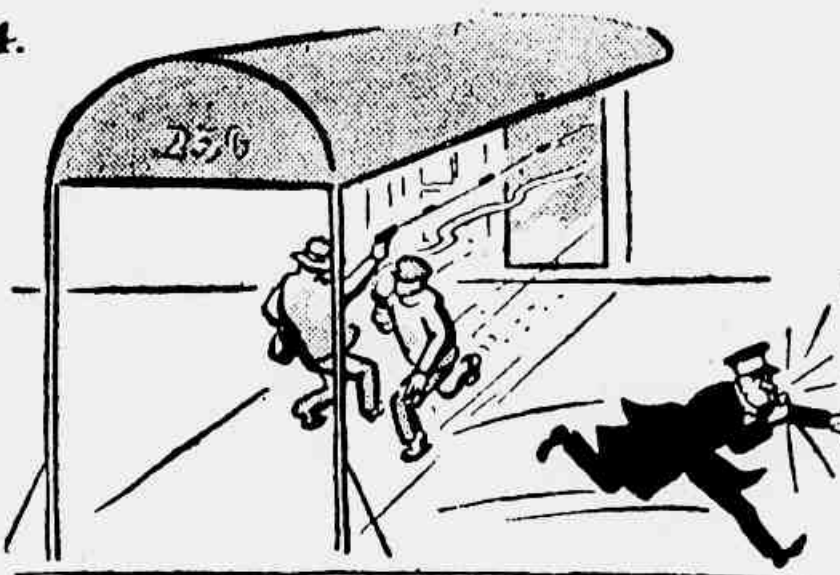
2.



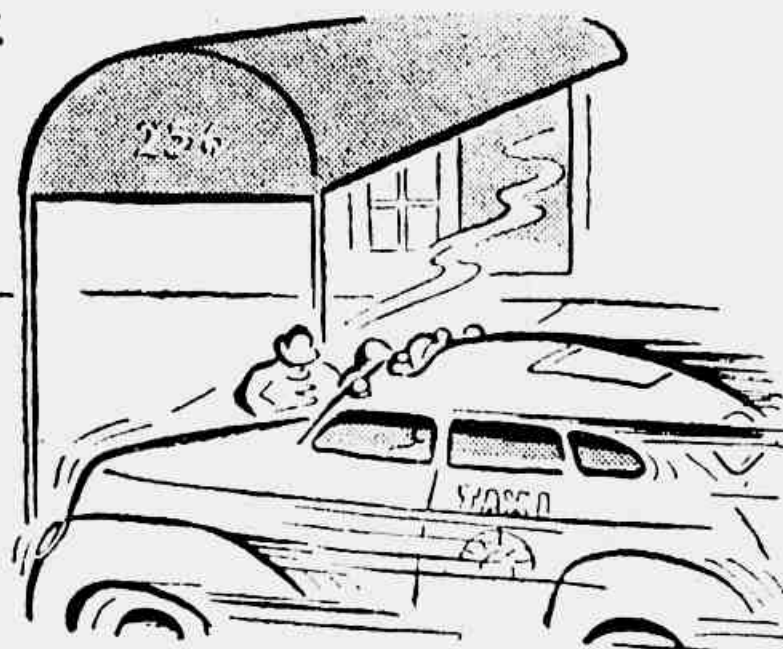
3.



4.



5.



6.



Alain

O Fantasma da Ópera



QUANDO ele entrou no café, em pleno borborinho das duas da tarde, houve no nosso grupo de passageiros em transito pela cidade um só movimento de susto e repulsão.

Os braços em ângulo contra o corpo, com as mãos pendentes dos punhos como decepadas; os longos dedos em feixes de ossos; as carnes do pescoço contraídas, a repuxarem o queixo para baixo; a boca sem lábios sulcando de vize a máscara horrenda, como golpe de navalha; os buracos das ventas negreando fundos; os olhos de peixe, redondos e duros como bolas de vidro, sem cílios nem sobrancelhas, nem palpebras talvez; as orelhas quasi soltas do crâneo pelado — nada mais perturbador e repelente do que aquela infernal carantonha.

Para mirar em torno, como não pudessem erguer a cara grudada ao tronco, o monstro revirava os olhos pavorosos, num jeito macabro, lembrando caragueijos gigantes. E, todo ele desconjuntado, um ombro erguido em geba à direita, o outro descaído grotescamente, os gestos lentos e o passo tardo, com qualquer coisa de aranha desconforme — ia de uma a outra mesa, pedinchando esmolos.

Augusto Bacelar, conterraneo amigo, que o acaso feliz pusera deante de nós, no mais alegre dos encontros, sorria-se da nossa comoção, em face daquela espantosa eversão da nobre forma humana.

— Toma, "fantasma da Opera", e deixa a gente em paz — e punha entre os dedos do avejão uma moeda de prata, a afastá-lo de nós.

Colheu-nos de chofre o apelativo estranho.

— Fantasma da Opera? Mas que quer dizer isso?

Nosso amigo depôs o chapéu numa cadeira vaga, ao lado, e, coçando os cabelos, num sestro antigo, que todos nós, outrora companheiros de ginásio no nosso Estado, conhecíamos de sobra, pôs-se a contar.

Fôra uma historia que alguns anos antes dera que falar a toda a cidade.

Criado num lar incompleto pela morte da mãe, quando o lançava ao mundo, filho único de pai abastado, Paulo Vital crescêra e se fizera rapaz entregue a toda sorte de caprichos, até que lhe entrou um dia pela casa o cadaver do ve-

lho, fulminado na rua, pela rotura do coração.

Começou aí a tragedia de sua vida.

Herdeiro de dois mil contos, em predios e apolices, além da firma comercial que a imprevidencia paterna lhe entregara livremente — em breve o rapaz se tornava figura obrigatoria em todas as festas e reuniões noturnas da cidade, facil e voluvel, apontavam-lhe dezenas de amantes, — as notas de banco esvoaçavam em nuvens das suas mãos.

Foi nesse tempo, já em meio da derrocada fatal, que veio a conhecer a Sulamita, uma capitosa morena do sertão, fruta do mato que o paladar de um viajante etroina saboreara no seu povoado quieto, para atrá-la depois ao turbilhão da capital. Fruta do mato, ainda com todo o travo gostoso das coisas não contaminadas, que nem aquela vida desregulada chegara a alterar, não tardou a rapariga em chamar-lhe a atenção, por isso que era a única a se quedar indiferente aos seus rumorosos galanteios. Provocou-a. Levava-a todas as noites para sua mesa, arrastava-a para as danças, tentando em vão obrigá-la à mesma folia das companheiras. Até que afinal, doido de paixão, instalou-a regamente num banvalô magnifico, para o mais arrebatado de todos os amores.

Por alguns meses, enquanto perdurou aquela exaltação lirica, ninguém mais reviu os dois, nas alegres noites perdidas.

O bangalô discreto, entre arvores e trepadeiras, bastava para o pleno gozo da sua ventura. Mas a alma inquieta do rapaz não poderia sofrer por muito tempo aquela pausa de tranquilidade. Em pouco, numa noite e noutra, foi retornando ao clube.

A amiga acompanhava-o nos primeiros dias, na sua assomada paixão, pois ele acabára afinal por lhe tomar de todo o afeto. Mas, tanto sofria, à exhibição do prazer interesseiro das antigas amantes festejando a volta do filho prodigo, que preferia por fim trancar-se em casa, doída de ciúmes, para não ter o espetáculo da sua desventura.

Não paravam, porém, aí as coisas.

Um a um passavam os bens da herança para outros donos, a queda inevitavel esboçava-se já a todas as vistas. Por fim, só lhe restou a casa comercial, também arruinada pela má fé dos sócios —

Conto de **HERMAN LIMA**
Ilustração de **ARMANDO MOURA**
Especial para "REVISTA DA SEMANA"

excetuado um apenas, velho amigo do morto, que tudo envidara inutilmente para evitar a catástrofe.

Ei-lo, pois, inteiramente perdido no torvelinho dos prazeres. Voaram no jogo os últimos recursos. Passou do jogo aos empréstimos com os amigos. Esses, porém, amigos das horas loucas, não o aturaram por muito tempo. Foi assim, coisa por coisa, desde o chalezinho feliz até às joias da rapariga.

Ora, na antiga pausa de ocios longos, Paulo descobrira na mulher uma doce e quente voz perturbadora, cheia de quebras e gostosas inflexões para as cantigas sertanejas, pelo que lhe dera um professor de música, com quem a rapariga se aperfeiçoara brilhantemente. Então, sem o amante saber, no transe doloroso de agora, Sulamita procurou o dono do cabaré, de que eram antes freguezes assíduos, contratou-se para cantar no palco toadas e sambas do sertão.

Houve uma cena de tremendas revoltas, quando Paulo Vital se inteirou do caso. Mas, o senso da rapariga e a premência cruel da situação acabaram por lhe toliher toda tentativa de resistência moral.

Atolou-se na infamia inteiramente.

O dia todo afundado na cama, envergava, à noite o único fato decente que lhe ficara, ia assistir às canções da companhia, que se fazia pouco a pouco o numero de sanção da sala, tanta a doçura, a tristeza, a errante nostalgia que se evoluava das suas cantigas matutas.

Procurando esquecer no alcool a sua miseria, o rapaz não conseguia no entanto enganar-se diante da comiserção desdenhosa com que o olhavam na sua mesa isolada os antigos companheiros, cujos comentários àquele rebaixamento da sua vida chegavam muita vez, como chicotadas, até ele.

Foi quando aquele mesmo amigo fiel de seu pai, o sócio honesto que nunca se conformara com a sua desdita, conseguiu descobrir-lhe o paradeiro, foi ter com ele o mais duro e severo entendimento. Ao deixá-lo, obtivera, após uma crise violenta de lagrimas, que o rapaz fosse trabalhar na firma que formara, abandonando a outra, e onde o esperava de logo, como sócio.

Finalmente a sua existência pareceu tomar um rumo certo.

A amante a custo deixara o cabaré, passando a viver os dois serenamente, longe do público e da folia; até que o amigo, pesaroso de o ver no mundo sem família, abriu-lhe um dia as portas do lar.

Num domingo ou noutro, lá ia ele almoçar no elegante palacete, onde as horas corriam breves, entre a prosa dos velhos e a graça adolescente das filhas, loura uma, a outra morena, esplendida morena com todo o seu encanto brasileiro, e por artes diabólicas revelando uma espantosa semelhança com a Sulamita. E o que no principio parecera horrivel ao rapaz — aquela duplicidade satânica da amante — acabou tornando-se para ele o feitiço mais invencível.

E o que era inevitavel aconteceu.

Preso de todo na teia com que a moça lhe enredava o coração — Paulo Vital, ao cabo de dois meses, pedia a filha do amigo em casamento.

Era mister, no entanto, uma clausula terrivel àquele contrato.

E foi tremendo de remorso e angustia que o rapaz, dias depois, esplanava à amante a necessidade da separação. Teve a coragem de dizer-lhe tudo, esperando o desabar da tormenta. Mas, ao contrário, apenas a mulher ficou muito palida, conseguindo mesmo sorrir, mas um sorriso de tanta amargura, que as lagrimas lhe vieram ao solhos.

Durante o resto da tarde, não tocaram mais no assunto. E, quando à noite ele voltou para a casa, encontrou-a já adormecida ou a fingir que dormia. Não lhe pôde ver os olhos pisados de tanta lagrima desesperada a correr horas e horas, enquanto ele gozava junto à noiva o mais doces momentos, não lhe pôde mirar a face ainda convulsionada na mais dolorida de toda as paixões. Nada disso ele viu. A imagem da outra cantava-lhe nalma nova aleluias. Foi um momento só, e, estirado no leito, adormeceu ditoso.

Verdo-o assim adormecido, um sorriso feliz desenhado na boca sensual, aquela boca ardente e voraz que lhe sorvera os beijos mais voluptuosos de toda a vida, e que talvez os labios da outra ainda aflorassem até no sonho, a rapariga ergueu-se da cama, lívida de morte, e, a passos cautelosos, foi ao guarda-vestidos, cujo cristal de lance lhe pintou trememente toda a infinita angustia da figura; abrindo-o de leve, com dobrada prudência, para não despertar o amante, escolheu, nervosamente, um vestido de rendas do Ceará, vaporoso e leve como espuma — o mesmo que ostentava na noite em que dansara com Paulo à primeira vez, e do qual nunca se defizera.

Deante do espelho, que novamente por um momento todo se dourou e refulgiu com o relampago moreno da sua carnção, a mulher enfiou rapidamente as vestes intimas, também tão tenues e sutis, lançando por cima aquela onda maravilhosa de gaze, de onde surgira, num brilho de ouro fosco, o alto relevo dos braços e do colo. Calçou os sapatinhos de setim branco — toda de branco, como uma grande vitória regia — acertou os cabelos de azeviche, e, toda pronta, no jeito dos seus grandes triunfos nas salas de prazer, abriu a porta, deslisou ligeira para fora.

A passos breves, pisando firme e direita, como se marchasse a uma festa, à grande

(Continua na pág. 56)







Na página à esquerda — um estudo fotográfico de Ellen Drew, a jovem atriz de "Sob os céos da China", "Natal em julho", "Se eu fôra rei" e tantas outras películas de sucesso. Em cima, Ellen Drew falando a Luis Serrano, no "set" da Columbia, em que está sendo filmada a película "O espadachim" (The swordsman).

ANTES DE BRILHAR NA TELA, ELLEN DREW FOI CAIXEIRA E GARÇONETE

NA SUA NOVA TENTATIVA PARA FIRMAR-SE COMO "ESTRELA", A BRILHANTE ARTISTA APARECE AO LADO DE LARRY PARKS EM "O ESPADACHIM" (THE SWORDSMAN)

POR LUIZ SERRANO

(Correspondente especial da **REVISTA DA SEMANA** em Hollywood)

Hollywood — Abril — Ellen Drew, graciosa "estrela" da Columbia, é uma das artistas de Hollywood que mais renhidamente lutaram pela conquista do "estrelato". Começou por ser aclamada vencedora num concurso de beleza realizado em Middle West e esse fato a animou a procurar a

capital do cinema. E isso porque todos os seus conhecidos a convenceram de que, se fosse para Hollywood, faria sucesso. Que mais queria? Não havia sido detentora de um concurso de beleza, vencido muitas candidatas ao título? Os produtores, porém, não a receberam com nenhuma de-

monstração de agrado. Lutou para conseguir um contrato, mas nada conseguiu. Finalmente, já desanimada, arranhou um emprego como garçone de um bar de Hollywood e passou a atender aos fregueses atrás de um balcão. Nada disso entretanto, a fez desistir...



Aqui está um dos últimos retratos da interprete de "O fantasma amoroso" e de "A ilha do terror". Contratada pela Columbia, Ellen Drew vai aparecer com Glenn Ford, o domador de mulheres de "Gilda", em "The man from Colorado".

★

E LLEN Drew nasceu Kansas City e seu verdadeiro nome é Terry Ray. Educou-se em Chicago, onde estudou até o terceiro ano do curso secundário na Parker High School. Foi quando deixou os estudos com o fim de procurar trabalho. Seu primeiro emprego arranhou ela uma loja de Marshall Field, donde se passou para outra firma comercial de Eaglewood. Começou ganhando 10 dólares por semana e mais tarde recebeu o aumento de 5 dólares. Desse emprego saiu quando pretendeu entrar para o cinema. Foi o próprio dono da loja quem a inscreveu no concurso de beleza e como fosse ela a detentora do prêmio a pequena Terry se animou a ser "estrela" da tela. Isso porque todo o mundo vivia a dizer-lhe:

-- Você devia ir trabalhar no cinema! Vá tentar fortuna na tela. Você há de fazer sucesso em Hollywood...

Mas, como vimos, as portas dos estúdios não se abriram para ela com muita facilidade. Foi-lhe preciso forçá-las. Ninguém em Hollywood se deixou impressionar simplesmente pela sua beleza, ou com o fato de haver ela sido a vencedora de um concurso. Muitas outras candidatas que afluiam para a capital do cinema também haviam sido detentoras de vários prêmios de beleza. Com sua tenacidade extraordinária, em vez de renunciar seus planos, Ellen Drew arranhou o emprego de garçonne de um bar vizinho ao "Chinese Theatre, de Sid Grauman. Acontece que um dia serviu ela um copo de "malted milk" a um freguês, e fê-lo com tanta elegância que o sujeito disse:

— Francamente, você devia ser artista de cinema.

Ellen ouviu isso, mas o seu pessimismo sobre a possibilidade de obter acesso junto a um estúdio de Hollywood era tão grande que a frase do desconhecido não despertou o seu interesse. Imediatamente, porém, o freguês lhe entregou o seu cartão e ela leu: "William Demarest, agente de artistas cinematográficos". Tratava-se do mesmo William Demarest que é artista cômico e que ainda há pouco filmou um dos papéis de "Sonhos dourados" (The Jolson Story). Dois dias depois estava ela fazendo um "test" cinematográfico num estúdio de Hollywood. Como era bonita, fotogênica e possuidora de real pendor para a arte dramática foi contratada logo em seguida, iniciando a ambicionada carreira. Havia encontrado a grande oportunidade de fazer a sua estréia no cinema. Mas os seus primeiros papéis foram mais ou menos insignificantes, sem maior relevo. Todavia, mesmo aparecendo em papéis secundários, conseguiu chamar a atenção dos espectadores para a sua bela figurinha de mulher. O seu primeiro grande sucesso teve ela quando apareceu em "Uma família gozada" (Sing you sinners), ao lado de Bing Crosby e Fred MacMurray.

-- Quando ouvi dizer que o meu nome estava sendo indicado para esse filme de Bing Crosby fiquei alarmada com a competição. Nada menos de quatorze outras atrizes jovens eram candidatas ao papel. Era-me preciso derrotar todas elas para conseguir a realização de meu sonho dourado.

O que vale salientar é que ela venceu as outras candidatas e realizou o seu sonho dourado, que era aparecer num filme como "estrela" de primeira grandeza. A seguir, trabalhou no filme de Frank Lloyd, "Se eu fora rei" (If I were king), com o ator Ronald Colman, e o seu sucesso nesta película deu ao seu nome um grande prestígio artístico. Desde então a sua carreira foi vitoriosa e passou a assinalar êxitos merecidos.

Até à Inglaterra conseguiu Ellen estender a sua popularidade, tendo ido ao referido país a fim de aparecer no filme "Caçadora de corações" (French without tears), ao lado de Ray Milland. Durante a guerra teve oportunidade de, a convite do Ministério Britânico de Informação, fazer um filme sobre o esforço de guerra dos Aliados. Viajou para as frentes de batalha e tomou parte em inúmeros "shows" encenados com o fim de divertir os combatentes. Visitou várias logarejos da Inglaterra, América, Escócia e outros países, em "tournée" artístico. De regresso a Hollywood, voltou ao cinema e está agora contratada pela Columbia e ainda hoje está firme sob essa bandeira. Os seus últimos filmes para o seu estúdio empregador são: "Dama, valete e rei" (Johnny O'Clock), no qual ela aparece ao lado de Dick Powell e Evel Keyes; e "O espadachim" (The Swordsman), no qual é a "leading lady" de Larry Parks". Antes de ir para a Columbia, fez para a RKO-Rádio "O fantasma amoroso" (Man alive), ao lado de Pat O'Brien". Agora, após "O espadachim", ela vai ser a "leading lady" de Glenn Ford no filme que a Columbia está rodando e que se intitula "The man from Colorado", em inglês. Em nosso idioma, porém, ainda não determinado o seu título.

Ellen Drew tem cinco pés e três e meia polegadas de altura. Pesa 110 libras e tem cabelos louro-escuros. A artista se encontra no apogeu de sua carreira artística e o seu talento muito nos promete ainda.

★

Antes de ser atriz, Ellen Drew se chamava Terry Ray. Foi caixa e garçonne, mas sua verdadeira vocação era o cinema. E ela é, agora, uma "Star" da Columbia.

A VIDA DE IVAN, O TERRIVEL

(1530 — 1584)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

IVAN nasceu durante uma tempestade que ameaçava fender de alto a baixo os céus moscovitas. Essa tormenta era apenas um prelúdio ao turbilhão de paixões que haviam de revolver-se em perpétua fúria dentro da cabeça deste príncipe russo.

Com muito pouca idade ficou órfão e entregue ao cuidado de nobres que, ávidos de poder, conspiravam uns contra os outros pela posse do trono. Porque naquela época o trono russo não era eletivo nem hereditário. Sempre que um czar morria, o mais forte dos seus guerreiros apoderava-se da sucessão à ponta de espada. Entre as principais alfaías que adornavam o trono figurava o tapete de sangue escarlate que conduzia a ele, e as arcadas de homens trucidos que o ladoavam à direita e à esquerda.

O pequeno Príncipe Ivan foi educado por um conselho de regentes, num ambiente de arengas políticas e tumultos militares. Em criança presenciou a morte repentina de sua mãe, que, após alguns anos de governo despótico, foi envenenada por algum dos seus menos ardentes admiradores. E nunca esqueceu o horrendo espetáculo dos adversários dela, pendurados em forcas, a intervalos regulares, ao longo da estrada que leva de Moscou a Novgorod. Seus primeiros divertimentos consistiam em brincar com animais domésticos. Gostava especialmente de atirar seus cães do alto duma torre e vê-los estorcer-se de dor lá embaixo. As vezes variava a brincadeira, assando vivos os seus gatinhos — esporte entusiasticamente aprovado pelos tutores, empenhados em educar o menino nas boas tradições dos nobres moscovitas. Quando ficou mais velho e com os sentimentos mais amadurecidos, saía pelas ruas de Moscou a espancar os homens e a violentar as mulheres. Era um gigante louro que vibrava golpes com a força dum martelo-pilão, de sorte que ninguém tentava opor-se aos seus impulsos pugnazes ou amotórios.

Moldado por essa educação, tornou-se czar aos dezessete anos, em meio do esplendor semi-bárbaro duma coroação oriental. Seu primeiro ato régio foi porrempio. Uma delegação de vassallos da cidade de Pskov veio trazer-lhe uma petição. A resposta do rei foi ordenar aos fâmulos que despissem inteiramente os delegados. Despejou então sobre estes uma bilha de azeite, e estava preparando-se para lhes atear fogo com um archote quando ocorreu algo que lhe desviou a atenção. Um mensageiro entrou precipitadamente na sala do trono com a notícia de que o grande sino do alto do Kremlin tinha caído. Isto já acontecera várias vezes, e era considerado de mau agouro. Ivan ficou tão perturbado com o sucesso — era por natureza fanaticamente supersticioso — que se retirou com os seus conselheiros para um aposento secreto e esqueceu completamente a brincadeira. Tinha o pressentimento de que alguma grande desgraça estava reservada à Rússia.

E de fato, o acidente do sino de Kremlin foi o prenúncio duma catástrofe. Poucos meses depois irrompeu em Moscou um incêndio devastador. Mil e setecentas pessoas — homens, mulheres e crianças — morreram entre as chamas.

Murmuraram a Ivan que o fogo fôra obra de feitiçaria. "Em Moscou há maus espíritos de que devemos dar cabo imediatamente, afim de impedir a repetição deste incêndio".

De acordo com esse conselho, Ivan convidou os habitantes de Moscou a se reunirem em frente ao Kremlin, para a oração dominical. Quando milhares de pessoas, desprevenidas, se ajoelharam diante dele, de cabeça descoberta, o czar fez aos esbirros o sinal previamente convençãoado. Uma avalanche de prisões, uma acusação em massa, e as últimas brasas do incêndio de Moscou se extinguíram num dilúvio de sangue.

Aparentemente, Ivan ficou aliviado após esta orgia de barbarismo, pois o seu comportamento tornou-se um pouco mais tranquilizador.

— Convoquem-me — ordenou aos seus ministros — uma assembléia dos representantes do povo, de todas as partes do país.

Os ministros fitaram-no assombrados. Tal proceder ultrapassava os limites da sua experiência política. E' certo que ti-

nham ouvido falar vagamente dum parlamento na Inglaterra, lá do outro lado do mundo, mas alimentavam sérias dúvidas sobre a utilidade de tais corpos legislativos.

— Para que desejais discutir leis, Majestade? — perguntaram-lhe.

Ivan riu até lhe doerem as ilhargas.

— Eu não pretendo discutir leis, seus palermas. Quero fazer um discurso...

Assim, pois, convocou algumas centenas de nobres a irem ter com ele em Moscou. O parlamento reuniu-se ao ar livre, na Praça do Kremlin, Ivan, que era ator por natureza, ficou encantado com o vas-

uma vez para os nobres "Preparai-vos agora para o castigo que mereceis!"

Era ele sincero na sua intenção de regenerar-se? No dia seguinte assassinou um amigo seu na catedral, enquanto era lido o Evangelho.

II

Ivan possuía inteligência e força de vontade; tinha também uns laivos de senso moral. Constantemente se acusava dos crimes que cometia. "Eu sou um cão", dizia consigo repetidas vezes. Os outros estavam de pleno acordo com ele a esse



IVAN, O TERRIVEL

to auditório diante do qual poderia exhibir os seus talentos políticos. Anunciou que uma nova era se iniciara para a ordem social da Rússia, uma era caracterizada por um grau mais elevado de amor e de justiça. Tremendo foi o aplauso que partiu de todos os lados. O czar inclinou-se, agradecendo. "Se no passado cometi algumas faltas", prosseguiu solenemente, "estou resolvendo a passar uma esponja sobre elas. Vou começar se novo o meu reinado". Voltou-se para o bispo. "Vós sabeis que, quando eu tinha três anos, fiquei sem pai. Os meus outros parentes não se importaram comigo, e os meus poderosos fidalgos só pensavam nos seus próprios interesses. E enquanto eles multiplicavam as orgias e as pilhagens, eu me via obrigado, por causa da pouca idade que tinha, a fazer de surdo e mudo. Eles governavam como senhores... Ladrões, depredadores e juizes desonestos!" exclamou, virando-se mais

respeito. Uma vez o bispo de Moscou, que tinha o hábito de falar sem rebuscos, denunciou-o ante a congregação dos fiéis. "As próprias pedras desta igreja clamam contra vós!"

— Como! — bradou Ivan. — Tu também és um rebelde?

— Oh não, Majestade, eu falo só para o bem da vossa alma.

Ivan não esperou nem mais um minuto; agarrou um cabo de vassoura e mistrou-lhe uma valente surra. Despojou-o então das vestes e do cargo e condenou-o a prisão perpétua.

— Mas, antes que te vás — ordenou, — dá-me a absolvição.

— Nada vos posso dar senão silêncio. Este silêncio é uma condenação dos vossos pecados.

Ivan tremia.

— Vai-te então para o cárcere. E diabolos levem a tua absolvição!

Tendo-se desembaraçado do bispo, o

tzar tornou às suas orgias desenfreadas. "Diverti-vos, amigos, e esquecei o remorso!" berrava sobre a mesa do banquete, no grande palácio de Moscou. Emocionava-se com o espetáculo dos seus concubinas a blasonar diante dos copos de vodka. Que tomassem tento, porém. Não deviam ser criticadores, nem preocupar-se com o futuro; tinham de aceitar tudo. Quando uma nuvem de tristeza lhe cruzasse o rosto, deviam dissipá-la com um brado. Que importava que, fora do palácio splendidamente iluminado, a cidade de Moscou jazesse amortilhada de negro? Aqui no salão do banquete, um milhar de velas derramavam sua luz sobre os diademas das grandes damas, sobre as medalhas e condecorações dos soldados. Ai daquele que deixasse a mais ligeira sombra de remorso obscurecer este esplendor moscovita!

Num dos banquetes o czar notou que um nobre se mostrava triste. Fez questão de ir visitá-lo no dia seguinte, para perguntar-lhe o motivo da sua tristeza.

— Magestaje — disse o fidalgo, — eu penso no destino da Rússia. Nosso país está atrasado. Porque nós, que escrevemos a história, molhamos a nossa pena com sangue em vez de tinta... Tende piedade do vosso povo, Majestade.

— E' um povo de bárbaros — voltou Ivan.

— Então deveis dar-lhes boas leis para civilizá-lo.

— Não posso.

— Ah, é um problema difícil; requer atenção.

— Chega de baboseiras!

— Não, Majestade, é preciso que eu fale francamente.

Vós tendes medo de pensar, de civilizar a nação, de vos civilizardes a vós mesmos.

— Eu não tenho medo de nada! Hei de assar-te a fogo lento, por me chamares de medroso!

III

Eletivamente, Ivan não tinha medo de nada. Usava o cabelo completamente raspado, e isto bastava para afugentar a todos. Reunira ao redor de si um bando de sequeiros facinorosos que se tinham comprometido a executar todos os seus intentos perversos. Deviam ao czar as terras e casas que possuíam, bem como os seus meios de subsistência. Este chamado Opritchniki provinham duma classe de camponeses que haviam sido transferidos das suas propriedades alodiais aos domínios diretamente controlados por Ivan. Deste modo ele podia exigir-lhes uma obediência feudal, servil. "Aquele que possui a terra", dizia, "possue também a alma dos que nela vivem".

Dum núcleo de seus vassallos recentemente expropriados formou para si uma comitiva composta de homens afeitos à escravidão, dotados de ignorância e superstição de escravos, e de uma cega fidelidade à autoridade.

E então, subitamente, Ivan desapareceu do palácio. A 3 de dezembro de 1564 arrumou sua bagagem e saiu de Moscou, sem dizer uma palavra sobre o destino que levava. Os velhos cortesões tremiam esperando pelo resultado daquela viagem secreta do insensato czar.

Não tiveram de esperar muito. Chegou a Moscou um mensageiro de Ivan, anunciando que ele tinha ido dar uma lição à cidade livre de Novgorod. Ouvira dizer que esta cidade podia ser tentada a fazer uma aliança com a Polônia. Seguramente, não possuía provas de que tal aliança estivesse em projeto. Tampouco havia guerra entre a Polônia e a Rússia. Mas Ivan decidiu precaver-se contra o risco. Se acaso rebentasse a guerra, pensava ele, seria melhor que os neutros estivessem mortos. Porque um acerto vivo é sempre um inimigo potencial.

Por conseguinte, entrou em Novgorod com o seu bando de Opritchniki e foi aplicando as medidas militares reservadas às praças capturadas. Mandou prender os cidadãos principais e açoitá-los impiedosamente até que revelassem onde tinham guardado o seu dinheiro. Arrancou então das casas o grosso da população e tangeu-os para a praça pública. Ali, diante dos seus "argumentos persuasivos", como chamava aos instru-

(Continua na pág. 32)



O roubo do microbio

— E isto, disse o bacteriologista, introduzindo com destreza uma placa de vidro sob o microscópio, é o celebre bacilo do cólera, e germen de cólera.

O visitante de tez pálida debruçou-se curiosamente sobre o instrumento. Era evidente que ele não estava habituado a lidar com estas cousas; pôs a mão branca e mole sobre o olho que não estava ocupado:

— Distingo imperfeitamente, disse ele.

— Vire a rosca, respondeu o bacteriologista. Sem dúvida o microscópio não está no ponto para o senhor. A vista nas pessoas é tão variável. Menos uma volta em um ou outro sentido, e...

— Ah! vejo agora, exclamou o visitante. Aliás não há muito o que ver; pequeninos filamentos, conchinhas cor de rosa... E, entretanto, estes pequenos animalculos, estes simples átomos poderiam multiplicar-se devastar uma grande cidade! E' espantoso!

Levantou-se e, retirando a placa do instrumento, conservou-se entre os dedos, olhando para o lado da janela.

— Quasi não se distingue cousa alguma sobre o vidro, disse examinando a preparação.

Hesitou um instante e continuou:

— Estão vivos? São perigosos no estado atual?

— Não, estes estão mortos e coloridos, respondeu o bacteriologista. Seria para desejar que pudéssemos matar e colorir assim todos os que estão espalhados pelo mundo.

— Eu creio, disse o homem de tez pálida, rindo-se ligeiramente, que o senhor gosta bem de não ser preciso ter ao redor de si estes animalculos vivos, ou no período em que são mais prejudiciais.

— Mas pelo contrário, nós somos obrigados a isto. Veja, por exemplo...

Dizendo isto, atrevessou a sala e tomou, entre muitos outros, um tubo hermeticamente fechado.

— Eis aqui o bacilo vivo. E' uma cultura da bacteria da epidemia que reina atualmente... O cólera em uma garrafa, por assim dizer.

Os traços pálidos do visitante distenderam-se em um quasi imperceptível sorriso de satisfação.

— Isto é ter em seu poder um veneno mortal, disse ele, devorando com os olhos o pequeno tubo.

O bacteriologista notou na fisionomia do seu hospede uma expressão de alegria malevola. Este homem que ele recebera, nesse dia, com uma cara de apresentação de um amigo velho, interessava-o com os seus modos exquisitos, aos quais ele não estava habituado. Os cabelos negros e lisos, os olhos pardos e profundos, o ar espantado, os gestos nervosos, a atenção febril e intermitente deste visitante, tornavam-n'o um personagem bem diferente dos impassíveis homens de ciencia em cujas discussões ele se via continuamente envolvido. Em presença de um auditor tão impressionado com a malignidade desse bacilo, era natural que bacteriologis-

ta se puzesse a dramatizar um pouco as cousas.

Segurou o tubo com ar pensativo e loquaz.

— Sim, a peste está aqui cativa. Basta quebrar um pequeno tubo igual a este em um reservatório de água potável; diga a estes animalculos tão pequenos que, só para enxergá-los e distingui-los uns dos outros, somos obrigados a examiná-los com instrumentos poderosíssimos, e que ninguém poderá ver nem sentir o gosto, — diga-lhes: ide, crescei e multiplicai-vos, pululai nas águas; a morte rápida e terrível, a morte torturante e repugnante seria solta na cidade, e iria d'aqui e dali procurando vítimas. Aqui, roubaria o esposo a esposa, ou o filho a mãe; lá o homem de Estado ao seu devêr, ou o operário a sua oficina. Ela seguiria pelos aquedutos, insinuando-se ao longo das ruas, escolhendo e castigando tal ou tal casa em que se não têm o cuidado de ferver a água potável, contaminando a sua-lada que é lavada, adormecendo em um pedaço de gelo de refresco. Ela espreitaria, pronta a ser bebida pelos cavalos nos bebedouros, pelos meninos imprudentes nas fontes públicas. Infiltrar-se-á na terra, reaparecendo nos mananciais, nos poços, em mil logares imprevisitos. Dê-lhe como ponto de partida um reservatório de água e, antes que possamos segurá-la e aprisioná-la terá dizimado a capital.

O bacteriologista calou-se bruscamente. Bem lhe tinham dito que o defeito dele

era gostar de empregar frases dramáticas e sensacionais.

— Porém, o flagelo está bem guardado aqui, como o senhor vê, precisamente bem guardado.

O homem de tez pálida fez com a cabeça um sinal de aquiescência. Os seus olhos brilhavam e ele teve um acesso de tosse.

Estes miseráveis anarquistas são uns imbecis! exclamou de subito, são uns idiotas por se servirem de bombas, quando têm á mão estas cousas.

Imagino que...

Bateram na porta, com a ponta dos dedos. O bacteriologista abriu.

Quando ele tornou a entrar no laboratório, o visitante tinha o relógio na mão.

— Não tencionava realmente fazer-lhe perder uma hora inteira. São três e quarenta e oito, e eu deveria ter partido às três e trinta. Mas o que o senhor me mostrou é verdadeiramente interessante... Mas não posso realmente demorar-me mais nem um minuto. Tenho uma entrevista marcada para as quatro horas. os seus agradecimentos.

Dizendo isto, safu da sala renovando os seus agradecimentos.

Depois de tê-lo acompanhado até a porta, voltou o bacteriologista, pensativo, pelo corredor. Vinha refletindo sobre o caráter étnico do visitante. Certamente aquele homem não representava o tipo saxonito, nem tampouco o latino ordinário.

— Em todo caso é um produto mórbido.



e eu tenho medo dele, disse consigo mesmo o bacteriologista. Como ele observava atentamente e com cobiça estas culturas de germes pestilenciais!

Então, veio-lhe ao espírito um pensamento assustador.

Correu até a prateleira pregada perto da estufa, depois foi à sua mesa de trabalho; meteu as mãos nos bolsos, nervosamente, e, de súbito, precipitou-se para a porta.

— E' provável que eu a tivesse colocado sobre a mesa, na entrada... Minni! chamou com voz rouca, na ante câmara.

— Aqui estou, querido! respondeu uma voz longínqua.

— Será possível que eu não tivesse nada nas mãos quando te falei há pouco, minha querida?

Seguiram-se alguns instantes de silêncio.

— Não, nada, pois lembra-me bem que...

— Maldição! exclamou o bacteriologista.

E, correndo incontinenti à porta da rua, precipitou-se pelos degraus abaixo, correndo como um louco.

Ouvindo a porta bater violentamente, Minni correu inquieta à janela e viu, no meio da rua, um homem baixinho entrando em um fiacre. O bacteriologista, sem chapéu, calçando chinelos de tapete, corria, gesticulando com ar apavorado, na mesma direção que tomara o homenzinho. Na corrida, chegou mesmo a perder um dos chinelos, sem, contudo, parar.

— Ficou louco, disse consigo mesma Minni; é o resultado da sua abominável ciência.

Abrindo a janela, ia chamá-lo quando, repentinamente, o homenzinho, lançando um olhar ao redor de si, pareceu ser assaltado da mesma sorte de desordem mental. Com um gesto da mão, apontou para o bacteriologista, disse algumas palavras ao cocheiro e, imediatamente, fe-

chou-se o toldo do fiacre, o chicote estalou, o cavalo tirou fôgo das pedras com as quatro patas, e, em um instante, o fiacre e o sabio, ardente na perseguição, afastaram-se a perder de vista, do outro lado da rua.

Minni ficou ainda alguns instantes pendurada para fóra da janela, depois entrou atordoada, parecendo-lhe ser tudo aquilo um terrível pesadelo.

— Realmente, ele é um original, pensou; mas correu através as ruas de Londres, no mais forte da estação elegante, em chinelos! E' inacreditável!

Repentinamente acudiu-lhe uma boa idéia. Em dois segundos, pôs o chapéu, pegou nas botas do marido, foi ao vestíbulo e tirou do cabide o chapéu e o sobretudo do sabio, e saindo para a rua, tomou um fiacre que felizmente passava, por ali, aquela ocasião.

— Vá até o fim da rua e dobre na esquina de Havelock Crescent; faça o possível por achar um senhor que está vagueando sem chapéu, com um casaco de veludo.

— Um casaco de veludo e sem chapéu. Sim senhora. E o cocheiro, dando uma chicotada no animal, fez partir o fiacre a galope, como se todos os dias da sua vida tivessem sido ocupados em conduzir pessoas nessa direção.

Alguns minutos mais tarde, todos os cocheiros e pessoas desocupadas que se reuniam de boamente na praça de carros de Haverstock Hill, ficaram surpresos ao ver passar um carro atrelado com um grande sendeiro alazão e tirando fogo das pedras.

Houve um silêncio ao aproximar-se o carro, e, quando ele se afastou:

— Olha o Harry Hicks. O que terá ele? disse um sujeito muito gordo, conhecido pelo nome de Pae Foolles.

— Ah! está bom! ele faz bom uso do seu chicote! E onde fica o regulamento? disse o moço de estrebaria.

— Veja, exclamou o pobre velho Fom-

my Byles. Veja aí mais um maluco. Não ha que vêr!

— Este que aí vai é o velho Jorge, notou o Pae Foolles, e o que ele conduz é realmente um louco, bem razão tem o senhor em falar assim. O seu cliente, sabe fazer boas gesticulações! Aposto que é por causa de Harry Hicks.

O grupo, que se achava no refugio dos cocheiros, tornou-se agitado.

— Corre, Jorge! E' uma carreira. Tu o agarrarás!

— Dá-lhe com o chicote.

— Eis aí um animal que sabe correr! disse o moço de estrebaria.

— Temo-la feita! exclamou o Pae Foolles. Daqui a pouco ponho-me também na desfilada. Aí vem outro! Será possível que todos os cocheiros de Hampste estejam hoje com o miolo mole?...

— Desta vez é uma patrôa, fez notar o moço de estrebaria.

— Ela vai em seguimento do patrão, disse o Pae Foolles. Em geral dá-se o contrário!

— Que tem ela na mão?

— Assemelha-se a uma cartola.

— Que quer dizer esta comédia? O velho Jorge a três contra um, disse o moço de estrebaria. E em seguida?

Minni passou em meio de uma torrente de aplausos, dos quais ela não se mostrou muito orgulhosa, como porém, tinha consciência de que estava cumprindo o seu dever, continuou na desfilada por Haverstock Hill e pela larga rua de Camder Fown, com olhos fixos nas largas costas do velho Jorge, que lhe roubava o marido de uma forma tão incompreensível.

O homem que ia no primeiro fiacre, agachara-se um canto, com os braços cruzados, segurando tenazmente em uma das mãos o pequenino tubo que continha tão poderosos germens de destruição. O seu estado de espírito era uma singular mistura de medo e alegria; tinha medo sobretudo de ser agarrado antes de ter conseguido pôr em execução o seu projeto; sentia porém um terror vago e maior ao pensar na enormidade do seu delicto. A alegria, entretanto, sobrepunha o medo. Nenhum anarquista tivera ainda, antes dele, uma idéia que se pudesse nem ao menos comparar com a sua. Ravachol, Vaillant e muitos outros personagens distintos, aos quais ele outrora invejara a glória, eram figuras apagadas agora ao lado dele. Bastava procurar um reservatório de água e lançar aí o conteúdo do pequeno tubo. Com que habilidade compuzera o seu plano, tendo forjado uma carta de introdução e depois penetrado no laboratório por meio dela; com que resolução soube aproveitar-se da ocasião que lhe foi oferecida pelo acaso! Enfim, o mundoalaria dele. A morte! a morte! a morte! Ah! fóra sempre tratado como um homem sem importância. O mundo inteiro conspirara para suprimi-lo. Entretanto, ele saberia mostrar quão grande crime se comete repelindo um homem! Qual era esta rua em que se achava? Bem a conhecia: era, evidentemente, a rua larga de Santo André! Em que pé ia a caçada? Esticou o pescoço para fóra do cabriolet: o bacteriologista achava-se apenas a uns cinquenta metros atrás dele. Mau negócio! Ia er preso e

(Continua na pág. 54)

Conto de H. G. WELLS

Ilustração de ORLANDO MATTOS



A esquerda, em cima: a dança dos arcos. Dança-se entre os "vetau dantz". A esquerda, em baixo: Txistou ou Chistou é, mente a flauta e a viola, que reunidos tomam o nome de "vel ticeiro e sua vassoura. A direita, em cima: uma dança tradicional que as joelheiras são providas de guizos que tocam compasso: o Cavaleiro, uma das principais personagens da dança. Cavaleiro afasta os más espíritos. Essa é uma dança do País Basco.



UM POVO FIEL AS

VIVENDO NAS MONTANHAS, CULTIVAM O SENTIMENTO DA LIBERDADE — A CAMINHO DOS ESTADOS UNIDOS — DEU, MAS LOGO

O S bascos, que também conhecemos sob o nome de vascones, totalizam, ainda hoje, um milhão de almas.

Disseminados nos dois lados dos Pirineus Ocidentais, os "eskudunak", como eles próprios se designam em sua língua, são de nacionalidade espanhola e francesa numa proporção de oitenta e vinte por cento, respectivamente. Povo de características muito particulares, das quais a lealdade e a coragem são as mais importantes, seus filhos só conheceram, a bem dizer, para um continente — a América do Sul. Muitos dentre seus descendentes se estabeleceram no nosso hemisfério. Seus descendentes se convergiram em personalidades marcantes pelo temperamento e pela ação. Embora diferentes e atuando em meios diversos, têm como traço comum a pertinácia e a rigidez de vontade.

Os Irigoyen, entre os quais um foi presidente da Argentina, os Estigarribia, dos quais saiu um presidente do Paraguai, há pouco falecido; os Etcheberry, nome que é o de um dos chefes militares brasileiros, e outros dos quais surgiram figuras exponenciais de bascos americanos. Na política, como na vida militar ou na dos negócios, os bascos imprimem aos seus atos aqueles traços que lhes legaram os antepassados, agricultores, navegantes, combatentes e velhos descobridores, ciosos da liberdade e independência.

Cultivando o folclore, sendo tradicionalista, o basco é também um povo alegre.



ma-se entre os moços e moças. Os nomes bascos são: o "arku" e a "chou" ou "chou" é o músico do grupo folklórico basco. Toca alternativa-mente o nome de "chestoulare". Ao centro: Dança do Vale do Saule: o fei-ço da dança tradicional, só para moço. Chama-se "makil dantz". Note-se o ritmo compassado no ritmo dos movimentos. A direita, em bal-ço da dança "zalmazain", que é a mais popular das danças bascas. O a dança do Vale do Saule e lembra a "burrinha" dos reisados do Nor-deste do Brasil.

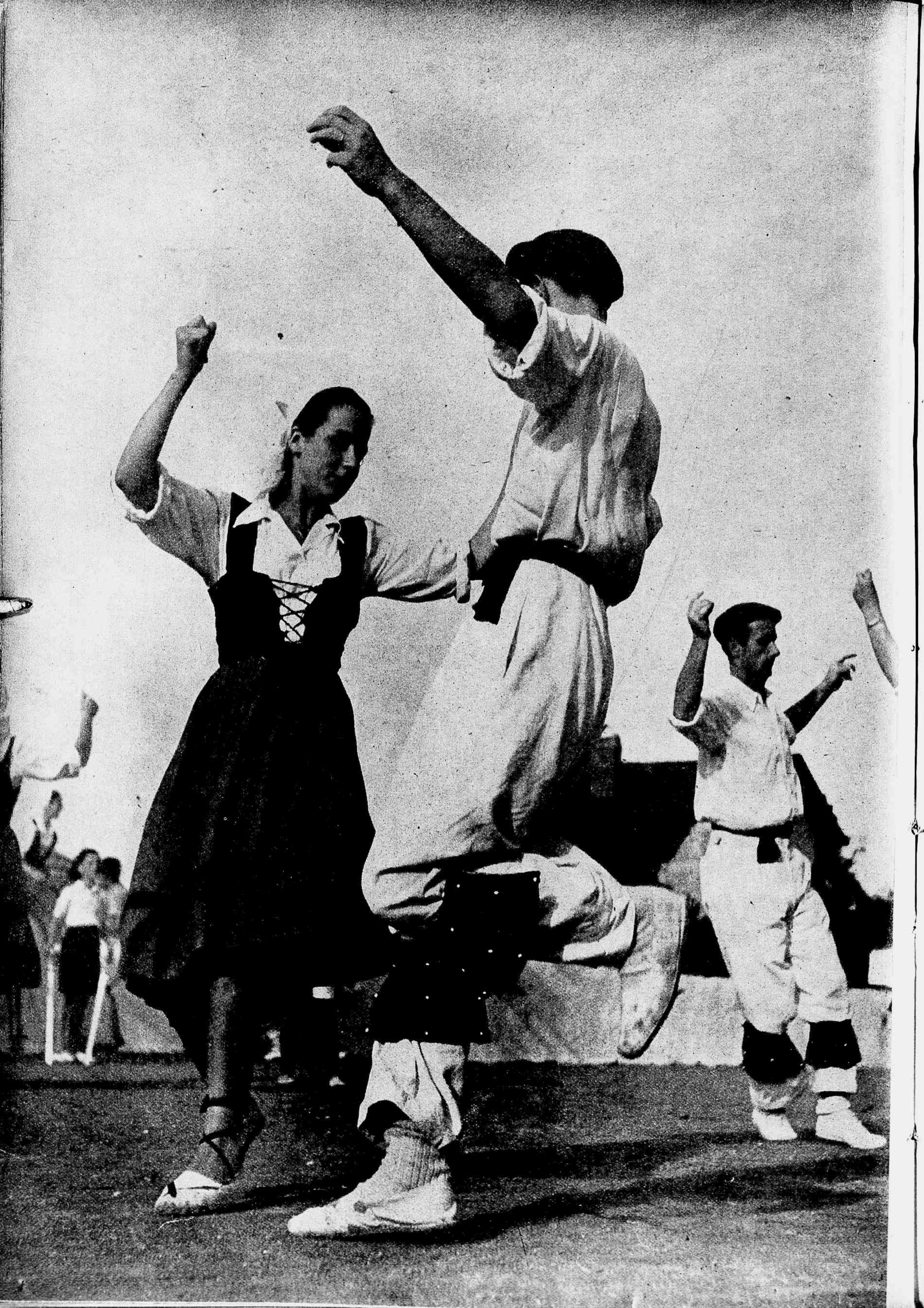
AS SUAS ORIGENS

CULTIVAM OS BASCOS A MÚSICA, A DAN-
ÇARINHA — UMA "TROUPE DE DANÇARINOS
UNIDOS — A LINGUA QUE O DIABO APREN-
DEU MAS LOGO ESQUECEU...

Até hoje, em terra francesa, além da pelota, que é o seu esporte nacional, os bascos se dedicam à dança, fiéis a ritos seculares. Agora, uma trupe de bailados bascos seguiu pela primeira vez na história, com destino aos Estados Unidos, onde seus componentes serão apresentados em seus costumes regionais, ainda hoje usados nas aldeias, exibindo passos que alcançaram celebridade mundial. São cadenciados pelo instrumento de sopro próprio, o "chistuian" e pelos guisos que ornaram a indumentária dos jovens bailarinos. Os bailados bascos, figuras de saltos cruzados, exigem excepcional destreza e grande flexibilidade de movimentos. Camponeses rudes, agricultores afeitos à vida campestre, têm eles, no entanto, o instinto da verdadeira arte e dificilmente poderão ser imitados, mesmo pelos mais habéis dançarinos profissionais.

Nas aldeias, em dias de festa, um copo é posto no chão, ao centro do pátio, cheio d'água ou, de preferência, de vinho. Em torno, desse copo, em figuras coreográficas pitorescas, dançam o cavaleiro, montado em animal simulado, como os que abrem alas nos "ranchos" brasileiros; a feiticeira, empunhando a vassoura característica das bruxas; o enfeitado e a cantineira, quem são os personagens centrais da representação. Todos os figurantes, depois de pularem juntos, pulam sobre o copo em saltos cruzados. Isso representa a prova suprema, o grande "test" de pericia. É considerado vencedor aquele dançarino cujos pés mais se aproximarem do copo sem o tocar.







e sem derramá-lo. O "chistou", músico, cadencia o conjunto numa repetição ritmada de motivos, correspondendo a cada qual uma figura coreográfica diferente.

Se a pitoresca e sugestiva dança dos bascos pode ser apreciada por todos e já agora o será pelo culto público norte-americano e, provavelmente, pelo de todo o continente, a seu tempo, a língua vascaína é bem difícil de ser assimilada. Conta a lenda que o demônio, em pessoa, passou sete anos disfarçado no meio dos vascos para aprender o idioma. Foi-se, depois, certo de que o havia aprendido, mas ao atravessar a ponte limítrofe, esquecera tudo...

Não pertence essa língua com sua gramática de sufixação, à família indo-europeia. Há quem julgue, através de relações de vocabulário, que o vasconço derive do antigo líbero, mas argumentos mais sérios, ainda que não definitivos, filiam-no ao grupo das línguas caucásicas, faladas na Europa antes da chegada dos indo-europeos.

Tal é a gente que, na Espanha, por fidelidade à tradição autónoma, bateu-se unida, com padres católicos à frente, contra a subversão autocrática dos franquistas, em defesa da República Espanhola, apunhalada pela conjura totalitária, com o apoio dos nazistas germânicos e dos fascistas italianos.

Na Faixa, participando ardorosamente da comunhão nacional francesa, a gente vascaína deu valerosos combatentes nas guerras contra o germanismo agressor de Guilherme II e Adolfo Hitler.

Dançam nas montanhas, mas também nas montanhas os bascos são indomáveis e irredutíveis.

(Fotos do Serviço Francês de Informações, cedidas com exclusividade à REVISTA DA SEMANA).

Em cima: da esquerda para a direita: o mau espírito, o enfeitado, a cantineira, nos saltos iniciais da "dança do copo". Em baixo, à direita: a pitoresca dança das fitas. Na página ao lado: fase movimentada de uma dança basca de origem espanhola, o fandango.

SEXTA-FEIRA 13

CONTO DE
**JOÃO JORGE DA
CUNHA**

ILUSTRAÇÃO DE
**ABELARDO ZA-
LUAR**

A NASTÁCIO ia andando para a repartição com o pensamento no número com que sonhara na noite anterior. Os pormenores do sonho ele não se lembrava. Somente conseguira guardar a lembrança de uma enorme locomotiva com um número luminoso estampado do lado da cabine do maquinista: 8513.

Seu primeiro pensamento logo quando acordou foi comprar um "gasparino", idéia que comunicou à esposa, enquanto tomava café.

— Eu acho que você não deve comprar bilhete hoje, meu filho, disse D. Filomena. Lembre-se que hoje é sexta-feira, 13!

— Ora, deixe de bobagem! Você sabe que eu não acredito nessas frioleiras, blasfemou o Anastácio meio zangado.

As ridículas superstições da mulher deixavam-no desesperado. De tudo tinha medo a Filomena. Não deixava sapatos na cabeceira da cama; não passava por baixo de escadas; não entrava em casa com o pé esquerdo; não abria guarda-chuva dentro de casa. E toda uma série de besteiras.

Mas ele, Anastácio, homem do século da bomba atômica e da V2, ia provar que ela estava errada. E seria naquele mesmo dia. Seu sonho não poderia falhar. O diabo é que mesmo para um "gasparino" faltava-lhe dinheiro suficiente. Sua mulher não lhe tinha podido arranjar nada. Suas economias tinham se esgotado do dia para a noite. Por último veio aquela terrível conta da Leite, cuja pontualidade o enervava.

Anastácio pensou também em jogar uns 10 tostões no bicho, já que não poderia comprar o bilhete; mas para isso teria que perder pelo menos, uma hora e iria chegar atrasado na repartição e o seu chefe com aquela cara de quem comeu e não gostou começaria logo com sua arenga de sempre. Olhando para uma e outra vitrine ou para uma pequena que passava, ele já ia se resignando em perder aquela ótima oportunidade, quando, passando pelo Largo da Carioca, ouviu um rapazinho gritando:

— Quem nasceu na data de hoje? 13! Quem quer comprar o 13! Compre, compre que está acabando!

Apesar da tentação Anastácio não quis olhar, mas o rapaz dos bilhetes abordou-o e com voz fanhosa ia tentando convencê-lo com uma porção de bilhetes espalhados na mão e quase tocando-lhe o rosto.

O homem, porém, estava inflexível. Não queria olhar de maneira alguma. Continuava seu caminho, aparentando uma tranquilidade que não tinha. Mas já estava na rua Gonçalves Dias e o rapazinho não queria desistir.

— Olhe aqui moço, fique com esse bilhete! Fique com ele que está premiado! Veja só que número bacana! Esse número é pra cabeça!

E era tal a sua insistência que Anastácio foi obrigado a parar. E qual não foi sua surpresa quando viu deante de seus olhos o número com o qual ele sonhara!

Seus olhos se abriram muito e se espicharam na direção do bilhete. O rapaz percebeu o seu gesto e tornou à carga:

— O senhor vai se arrepender, moço. Este bilhete está premiado!



Anastácio não pôde se controlar. Sua perturbação era tal que chegou a chamar a atenção de alguns transeuntes. Porém, mesmo em arrancar o bilhete das mãos do rapaz e sair correndo pela rua até a repartição. Por fim, quando ficou calmo, explicou ao rapaz sua situação:

—Sabe de uma coisa, meu velho, foi dizendo de arrancar o bilhete que eu estou teso. Vontade eu tenho de comprar seu bilhete, mas me falta gaita, está compreendendo? Mas se você quiser guardá-lo para mim eu virei procurá-lo daqui no pouco. Está combinado?

—Está, disse o vendedor sem muita convicção.

—Ainda um pouco desapontado de ter-lhe escapado o bilhete, foi abordar outro indivíduo que ia passando.

Mas, francamente, ia pensando Anastácio, quase correndo pela rua em direção à repartição. Era o cúmulo; além de não ter dinheiro ainda lhe aparecia aquele bilhete como um desafio.

Chegou afobado à repartição. Cumprimentou vagamente os colegas, assinou o ponto e dirigiu-se para sua mesa de trabalho. Mas quem disse que podia trabalhar? Na sua mente, a cada minuto, a cada segundo, vinha o pensamento do bilhete, a cara safada do rapazinho e as suas palavras:

—O senhor vai se arrepender, moço. Este bilhete é premiado.

Anastácio mexia e remexia automaticamente os papéis à sua frente como para significar que estava trabalhando, mas seu pensamento estava muito longe. Analisou a possibilidade de pedir dinheiro emprestado, mas depois de algum tempo percebeu que ninguém poderia fazê-lo. Todos estavam pendurados. Todos estavam até o pescoço em dívidas. Todos não, espera aí. Ainda havia uma tábua de salvação: o Pão Duro!

Pão Duro era um sujeito repelente, mais repelente que uma lata de óleo de vidro e cara de mau, mas como era uma camarada que sempre tinha dinheiro, todos na repartição eram obrigados a lhe sorrir, a se desmanchar em amabilidade diante dele. Como Pão Duro arranjava dinheiro, era coisa que ninguém sabia. É verdade que ele era econômico; mais econômico mesmo do que o natural. Não fumava, não bebia, não jogava, não tinha família e morava numa dependência da própria repartição, onde passava todo o seu tempo de folga.

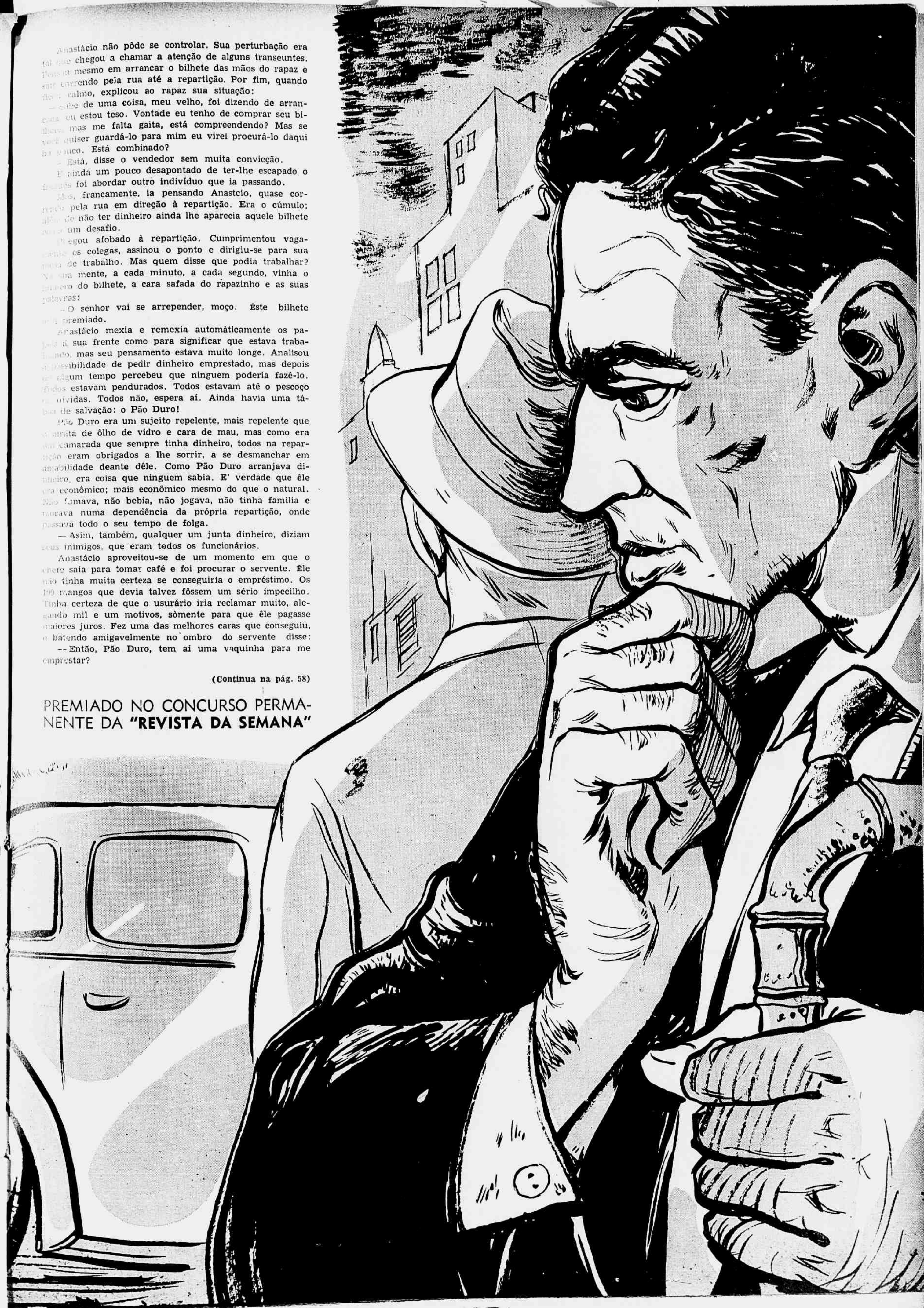
—Assim, também, qualquer um junta dinheiro, diziam seus inimigos, que eram todos os funcionários.

Anastácio aproveitou-se de um momento em que o chefe saía para tomar café e foi procurar o servente. Ele não tinha muita certeza se conseguiria o empréstimo. Os 100 réis que devia talvez fôsem um sério impecilho. Tinha certeza de que o usurário iria reclamar muito, alegando mil e um motivos, somente para que ele pagasse maiores juros. Fez uma das melhores caras que conseguiu, e batendo amigavelmente no ombro do servente disse:

—Então, Pão Duro, tem aí uma vaquinha para me emprestar?

(Continua na pág. 58)

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DA "REVISTA DA SEMANA"





NÃO HÁ DÚVIDA! DEPOIS QUE USO

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO FIXADOR DO CABELO

meus cabelos são outros! Negros, brilhantes, sedosos, saudáveis e juvenis! Experimente você também!

Corta os resfriados

Instantina

Alivia as dores

BAYER

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

DISTRIBUIÇÃO DESTA REVISTA EM SÃO PAULO

Agencia Zambardino

Rua Cap. Salomão, 67

Telefone: 4-1569

A vida de Ivan, o terrível

(Continuação da página 2)

mentos de tortura, submeteu cada um a breve interrogatório, e condenou-os à morte. Então os homens, as mulheres e as crianças, atados, em grupos de três, a trenós, foram lançados por uma escarpada ladeira, indo cair a um rio de temperatura glacial que, sem embargo, não podia congelar-se devido à força da corrente. Os Opritchniki andavam por ali em botes, e, assim que aparecia uma cabeça acima d'água, atacavam-na a chuçadas. Este morticínio foi realizado com vagar, pois proporcionava a Ivan considerável prazer estético, de sorte que o czar não estava disposto a deixá-lo terminar muito de pressa. Cerca de cinquenta mil pessoas foram assim executadas, no decurso de cinco semanas, à razão de umas mil e quinhentas por dia. Tive a estranha singularidade de ordenar aos monjes aprisionados que rezassem diariamente pelas vítimas que matara, pois queria assegurar a salvação de suas almas. Depois de terminadas as orações assassinou os monjes, que eram em número de dois mil.

Quando praticamente já não restavam seres vivos em Novgorod, Ivan lançou-se contra os objetos inanimados; arrasou as habitações, incendiou as igrejas, destruiu as casas de comércio. Então, tendo saciado a sua sede de destruição, o czar, com lágrimas nos olhos, começou a lamentar-se para os Opritchniki:

— Ai de mim, estou tão só! Não tenho amigos... Digam-me, meus filhos, por que são tão cruéis com o seu Paizinho?

De Novgorod partiu para Pskov, onde ordenou uma pilhagem geral. O bispo dirigiu-se ao czar com presentes e especiarias. Entregou-lhe um prato com carne. Ivan recuou horrorizado.

— Como, oferecem-me carne? Mas se estamos na quaresma!

— Sim, estamos na quaresma — replicou serenamente o bispo. — E estais pronto para comer mais carne humana?

Ivan deixou Pskov com o seu exército de Opritchniki e regressou à capital. Entrou em Moscou comandando um desfile triunfal. Precedido por um grupo de bufões, ia montado num boi, levando nos braços o símbolo da sua nova irmandade de cristãos — uma vasoura e uma cabeça de cão. Atrás dele, embriagados pela recordação do sangue, as narinas frementes com o desejo de novas carnificinas, calçavam os membros da sua selvagem comitiva. Ivan ordenou o encarceramento de seus antigos oficiais, do clero e dos dignitários da corte. Como de costume, executou esta tarefa vagarosamente, levando vários meses na preparação das listas de vasos "desleais". Estas vítimas suportaram um longo período de torturas, até que mal lhes restasse nos corpos mutilados um sopro de vida. Mandou então reuni-las, na praça pública para serem torturados pela última vez antes da execução. Foram afixados cartazes por toda a cidade, convidando a população a assistir ao "grande espetáculo". Mas quando a "festiva data" chegou, não havia um único espectador para presenciar o acontecimento.

— Por que não veio ninguém? — perguntou o czar.

— Talvez estejam assustados, Majestade — arriscou um dos Opritchniki.

— Assustados! — exclamou Ivan. — Que fiz eu para assustar o meu povo?

IV

As vastas terras situadas a leste excitavam singularmente a curiosidade das nações da Europa ocidental. Embora se conhecessem poucos fatos positivos a respeito do país de Ivan, lendas não faltavam. Certo viajante inglês fizera uma descrição fantástica das tribus russas "que morriam em cada outono para renascer na primavera". Falava do grande rio Volga e dos peixes que lá se aninhavam — enormes peixes "que tinham cabeça, olhos, nariz, boca, mãos e pés de homem... mas que não falavam".

No tempo da rainha Isabel, entretanto, mercadores ingleses que tinham es-

tabelecido escritórios e postos comerciais na Rússia começaram a trazer informações mais verídicas. A rainha da Inglaterra enviou um embaixador a Moscou. "A sociedade russa", escreveu esse emissário, "deslumbra os olhos, mas repugna ao olfato, como uma dama que se vestisse de seda e jóias para cobrir a roupa interior suja". Nos banquetes dados pelo czar, relatou, as mesmas estavam cobertas com taças de ouro maciço, mas os próprios convidados traziam os seus talheres — imundas facas e colheres que eles levavam habitualmente à cintura. Uma sociedade brilhante, composta de homens e mulheres de maneiras infantis e de uma crueldade de feras.

Ivan tratou muito cordialmente o seu hóspede inglês. Afim de divertí-lo com uma amostra do seu espírito, derramou uma caldeira de sopa a ferver sobre a cabeça do bobo da corte. Mais tarde, ao ler um despacho trazido por um mensageiro, apoiou-se com tanta força sobre a lança deste que a ponta atravessou de lado a lado o pé do pobre homem.

Um dia chamou o embaixador aos seus aposentos privados e, com os olhos a brilhar interrogou-o a respeito das grandes damas inglesas.

O embaixador ergueu as sobrancelhas, e respondeu que havia muitas fidalgas formosas e prendadas na Inglaterra. A sobrinha da rainha Isabel, por exemplo.

O czar ficou radiante como uma criança. "Quero casar com uma inglesa", disse. Duas de suas mulheres tinham morrido de maneira estranha: a terceira fôra envenenada; a quarta fôra atirada a um rio; a quinta fôra encerrada num convento. Uma das suas amantes tivera morte violenta, quando Ivan descobriu que não gostava de mulheres negras. Agora vivia relativamente satisfeito com a filha dum dos nobres.

O inglês tossiu e replicou com precipitação:

— Infelizmente, creio que nenhuma das damas inglesas está disponível neste momento.

— Mas, e a sobrinha da vossa soberana?

A sobrinha da minha soberana está muito doente, segundo ouvi dizer. Além disso, ela não consentiria em abjurar a Igreja Anglicana e adotar a vossa religião.

— Nesse caso — disse o czar tristemente. — terei de atirar-vos pela janela.

Afim de entreter o embaixador, Ivan convidou-o certa tarde a uma recepção na sala do trono e disse-lhe que se preparasse para um espetáculo que nunca haveria de esquecer. Acontece que um nobre, que ocupava um posto elevado no conselho do czar, tinha manifestado, gracejando, o desejo de ser rei. O czar, aceitando a brincadeira, desceu do trono e mandou o espantado cortesão ocupar-lhe o lugar.

— Faze-me o favor de ir assentar-te no trono, meu amigo. — O fidalgo obedeceu. — Curvai-vos diante do novo czar — ordenou Ivan a todos os cortesões. Ele próprio fez profunda reverência e beijou-lhe o pé. — Oh, Paizinho, agora conheces a sensação de possuir o poder supremo. — Dito isto, Ivan ergueu-se e cravou um punhal no coração do homem entronizado. — E agora sabes, também, como é perigoso esse poder — concluiu jovialmente.

— É preciso que eu tenha uma esposa inglesa. Dai-me uma lista das mais lindas donzelas da Inglaterra — repetia ele incessantemente ao embaixador.

— Não tenho instruções de Sua Majestade a esse respeito, mas asseguro-vos que Sua Majestade vos considera um dos seus mais caros amigos.

— Sois um homem ignorante, sem nenhuma noção dos vossos deveres diplomáticos. Eu sou duas vezes mais poderoso que a vossa senhora.

— Majestade, a minha senhora é a maior princesa da cristandade — replicava o embaixador.

Ivan punha-se a caminhar para cima e para baixo a passos largos, e os olhos luziam-lhe com a intensidade do seu sonho. "Se eu casasse com uma esbelta menina da grande ilha do Ocidente, se-

(Continúa na pág. 54)



OS MORTOS GOVERNAM OS VIVOS

NÃO obstante o fato de ser extraordinária a produção dos compositores norte-americanos de música popular, da qual uma dezena de bons números se destaca permanentemente na preferência dos amantes desse gênero musical, os editores e as fábricas gravadoras de discos não perdem a oportunidade de reviver as melodias que, no passado, mereceram idênticas preferências. Há, mesmo, uma boa quantidade de números, como NIGHT AND DAY, BEGIN THE BEGUINE, ST. LOUIS BLUES, STAR DUST, WHITE CHRISTMAS que já podem ser considerados como os "clássicos" da música popular norte-americana, sendo raro o ato em que não apareça no mercado um novo disco, apresentando-as com capas novas, dando-nos a impressão de algo inédito. As mais recentes incursões no passado, trouxeram-nos agradáveis surpresas: PRISONER OF LOVE, HEARTACHES, THE MAN I LOVE, LINDA, APRIL SHOWERS, melodias estas que foram logo tomando de assalto os primeiros postos. Não pretendemos estabelecer um paralelo entre o que ocorre nos Estados Unidos e no Brasil, mesmo porque a produção dos nossos "songsmiths", se leva vantagem na quantidade, deixa muito a desejar quanto à qualidade. Temos, porém, um público sempre disposto a prestigiar as obras canções do nosso repertório popular, mas, evidentemente, o que ele não deseja é esfalfar-se num trabalho de seleção, que deveria caber à filtragem nos canais competentes: editores, gravadores e rádio. Porque, então, não voltar as vistas para o passado, desenterrando do pó do esquecimento uma porção de melodias que fizeram furor em épocas em que se compunha mais com o pensamento voltado para a arte do que... para os "vales" absurdos das sociedades de autores. A obra de Noel Rosa, Sinhô, Eduardo Souto, Custódio Mesquita, Chiquinha Gonzaga, se agora revivida, bem que poderia concorrer para obrigar a "turma do Nica" a trabalhar melhor, provando, mais uma vez, que "os mortos governam os vivos".

F. CORREA DA SILVA

AMONG MY SOUVENIRS

(Do filme "The Best Years of Our Lives")

Fox de Edgar Leslie e Horatio Nicholls

There's nothing left for me;
Of days that used to be,
I live in memory among my souvenirs.

Some letters tied with blue,
A photograph or two,
I see a rose from you
Among my souvenirs.
A few more tokens
Rest within my treasure chest.
And tho' they do their best
To give me consolation,
I count them all apart
And as the tear drops start,
I find a broken heart among my souvenirs.

NÃO QUERO CONSELHOS

Samba de José Batista

Desde que ela foi embora
Nunca tive tanto amigo
Que se mostre a toda a hora
Tão solidário comigo.
Um me diz que ela me ama,
Outro diz que eu errei,
Vem um terceiro e me chama
Pra dar conselhos
Que eu também já dei.

Eu já disse que não quero
Nem consolo nem conselho;
Cada qual sabe o que sente
Quando perde o que mais quer...
Eu só quero que ela seque
Os meus olhos já vermelhos...
Eu não quero consolo nem conselhos
— Eu quero aquela mulher!

SAEOR DE BESOS

Canção-Blas de Genz A. Curiel

Estoy aquí!
La noche es tibia
Y tiene sabor de besos.
Ven junto a mí
Que al fin la luna
Se de nuestro amor.
Ven, por favor,
Que quiero ser el dueño
De tu rubor.
Y quiero contagiarte mis caricias
Y sentirte mía, muy mía.
Ven! Ven, por favor!

AT SUNDOWN

(Do filme "The Fabulous Dorseys")

Fox de Walter Donaldson

Ev'ry little breeze is sighing
Of love undying
At Sundown!
Ev'ry little bird is resting
And feather nesting
At Sundown!
Each little rook is sleeping
While shadows are creeping
In a little rest go creeping
The world seems to sleep
At Sundown!
Where a loving smile will greet a
And always meet me
At Sundown!
I seem to sigh: "I'm in love"
When night is falling
And love is calling me home

AVE MARIA

de Bach-Gounod

Ave Maria,
Thou happy mother, God is with thee,
Blessed, blessed art thou above all
Since in Bethlehem thou didst bear
The angel of the Lord
Honored and blessed Maria,
Honored and blessed Maria,
Mother of Jesus, infant redeemer,
Born to save us from our sins
And all our heavy woes,
Amen!

ESTA e a única apresentação
de agua de colonia
JEAN MARIE FARINA



Exijam
a marca
franceza
de

ROGER & GAILLET

PARIS ★ RIO

Cetrolina

antisséptico.
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

"Alvo como o Linho Irlandês"



Ao longo das costas rochosas da Irlanda do Norte, onde as montanhas de Mourn caminham graciosamente para o mar, estendem-se os ensolarados vales e cristalinos regatos que dão à fibra do linho alvura sem par.

"Alvo como o linho Irlandês" é um sinônimo de pureza e excelência conhecido em todo o mundo.

Os associados do Irish Linen Guild, através muitas gerações, têm preservado cuidadosamente esta reputação de excelência, e repetidamente advertem aos impacientes compradores de linho que é impossível apressar a natureza. Os elevados padrões mantidos a todo custo pelo Irish Linen Guild são a sua garantia da melhor qualidade.

Portanto, antes de comprar, procure o selo do Irish Linen Guild na orela de cada jarda do puro Linho Irlandês — da mesma forma que procuraria a marca de uma fina peça de prata. Outra razão porque dizemos com toda sinceridade



Exija Linho Irlandês!



A vida de Ivan, o terrível

(Continuação da página 52)

ria um verdadeiro príncipe", murmurava consigo mesmo. "Deixaria o meu cabelo crescer novamente. Tomaria banho e usaria perfumes". Voltava-se subitamente para o embaixador.

— Mas olhai-me agora. Sou um bárbaro. Respondei-me: não é verdade?

— Não, Majestade — replicava o inglês.

— Não, está claro que não. — repetia para si o czar. — Os meus antepassados eram bárbaros. E todos esses cães que me rodeiam também o são. Mas eu não. Eu sou um verdadeiro homem. — E os seus olhos brilharam a uma idéia enigmática. — E' por isso que todos me odeiam.

V

"Não, eu não sou um homem de verdade", dizia consigo mesmo quando ninguém estava presente. "Preciso fazer uma confissão ao mundo. Eu sou um cão asqueroso, um bêbedo, um adúltero, um anêmico e um assassino".

Vivia com o supersticioso terror de que uma sorte funesta o aguardava. Levava o embaixador inglês ao seu aposento particular e mostrava-lhe suas pedras preciosas. Parecia-lhe que elas estavam mudando de cor pouco a pouco — um presságio, segundo julgava, de que havia de morrer envenenado. Em certa ocasião, traçou um círculo sobre a mesa e esta pousou um grupo de aranhas negras — algumas dentro do círculo e o resto fora dele.

— Vede — disse, esmagando as aranhas que estavam dentro do círculo. — elas estão condenadas à morte, ao passo que as outras fogem... Condenadas à morte, como eu. Todos nós estamos presos no círculo mágico do destino. Então, golpeando mais uma vez com o punho os bichos que se debatiam, exclamou: — E' inútil contra o destino!

A noite, quando todos dormiam, Ivan chamava para junto do seu leito três cegos que tinham envelhecido no seu serviço, e que se sentiam perfeitamente à vontade na escuridão. Esses cegos eram os seus senhores durante a noite. Sentavam-se junto dele para consolá-lo da sua solidão e dissipar-lhe as desagradáveis recordações do dia.

— Vós que podeis ver a uma hora como esta — murmurava o czar, — dizei-me o que, na vossa sabedoria, aprendestes a respeito de nós. Somos cegos, ou somos dotados de vista?

Depois dos cinquenta anos, Ivan tornou-se insanamente religioso. Foi viver como eremita e morreu com o nome de frei Jonas.

Do livro "Vida de estadistas famosos".

O roubo do microbio

(Continuação da pág. 29)

Impedido de dar execução ao seu projeto. Procurou dinheiro nas agibeiras e achou somente um meio-soberano, que mostrou ao cocheiro, pela portinha aberta na dianteira do carro, dizendo-lhe:

— Este e muitos outros se conseguiram escapar.

O dinheiro foi-lhe arrancado da mão.

— Está bem, disse o cocheiro.

A pequena vidraça caiu novamente e a correia do chicote caiu, eu toda a sua extensão, sobre o flanco lúcido do cavalo. O carro saltou; meio levantado o anarquista, para conservar-se em equilíbrio pôs sobre o toldo a mão que segurava o pequenino tubo de vidro; ouviu imediatamente estalar o pequeno e fragil objeto e a metade quebrada rolou sobre o chão do carro. Ele caiu para trás, sobre o coxim de assento, soltando uma praga e olhou aterrorizado para as pequeninas gotas do líquido derramado.

Estremeceu.

— Pois bem! eu vou ser a primeira vítima. Em todo caso, morreréi como um mártir! Já é qualquer coisa... Entretanto...



Defenda-se da PIORRÉIA

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas

Se nota que as gengivas sangram ao escovar os dentes... se as tem molas e sensíveis — defenda-se da Piorrêia! São sinais de alarma desta terrível enfermidade — que mina as gengivas e afrouxa os dentes.

Defenda-se da Piorrêia com o método experimentado Forhan. Escove os dentes duas vezes ao dia (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan contra a Piorrêia. Exames clínicos recentes demonstram que 95% dos casos ameaçados de Piorrêia apresentaram uma surpreendente melhora com apenas um mês deste tratamento simples.

Procure seu dentista com frequência e siga os conselhos dele. E para o embelezamento dos dentes e a saúde e vigor das gengivas — comece a usar hoje mesmo o dentífrico Forhan's para as Gengivas!

Escove os dentes com Forhan's



4FP1

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUELA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA PARTE

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

to não deixa de ser uma incômoda maneira de morrer. Pergunto a mim mesmo se fará o mal que lhe atribuem.

Repentinamente, acudiu-lhe uma idéia: procurou às apalpadelas entre os pés. Ficou ainda, no fundo do tubo quebrado, uma pequenina gota do líquido pestilencioso: ele bebeu-a afim de constatar o efeito que ela produziria. Era melhor estar certo do fato, e assim não anularia a execução do seu projeto.

Pareceu-lhe então inútil fugir ao bacteriologista. Fez parar o carro em Wellington Street e desceu. Resvalou sobre o esbóto e sentiu uma exquisitez; era verdadeiramente um veneno de efeito rápido, o do cólera. Fêz com a mão um sinal de adeus ao cocheiro, de adeus supremo, por assim dizer, e ficou á espera, na calçada, com os braços cruzados sobre o peito, vendo aproximar-se o sábio bacteriologista. A sua atitude tinha um que de trágico. A sensação da morte em perspectiva, dava-lhe um certo ar de dignidade. Saudou com um sorriso de desafio o bacteriologista que o perseguira, e exclamou:

— Viva a anarquia! O senhor chega muito tarde, meu amigo. Bebi-o! O cólera está solto e desencadeado.

O bacteriologista, ainda no carro, olhou-o com curiosidade através dos vidros dos óculos.

— O senhor bebeu-o! é anarquista. Compreendo agora.

Ele acrescentar qualquer cousa, mas, repentinamente, calou-se.

Passou-lhe um sorriso pelo canto dos lábios: abriu a portinhola do carro como que para descer; nesta ocasião o anarquista enviou-lhe um adeus dramático e lançou-se como um raio na direção da ponte de Waterloo, tendo o cuidado de esfregar o seu corpo contaminado em todas as pessoas que ia encontrando na corrida.

O bacteriologista ficou tão aterrorizado com este espetáculo que apenas manifestou uma ligeira surpresa quando viu aparecer sua esposa, trazendolhe o chapéu, as botas e o sobretudo.

— E' muito amável da sua parte trazer-me trazido tudo isto, disse ele, e ficou

absorto na contemplação do anarquista que se afastava.

— E' bom que volte para casa, continuou, olhando sempre para o ponto onde desaparecera o anarquista.

Mimi ficou convencida de que ele estava realmente louco e, de motu-próprio, deu ordem ao cocheiro para voltar para casa.

— Calçar as botas? Mas certamente, querida, disse ele no momento em que o carro, principiando a rodar, não permitiu mais que ele distinguisse o pequenino ponto negro que se via ao longe na direção tomada pelo fugitivo.

Repentinamente acudiu ao espírito do bacteriologista uma idéia grotesca e ele riu-se às gargalhadas. Depois acrescentou mais seriamente:

— Isto entretanto é muito sério... Sabes quem é este sujeito que me veio visitar? pois bem, é um anarquista... Não vale a pena desmaiar, pois não me seria possível assim continuar a narração. Não o conhecendo, deu-me vontade de mistificá-lo então tomei uma cultura dessa moderna bactéria, de que te falei há pouco tempo, a qual é um veneno que produz, segundo creio, manchas azuis sobre espécies de macacos; e, imbecil que sou! disse que era o microbio do cólera asiático. O homem fugiu com o vidrinho no intuito de envenenar a água de Londres, e não é pouco provável que ele poderia ter feito mudar a cor da pele a todos os habitantes desta cidade civilizada. Eis que ele engoliu a droga; não posso prever o que lhe acontecerá, mas bem viste o efeito

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA PARTE

to que produziu sobre o pelo do nosso pequeno gato e dos três cãesinhos: manchas, ah! E o pardal... A grande massa da é que vou ter novo trabalho para arranjar, á minha custa, outro líquido.

Pôr o sobretudo em um dia tão quente? Porque razão? Porque poderíamos encontrar a senhora Jabber? Mas, minha querida, a senhora Jabber não me ocasionará um refluxo. E porque havia eu de pôr o sobretudo em um dia tão quente só por causa da senhora...

— Oh! se assim queres, não insisto

Quina Petroleo ORIENTAL,
finamente perfumada, fixa o penteado, evita o embranquecimento prematuro, extingue a caspa e combate todos os parasitas capilares.



A Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é fêlo quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observa-se como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador á vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite á pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratórios Alface A. F. F. F.

Quina Petroleo
ORIENTAL

A VIDA DO CABELO!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz



a Beleza do Cabelo

**aumenta a
atração pessoal**

Para assegurar a vitalidade, o brilho, e evitar queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos, não há melhor meio do que o uso diário do Tricófero de Barry.

Loção revitalizante, Tricófero de Barry tem a sua ação comprovada através de mais de um século de uso.

Dê aos seus cabelos o tratamento e o cuidado que merecem.

*Tricófero
de Barry*
EM USO DESDE 1801

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

**ÁGUA
INGLESA**

GRANADO

TÔNICA
E APERITIVA

NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCENÇAS

T. TARQUINO

Agência Zambardino
Rua Capitão Salomão, 67
Distribuidora desta revista
na capital de São Paulo

A AUSTRÁLIA TAMBÉM FAZ CINEMA

(Continuação da página 17)

Mais ainda: o exército nos deu excelente e generosa cooperação. Sem ele, nunca teríamos podido fazer o filme. Naturalmente, isso era parte da ajuda notável que o governo da Austrália nos concedeu. Essa ajuda, que consistiu em transportes, facilidade para usar locais especiais, etc. parece-me a forma ideal de assistência que um governo possa conceder a produtores de filmes.

Foi também em Narwietoon que realizamos quão extraordinárias são as possibilidades latentes do norte. Em nossa volta estavam maravilhosas pastagens com "herva Mitchell" que subia até a barriga do gado. Praticamente em toda parte pode-se obter água pura furando poços. Assim fizemos durante toda a viagem, e a maioria das vezes era doce e boa. Inevitavelmente, o território norte chegará a ser um dos mais ricos Estados da Austrália, mas isso, naturalmente, exigirá vastos planos a longo termo.

De Narwietoon viajamos 800 milhas ao norte até o rio Roper e estabelecemos num outro acampamento.

Lá a paisagem diferia completamente, luxuriante e tropical, com vastos pântanos, dos quais subiam gansos e patos selvagens que enchiam os céus. Ficamos um mês no rio Roper, onde encenamos nossa maior sequência, na qual o gado atravessa o rio a nado. E não só o gado o fez várias vezes, mas também o elenco, a cavalo, completamente vestido. O ator principal, "Chips" Rafferty, era um simples vaqueiro. Mas hoje está em Londres, convertido em galã do cinema inglês.

Em razão do tipo realista desse filme, ele não contém truques. Isso diz muito em favor do elenco australiano. E não tivemos acidentes sérios. Uma ou duas quedas com cavalos e uma ferida por chicotada constituíram a soma total de nossos acidentes. E como prova da salubridade da região, certamente no inverno, ninguém adoeceu.

Voamos de volta, a cerca de 2.000 milhas para Sidney, e montamos o filme. Tudo que direi a respeito, neste momento, é que o acho muito real e honesto, e muito australiano. Mostra a gente das regiões remotas tal qual é: forte, empreendedora, e "espinha dorsal" do país.

O fantasma da...

(Continuação da página 23)

festa da sua vida, encaminhou-se até a cozinha.

Foi um momento só o que durou a cena estranha.

Como se lançasse sobre ela alguma essência preciosa capaz de lhe aguçar ainda mais os encantos, tomando uma garrafa de álcool embebeu minuciosamente as vestes todas.

De carreira, após, tornou à alcova.

O amigo dormia sempre, no mesmo sonho de ventura. Deu volta à chave, olhando ainda um minuto, no cristal amigo, a figura de rosa morena toda orvalhada. E a idéia louca empolgou-a de súbito.

Um fosforo aceso, e, num relance, a chama viva cresceu, violenta, na fácil combustão das roupas vaporosas.

Houve dois gritos de amor e de odio confundidos — louco e desgarrado apelo ao seu perdido bem: — Paulo! Paulo! —

III EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA E INDUSTRIAL DE CARANGOLA

No próximo dia 18 deste mês será inaugurada a 3.ª Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Carangola, o importante certame que vem reunindo anualmente os criadores, industriais e agricultores do grande município da Zona da Mata e regiões adjacentes. Nascida vitoriosamente há três anos, a Exposição de Carangola vem correspondendo inteiramente às expectativas gerais, tornando-se uma das mais animadas e expressivas mostras econômicas de Minas. Amparada pelo sadio entusiasmo dos criadores carangolenses e prestigiada de modo decisivo pela população da próspera cidade que é Carangola, a Exposição Agro-Pecuária alcançará certamente este ano outro esplêndido êxito, demonstrando mais uma vez o crescente grau de aperfeiçoamento a que chegou a pecuária



Parque dos pavilhões da Exposição de Carangola.

daquela extensa e rica zona de criação. E Carangola receberá mais uma vez a visita de todos os que se interessam pelas realizações dessa natureza e que em grande número têm abrilhantado anualmente o transcurso do certame.

Como nos anos anteriores, grandes festas estão sendo preparadas para a semana de 18 a 25, tornando a Exposição cheia de atrativos que farão a delícia dos seus frequentadores. Rodeios, concursos hipicos, dancings, almoços e jantares alegres, bailes e outros motivos de reunião ali serão realizados de par com os interessantes desfiles de animais e concursos diversos, que terão por palco o magestoso Estádio Municipal. E tudo isto em meio à encantadora hospitalidade do povo carangolense, que sabe tão bem receber e proporcionar aos seus hóspedes uma permanência das mais agradáveis.

com que esmagava, boca contra boca, os urros de horror do homem despertado.

Tolhido inteiramente naquele amplexo de loucura e de morte, todo envolto no abraço mortal daquela amante estranha, feita de fogo, como um fantasma maldito,

e arrebata-lo vivo aos turbilhões do inferno. — Paulo Vital, ainda estremunhado do sono, debatia-se como um possesso, mas em vão.

A dor alucinante multiplicava ao infinito o vigor letal daquelas carnes com-

Consolidação das Leis do Trabalho

Texto actualizado até á expedição do último Decreto-Lei do regime pre-constitucional. Texto completo.

Vêr o n.º 46 da revista

TRABALHO E SEGURO SOCIAL

A' venda em toda parte. Pedidos á CIA. EDITORA AMERICANA.

Maranguape, 15 -- RIO.

Atende-se pelo reembolso.

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 225110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas

...antes, daqueles tentáculos de chama, que se apegavam a ele, como voltas de

...tudo já em torno ardia também — a tina do leite, rou'arias, vestidos soltos sobre as cadeiras do quarto, para onde se ajeitavam os buleões da fogueira tremendo, que o cristal do espelho retratava ao

Quando os criados e os vizinhos conseguiram deitar a porta abaixo e penetrar no aposento, foi um só grito de horror, à vista do montão de carnes andantes e negras, que se estorciam em convulsões, por entre os restos do leito incendiado.

Levados para o hospital, na mesma noite a rapariga expirava.

O amante, cujo corpo era uma chaga imensa, venceu, porém, a crise tremenda

E quando ele reapareceu na rua, ao cabo de longos meses de cruéis padecimento, todas aquelas cicatrizes pavorosas tinham feito ao desgraçado esse monstro que vocês acabam de ver — concluiu Augusto Bacelar. E, como, por esse tempo, estivesse fazendo um furor doido na cidade aquela fita célebre de Lon Chaney — O "fantasma da Opera", ficou ele assim para toda a vida — para essa vida que arrasta agora, sem mais farrapo de dignidade, apanhando aqui e ali a migalha de uma esmola.

TRANSMISSÃO DE FOTOGRAFIAS EM CÔRES PELO RÁDIO

LONDRES — A Cable and Wireless Ltd., em combinação com uma companhia associada na Austrália, realizou recentemente uma experiência de transmissão de fotografia em cores pelo rádio, com resultados bem interessantes.

Uma fotografia em quatro cores foi transmitida para a Austrália em quatro vezes, cada uma das cores usadas — amarelo, vermelho, azul e preto. O material empregado foi uma folha colorida de revista de modas.

A foto-máquina de que saem as chapas para o transmissor, operando num sistema "sub-carrier" de frequência, leva entre 6 e 10 minutos para transmitir uma chapa de 10 polegadas por 6. A fotografia é colocada num pequeno tambor giratório, que faz 60 revoluções por minuto. Um raio luminoso cobre a fotografia linha por linha, na média de 120 linhas por polegada. Outro raio luminoso, projetado na superfície da chapa a transmitir é refletido numa célula foto-elétrica variando de intensidade com a luz e o tom da fotografia, o que faz igualmente variar a intensidade da corrente que parte da célula e dá a medida de modulação do transmissor.

No centro receptor, opera-se praticamente o inverso. Um raio luminoso de intensidade variável é projetado sobre um filme sensível e um cilindro giratório semelhante ao primeiro reconstitui a chapa, que é depois revelada pelo mesmo processo de uma fotografia comum.

O resultado foi que, depois de impressas na Austrália as quatro chapas, conseguiu-se uma página cuja nitidez e perfeição de gravação só raramente eram prejudicadas por um ou outro lapso.

Estas pesquisas estão, pois, no bom caminho, e em breve será possível transmitir, com absoluta fidelidade, quaisquer fotografias em cores pelo rádio.

PRÍNCIPE DE GALLES

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!

Produto COSTA PENNA BAHIA BRASIL



Tão linda e atraente é a pele com a glamorosa

Beleza de Adolescente

Para obtê-la, não encubra... *Corrija* as imperfeições do seu rosto com LEITE DE COLONIA

Essa tão cobiçada dádiva de beleza - pele jovem e acetinada - não é privilégio das adolescentes! Em muitas mulheres esse dote de juventude vence os anos... sempre atraindo... sempre fascinando! Sem dúvida, também é seu desejo conservar ou conquistar a cutis linda e livre de imperfeições. Então, guarde este conselho: não artificialize os seus encantos com demasiado maquiagem para encobrir manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções da pele. A solução certa é evitar e corrigir essas imperfeições com Leite de Colonia!... Produto de toucador, mas de base medicinal, Leite de Colonia é ainda um perfeito fixador do pó de arroz. E - ao mesmo tempo - protege a cutis. Embeleze sua pele diariamente com Leite de Colonia!

CONQUISTE PARA SUA PELE A BELEZA DE ADOLESCENTE

Ao levantar-se, limpe sua cutis com Leite de Colonia. Durante o dia, use-o como fixador do pó e protetor da pele. Ao deitar-se, para remover o maquiagem e limpar novamente a cutis.

CABELOS BRANCOS? LOÇÃO Brilhante

Leite de Colonia

LIMPA... ALVEJA... AMACIA A PELE

LC-5. Record Produções



E

em São Paulo...

é sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Successora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

Sexta-feira 13

(Continuação da pág. 35)

Uma careta silenciosa foi a resposta, mas Anastácio voltou à carga e disse-lhe que estava com um palpite para

ganhar uma fortuna, mas lhe faltava os 12 cruzeiros para comprar o bilhete. Se ele lhe emprestasse o dinheiro seria uma mão na roda... e quem sabe? Talvez uma gratificação... Fez, entretanto, questão de acentuar que era ganhar na certa.

Depois dessa argumentação toda conseguiu o dinheiro. Meteu-o no bolso e criou alma nova. Agora sim, estava tudo arranjado, pensou. Só faltava chegar a hora do lanche para poder dar uma saída.

Sentou-se à mesa novamente para trabalhar, mas nada conseguiu fazer. Cada minuto que passava parecia-lhe uma eternidade. O dinheiro no bolso parecia queimar-lhe.

Ouviu a voz do chefe chamando-o. Recebeu dele um ofício para datilografar. Sentou-se à máquina e com muito sacrifício conseguiu datilografá-lo. Entregou-o e voltou à sua mesa, mas ainda não tinha acabado de sentar-se e já era novamente chamado:

— Seu Anastácio!

Atendeu. Era novamente o chefe que, depois de lançar-lhe um olhar rancoroso, continuou:

— Quantas vezes devo-lhe dizer para ser mais cuidadoso no serviço? Veja só que porcaria está este ofício. Todo raspado! Todo emendado e ainda por cima faltando palavras! É um absurdo!

Anastácio ficou perturbado ainda mais do que estava anteriormente. Uma onda de sangue subiu-lhe ao rosto. Teve vontade de segurar aquele homenzinho pelo gasganele e arrebatá-lo. Sem dúvida ele estava se prevalecendo de sua posição. A lembrança da mulher e dos filhos fez, porém, com que ele arrefecesse e com voz humilde pediu desculpas, prometendo ser cuidadoso e debaixo de mais decorposturas dirigiu-se novamente para a máquina de escrever.

Fez, refez e tornou a fazer o mesmo ofício até que conseguiu um sem rasuras. Nesse momento o relógio marcava 13 e meia. Era a hora do lanche. A hora que ele tanto esperava.

Pela rua ia atropelando a quantos encontrava no caminho até que chegou ao Largo da Carioca. Procurou avidamente o rapaz dos bilhetes, mas não havia meio de encontrá-lo. Depois de ter andado de um lado para o outro como barata tonta conseguiu avistá-lo. Dirigiu-se-

SOPRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório de GUARAMIDINA

lhe correndo. Pediu-lhe o bilhete que mandara reservar, procurando nervosamente, no bolso, a nota de vinte mil reis.

— Qual foi o bilhete que o senhor pediu para guardar? Perguntou o rapaz surpreso.

— 8513, respondeu Anastácio nervoso.

— Ah! Agora me lembro! O senhor é o gajo que estava teso, não é?

— É isso mesmo.

— O senhor vai me desculpar, mas eu vendi esse bilhete agorinha mesmo.

Anastácio sentiu o sangue gelar-lhe nas veias. Foi tamanha a raiva de que ficou possuído que segurou o rapaz pelo braço com toda a força que conseguiu reunir e berrou:

— Miserável! Eu devia lhe arrebentar os miolos pela sua safadessa! Canalha! Vagabundo!

O rapaz tremia como vara verde, pedindo-lhe misericórdia. Alegava que não tinha culpa. Que pensara que ele não viesse. Populares foram se aglomerando e em dado momento Anastácio percebeu que estava fazendo escândalo. Largou o rapaz e afastou-se rapidamente do local.

Como faltassem ainda alguns minutos para as 14 horas, ele procurou em várias casas e com todos os vendedores, que encontrava, o seu bilhete, mas foi tudo em vão. Desconsolado, caminhou para a repartição onde chegou atrasado, recebendo outra chamada do chefe, que o deprimiu ainda mais.

A proporção que as horas passavam ia, porém, se refazendo dos aborrecimentos do dia e quando terminou o expediente já estava conformado com o caso. Afinal de contas, pensou, a Filomena talvez tivesse razão. O dia era mesmo azarento.

Entretanto, para tirar um peso da consciência passou pela Avenida Rio Branco para ver o resultado da loteria, mas quando chegou diante da casa lotérica não pôde suportar o que seus olhos viram. Os joelhos se lhe dobraram e ele estendeu-se na calçada, surpreendendo a quantos estavam nas imediações.

É que, encimando a lista dos prêmios estava o número do bilhete que ele não pôde comprar.

REGULADOR XAVIER

★ O remédio de confiança da mulher ★

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALLES DIFERENTES:

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

O BELO DANUBIO AZUL

(Continuação da pág. 46)

Vierdet, do qual se fizera o mais platonico e fiel dos apaixonados. Dumas e Gutzke também foram chamados para o beija-mão do gênio da valsa. E quando, finalmente, Strauss tocou ao piano o Danúbio Azul, as águas retatadas transformaram-se em chapas e tocaram logo à Europa. A In-terra rodopiou no som daquela música. A Áustria, como quem repara uma injustiça, tratou de consolidar-lhe o prestígio. O Oceano Atlântico não foi obstáculo poderoso. O Danúbio Azul atingiu a América e ali se deu o prodígio: o inconcebível, o inenarrável. Demos a palavra ao próprio Strauss:

"Com mil dólares foi o que exigí para visitar Boston, com todas as despesas de transporte e estadia pagas para mim, minha esposa e três criados.

Lá chegando, fui informado de que tomaria parte num concerto: monstro. Pensei, assustado, em quinhentos executantes. Eram VINTE MIL! Vinte mil no todo, entre cantores e instrumentistas! Com assistentes para o regente que era eu!

Um barracão imenso foi construído especialmente para a ocasião. Comportava uma lotação de cem mil pessoas!

Subi à plataforma, tomei a batuta e tapei os ouvidos. Um estrondo tremendo sou. Começara o concerto."

E, no final da proeza, Strauss comentou:

"O que mais me impressionou foi que, por uma coincidência inexplicável, terminamos, todos, ao mesmo tempo 113."

FABRICAÇÃO CONTÍNUA DE BORRACHA

LONDRES — Provavelmente pela primeira vez na história industrial, está-se fabricando borracha de maneira contínua nas instalações da Dunlop Rubber Co., em Speke, Liverpool.

A produção se organizou de tal maneira que a manufatura de pneumáticos passa pelos seguintes processos — prensa das telas, estiramento dos fios, manufatura de parte dos componentes, construção e forma do pneumático esvaziamento e vulcanização, acabamento, inspeção e embalagem.

Na secção de mistura, podem-se ver muitas novidades, entre as quais uma sala central de controle, de onde se observam e registram as misturas; o laminado automático; os transportadores usados para o esfriamento da borracha. Há

também um sistema pneumático para transportar mostras do material ao laboratório central, afim de que seja possível reatizar-se a produção, à medida que se manufaturam novos ingredientes.

As fábricas de Speke são das primeiras a reverterem à produção de paz. As suas instalações cobrem uma extensão de 1.400.000 pés quadrados.

ILUMINAÇÃO PARA BICICLETAS

LONDRES — A notícia mais sensacional quanto a bicicletas é um novo sistema de equipamento de iluminação, que dá à bicicleta o equivalente à iluminação de um automóvel.

A eletricidade é reproduzida por meio de um gerador de 6 volts alojado no eixo da roda trazeira, o que diminui o seu

A' venda em todo o Brasil o

ALMANAQUE

EU SEI TUDO

para 1947

peso, em comparação com outros sistemas, em 380 gramas. A corrente é carregada num acumulador de pequeno tamanho, colocado discretamente sob o quadro. Daí, por meio de um retificador, a eletricidade é fornecida como corrente direta de 2 watts, às lâmpadas dianteira e trazeira.

O novo sistema, conhecido como Dynohub-de-Luxe tem a vantagem de precisar somente de água destilada, uma ou outra vez. A lâmpada dianteira pode ser movimentada em muitas direções e o acendedor fica em posição tão inesperada que a protege contra os curiosos. A luz é firme e constante, quer a bicicleta esteja parada ou em movimento lento ou rápido.

Aos srs. distribuidores e assinantes desta revista

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.



Sala de Jantar

O MODELO de sala de jantar que acima estampamos merece ser aproveitado em um grande palacete, onde todas as peças obedeam à uniformidade e pureza de estilo. Os móveis são laqueados em branco marfim e ouro, sendo os estofos das cadeiras em damaseo ouro e branco. As paredes em côr perola e ouro, lustre de cristal, espelho venesiano, cortina em voile creme seda e damaseo ouro. Tapete francês Chiraz completa a decoração.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

Pesquisa



CIA DE CIGARROS

Souza Cruz

POSTA RESTANTE

Joaquim Caetano da Silva um dos maiores sábios brasileiros, autor da obra magistral *L'Oyayek et l' Amazone*. Disse-o barão do Rio Branco que na solução do litígio do Amapá pode valer-se de Joaquim Caetano e da sua obra magistral.

Em 1847 era Joaquim Caetano reitor do Imperial Colégio de Pedro Segundo, abrangendo internato, semi-internato, externato.

Com sua esposa, senhora francesa, desposada em Montpellier em cuja Faculdade de Medicina o marido se doutorara, o reitor ocupava cômodos nos fundos do edifício, de vista à rua da Prainha e à ilhargia de igreja na rua Larga de São Joaquim, de excepcional largura no perímetro urbano carioca.

Na habitação do reitor o que devia ocupar bom espaço era dele a biblioteca, desde mocidade o dono devotado a livros para diuturno acréscimo de saber.

Desde suas primeiras funções públicas, as de reitor e professor do Colégio de Pedro Segundo até o seu último cargo, o de diretor do Arquivo Público do Império, de certo o doutor por Montpellier não pôde, ou não quis, exercer medicina.

O Dr. Silva — assim de hábito se assinou e assim era tratado Joaquim Caetano, não se confinava na sua habitação do Pedro Segundo. Pedindo licença a seus queridos livros, sempre que podia excursionava pelo Rio de Janeiro.

Tal ouvimos de sua viúva falecida entre pessoas de amizade pouco antes da República em casa terrea da travessa do Desterro, ora Moraes e Valle, casa agarrada a muro do convento carmelitano da Lapa.

Que Joaquim Caetano não se limitava a passeios, vai ser provado.

Em 1847, por qualquer circunstância hoje ignorada, Joaquim Caetano tomara casa fóra do Rio de Janeiro. Escolhera-a em Jurujuba, um dos mais aprazíveis recantos praianos vizinhos de Niterói.

Caso não estivesse licenciado, caberia a Joaquim Caetano vir ao Pedro Segundo pelo meio marítimo do tempo, o bôto, a galera reservada ao transporte de gêneros e mercadorias.

A ausência do reitor no Colégio era suprida pela energia disciplinar de vice-reitor, o monge beneditino frei Rodrigo de S. José, que residindo no estabelecimento dele fazia seu claustro e de quarto sua cela.



Senador Euzebio de Queiroz (S. Paulo de Loanda 1812 — Rio de Janeiro 1868).

Num dos seus dias de Jurujuba, o Dr. Silva tomou da pena para escrever a amigo, o seguinte: dirigido a Araújo Porto Alegre:

"Jurujuba. 24 de Agosto de 1847.

Meu muito presado amigo:

Sublimes hoje, de manhã, ao morro de Santa Cruz, em cujo cimo nos demoramos uma hora larga, desfrutando o bellissimo painel que d'alí se descortina. Eu ia precavido de um óculo de vêr ao longe, e saboreei tudo.

Foi uma hora larga e em tôda ela estive lembrando do meu poeta e meu pintor. Se ainda não deu este passeio, aproveite a ocasião de minha estada aqui, e terá por muito bem empregado o tempo que com isso despende.

O melhor seria vir com o dono da casa, um cunhado do Dr. Lessa, e que estará amanhã na cidade, e também 6.^a feira, e em outros dias. Se quizer vir só não há que se enganar: é na Vargem, logo depois da igreja que se está edificando em casa do Sr. Borges, pessoa muito conhecida de tôda esta vizinhança. A casa está em um alto, por detraz da igreja, facilmente se distingue por sua varanda de colunas.

Minha mulher que é grande apreciadora da bela natureza, não pôde ter socego se não supplica à Ilma. Snra. D. Paulina a graça de vir realçar com sua amabilissima presença os encantos do Rio.

A subida, com ser mais comprida, é mais sua que a de Santa Tereza.

Seu amigo do coração, Dr. Joaquim Caetano da Silva"

Alguns aditamentos esclarecedores da carta de há justo com anos, carta de resistência ao tempo por excelência de papel e força de tinta.

D. Paulina era a esposa de Porto Alegre, D. Paulina da Câmara em solteira. Refere-se a missiva ao Dr. Fernando Lessa, médico, professor de francês e secretário no Colégio de Pedro Segundo.

Da popularidade do Sr. Borges em Jurujuba, em *Trechos de Minha Vida*, dá testemunho o visconde de Taunay, por lembranças felizes de infância, tornado outro entusiasta de Jurujuba no seu enlevo pela natureza brasileira a serviço da pintura desta tanto se dedicando em sua obra literária de vulto e nacionalissima.

A carta de Joaquim Caetano, datada de tão perto do Rio de Janeiro, succede outra carta, datada de longe, e também da pena de brasileiro qual Euzebio de Queiroz.

Rio Branco qualificou Joaquim Caetano, qualifique Euzebio, dizendo-o "por muitos anos o mais prestigioso dos chefes do partido conservador".

Pois segundo testemunho filial, do que muito se ufanava o prestigioso era de ter sido o primeiro exaninando de latim para matricular-se no Curso Jurídico de Olinda, gostando de referir-se à cena do exame quando uma glória do seu país, o estadista lembrado do preparatoriano.

A tratamento de saúde e de alteração de vista, Euzebio de Queiroz se foi à Europa a consultar notabilidades médicas, na falibilidade do saber humano não sendo raro enganar-se um luminar para que acerte em efeito um clinico modesto.

Da Europa escreveu Euzebio a amigo do Brasil em carta sem assinalamento de ano.

17 de Julho

"Meu colega e Amigo. — Aqui me acho na Baviera, usando essas águas que me foram recomendadas por Trunseau, Barthe, Holens e outra mestrança, a respeito de melhoras tenho algumas, mas por ora falo lingua de Cabinda e por tão pouco não me achava do Rio.

Só me tenho occupado da saúde, mas nos 8 dias que estive em Londres é que mais do que nos 18 de Paris, admirei muita coisa, vi que me achava diante de maravilhas que nunca vi, mas lembrava-me com saudade do ninho meu paterno.

Ouvi os oculistas e os Médicos gerais e se eles sabem eu não tenho nos olhos senão fraqueza em consequência de moléstia geral, a qual as águas devem curar, *sed credat judens, non ego*.

Tenho agora visto de perto (mas bem entendido *incognito*) a Imperatriz da Austria, o Imperador e a Imperatriz da Rússia, o rei da Bohemia, o principe de Monaco, Gortschakof e outros que taes, mas no meio de gente que fala alemão estou em muito má posição quanto falo o francês e isto muito mal".

Com recomendações e saudades a pessoas da familia do amigo, finda a carta assim abreviada e depois extensamente subscrita:

"Amo. e Col^a. Obrig^o. — Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso da Câmara.

Como a carta de Joaquim Caetano, a de Euzebio pede alguns esclarecimentos senão breve comentário.

A Imperatriz da Austria vista pelo missivista em cidade de águas bavara era Elizabeth de Wittelsbach, por sua formosura tida pela Rosa da Baviera. O rei da Bohemia só deve ser Francisco José em monarquia dual chamando a si corôa bohemia.

O imperador da Rússia, acompanhado por sua imperatriz, vinha a ser Alexandre II, anos depois vítima de Lomba de atentado nihilista. Acompanhava-o também Gotschakof, o diplomata tão sabido em tricas de chancelaria e tretas de ocasião.

O soberano do minuscuro e roletoso, por de jogatina, principado de Monaco, chamava-se Carlos III, figurando entre personagens tratados por Euzebio como "outros que taes", o que supõe grupo.

Arquivos públicos ou particulares, colecionadores de autógrafos podem constituir uma especie de *Posta Restante* na qual o passado deixa muita coisa útil à História e a consulentes.

Pedidos à *Posta Restante* as cartas de Joaquim Caetano e Euzebio de Queiroz mostram a intima, a humana, dois brasileiros a respeito dos quais se pronuncia a história da pátria comum a ambos.

ESCRAGNOLLE DORIA



NOS BASTIDORES FEMININOS

ESTE é o seu mês, noiva de Maio...

Finalmente os seus sonhos vão se transformar em realidade. Você vai casar... Vai passar a ter junto de si o seu, "príncipe encantado"...

Mas você continua sonhando; sonha com um mundo eternamente rosa, um mundo onde só haverá sorrisos e satisfações. Você já se vê de mãos dadas, caminhando feliz ao lado do seu eleito.

E eu não lhe desejo outra coisa. Apenas quero fazer uma pergunta: Você está preparada para isso?

Porque, noiva de Maio, a felicidade, principalmente a felicidade conjugal, não vem assim, espontaneamente, ao nosso encontro. E' preciso, outrossim, lutar muito para conquistá-la e conservá-la.

E' por isso que pergunto: Você está preparada para isso?

Preparada para abdicar da sua liberdade, do seu "genio", das suas vontades?

Preparada para enfrentar com calma e superioridade os problemas que possam surgir?

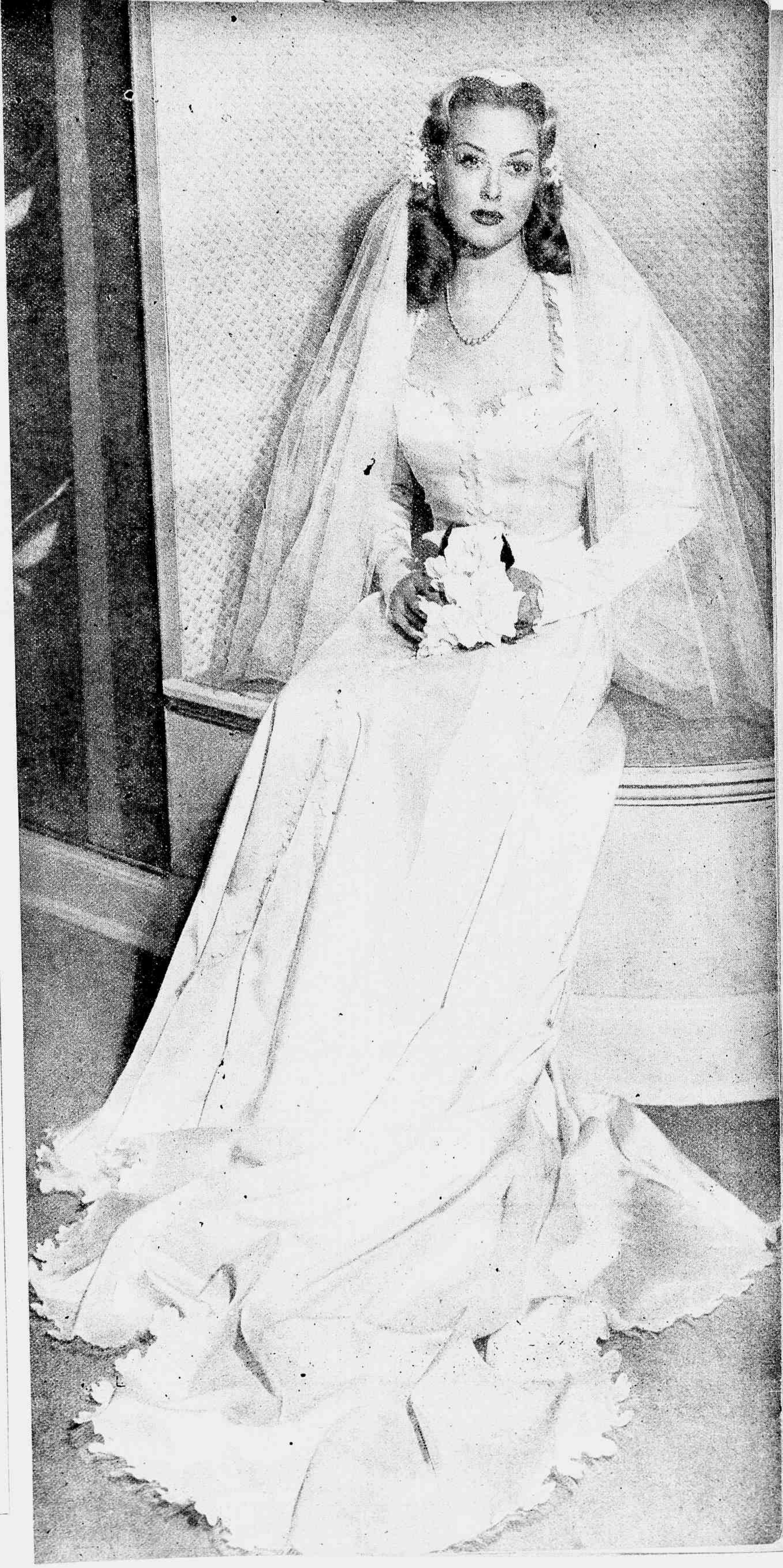
Preparada para cuidar de si, da sua casa e do seu esposo? Lembre-se que a mulher casada deve ser ainda mais vaidosa do que a solteira.

Porque o marido que ao chegar em casa encontra a sua "cara-metade" de "robe" ou de vestido velho, com cabelos desfeitos, sem "maquillage" ou com vestígios da "maquillage" anterior, acaba por se desiludir e deixa de achar, ao seu lado, o mesmo prazer que achava quando era simplesmente namorados ou noivos, e quando então você se esmerava na sua aparência para agradá-lo.

Importante, também, é o conforto que você pode lhe proporcionar em casa. Procure conhecer as suas predileções em matéria de alimentação (não, isto não é prosaico!), arranje um "canto" simpático onde ele possa lêr, com boa luz e sem a preocupação de manchar o estofado da poltrona ou deixar cair cinza de cigarro no chão; onde ele não seja forçado a manter-se numa posição rígida, porque a cadeira é bonitinha mas não é cômoda; convença-se, também de que muito que vocês se gostem, é necessário que outras pessoas convivam com vocês: pessoas agradáveis, escolhidas entre as relações de ambos, as quais vocês deverão visitar e receber. Não o importune também com os seus probleminhas domésticos e não telefone para o escritório senão quando houver muita necessidade.

E, há ainda um mundo de coisas que eu poderia dizer a você, Noiva de Maio... Mas quero confiar na sua inteligência, na sua habilidade e na sua astúcia. Quero me convencer de que você saberá como agir, porque você será sincera consigo mesma, reconhecerá seus próprios defeitos e não insistirá neles, e saberá ainda que deverá se manter, em relação ao seu marido, sempre e sempre em posição de conquista. KITTY

UMA NOIVA ENCANTADORA

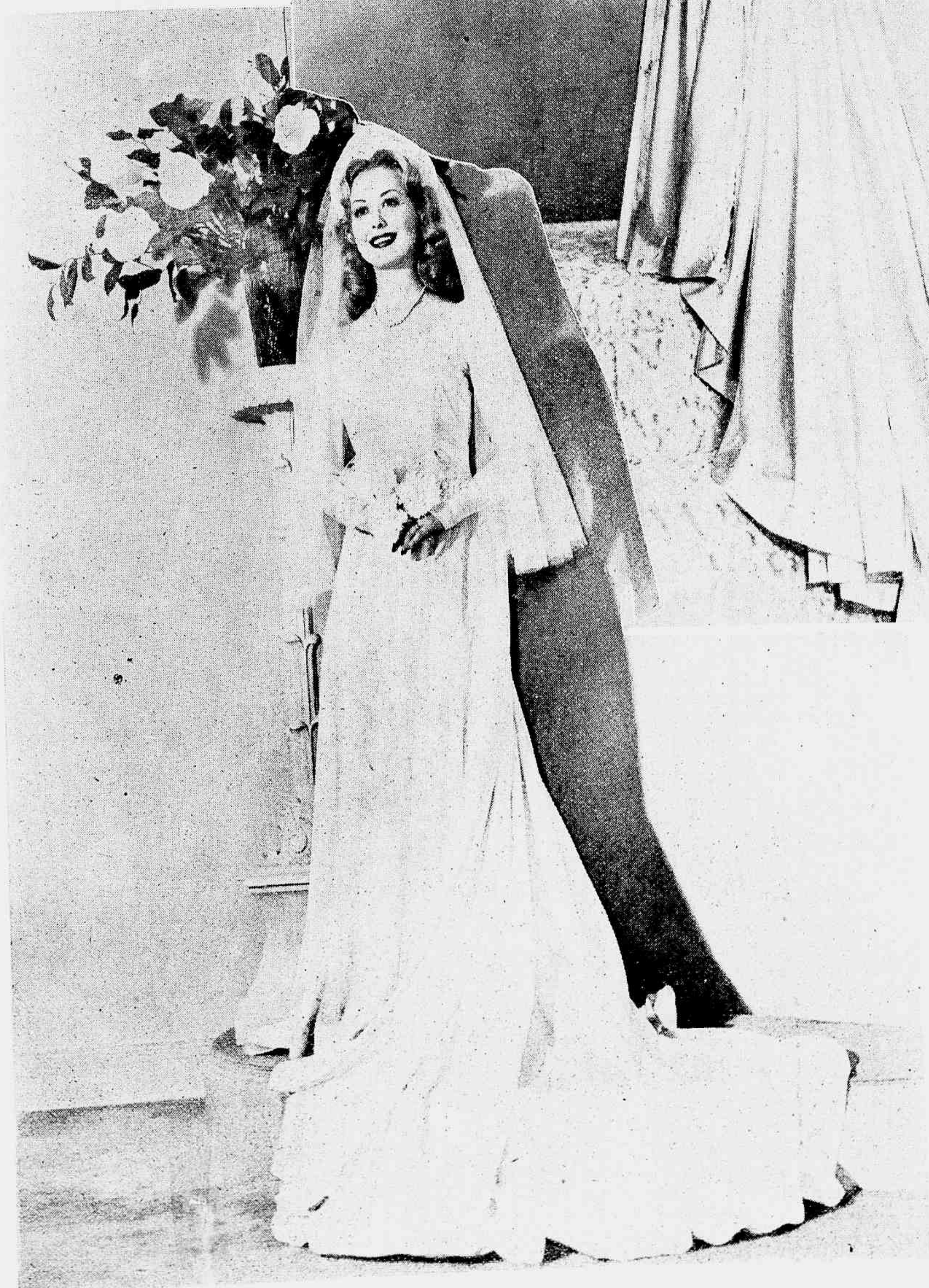




NOIVAS DE MAIO...

O mês de Maio sempre foi o mês preferido pelas noivas.

E' por isso que apresentamos hoje às nossas leitoras algumas sugestões para o "grande dia", tôdas realmente encantadoras. Ao alto à direita: admirável



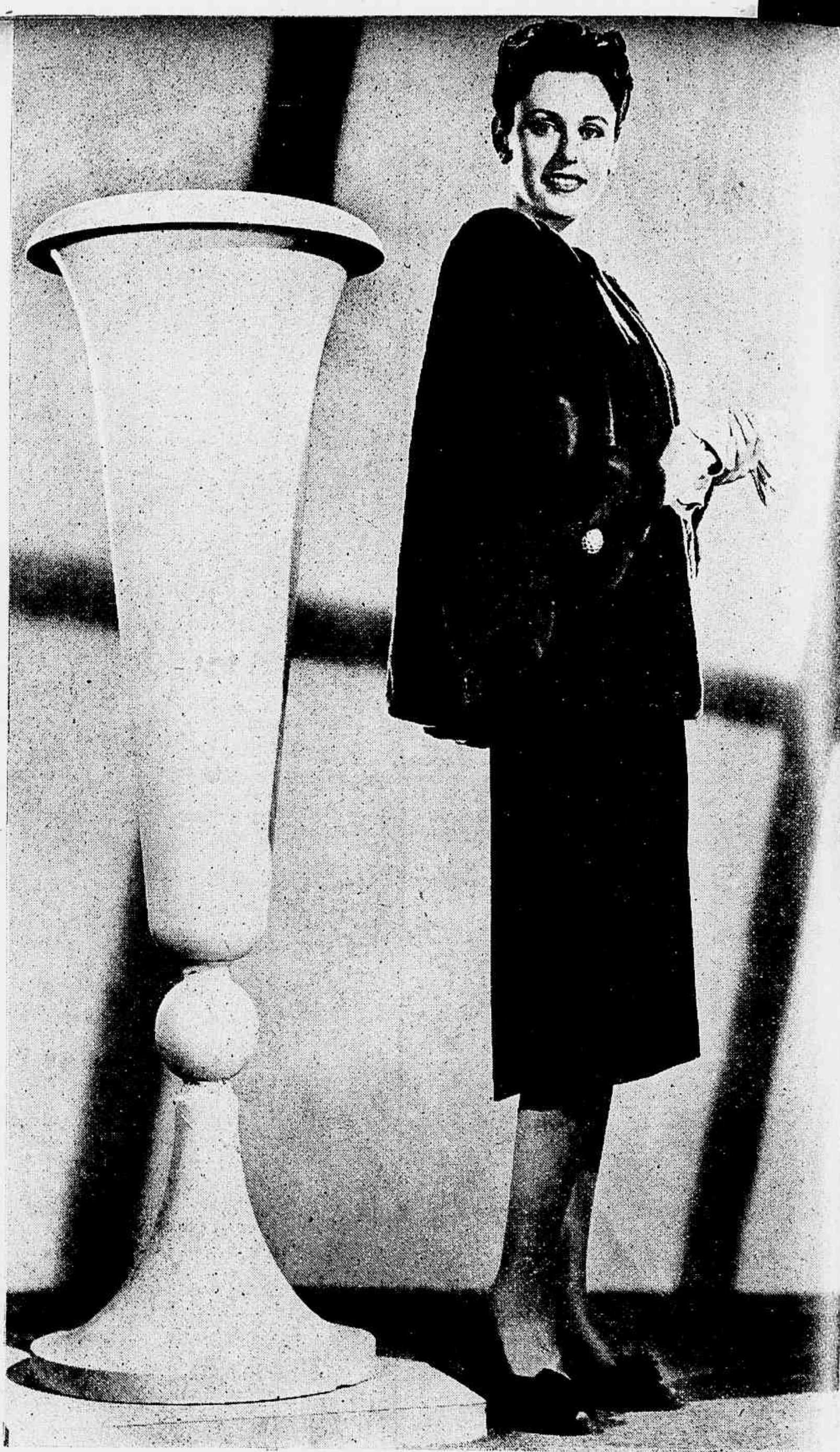
modelo de Ginger Rogers, "estrela" da RKO, executado em cetim branco, com enfeites do próprio tecido do decote e na cintura. Cauda bastante longa, véu longo também. Em baixo: Adele Mara, da Republic ostenta um maravilhoso vestido de cetim branco, decote redondo, mangas ajustadas e saia "godet". No decote, na barra da saia e ainda do ombro até em baixo na saia, bordados em missangas e perola. Véu curto de "tulle". Cauda regular. Na página ao lado: O modelo de Loretta Young, é bastante alegre e juvenil. E' todo executado em "tulle", com saia amplíssima e entremeios de renda.





À esquerda: "Tailleur" de lã cinza escuro. Os ombros são um pouco mais arredondados, e as mangas presas nos pulsos. Abotoado com um só botão. À direita: Muito elegante, sem dúvida é este outro "tailleur" em lã havaiana, com três botões do mesmo tecido, lapela larga e saia em panos, formando ligeiro "godet".

"TAILLEURS"



PELES...

As primeiras peles da temporada são hoje oferecidas às nossas leitoras. E reparem o quanto a beleza da mulher é realçada com esses lindíssimos agasalhos... Ao alto à esquerda: Belíssima capa de arminho, própria para as noites de gala. Frances Gifford, da MGM é a sua feliz possuidora. Em baixo: Para a noite, Linda Sterling, da Republic prefere esta capa "charpe, de "vison". A seguir: E' este casaquinho de lontra? E' ou não uma verdadeira maravilha. Nas costas "godet". Grandes botões dourados nas mangas. Na página à direita: De um "chic" incomparável é este longo casaco de lã fina, forrado de arminho branco. Usa-o Adele Jergens, da Columbia.







A MODA é francamente dos cabelos soltos. Soltos e lisos sobre a cabeça. Aquela confusão de "boucles" e cachinhos, deu lugar às ondas simples e graciosas. Os modelos que aqui estão são um exemplo da nova moda, recomendada especialmente às pessoas de fisionomia jovem. Na página à esquerda: Myrna Dell prefere os cabelos soltos mas ondulados. Aqui a temos com

CABEÇAS

o seu novo penteado, aliás bastante decorativo. Nesta página ao alto: Virginia Huston, da R.K.O., com os cabelos repartidos no meio, ondas ligeiramente acentuadas e pre-

sos atrás, e a morena Lynn Bary, com uma lindíssima cabeleira negra, canido em ondas. Em baixo: Claire Trevor, também da R. K. O., usa os seus lindos cabelos louros levantados dos lados, com onda na frente e atrás inteiramente solto; e novamente Virginia Huston. Os cabelos são repartidos no meio e caídos, negligentemente ao longo do rosto.



Nem se pergunta*



só uso Kolynos!
diz
Jane Frazee

Famosa estrela da Republic Productions, que aparece em "CALENDAR GIRL"

...porque a espuma abundante de Kolynos penetra bem, limpa os dentes, perfuma o hálito e deixa na boca uma incomparável sensação de saúde e frescor. E para isso basta um centímetro de Kolynos sobre a escova seca. As mulheres mais admiradas pelo seu sorriso sabem que Kolynos...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos...
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia

MÚSICA

O BELO DANÚBIO AZUL

STRAUSS-TCHAIKOVSKI: UM COMPLEXO — AZUL? TAMBÉM PODE SER QUE NÃO SEJA... — CEM MIL PESSOAS OUVEM VINTE MIL EXECUTANTES — ENQUANTO ISSO, STRAUSS TAPA OS OUVIDOS — E O MAIS ESTRANHO FOI QUE ACABARAM JUNTOS!

Especial para A REVISTA
De ROBERTO LYRA FILHO

Mais um Festival Strauss estava terminando. Uma orgia de acordes ficou sufocada pelo trovão de aplausos entusiásticos. O maestro, todo sorrisos, agachava-se, curvando-se, muito satisfeito consigo mesmo. Com ar condescendente, não obstante, acenava para os músicos, dividindo com eles a responsabilidade do sucesso ou — quem sabe? — atribuindo-lhes as possíveis imperfeições na execução, sob forma de indocilidade à sua batuta vibrante... Enfim, todas as fisionomias estampavam grau maior ou menor de satisfação. Entretanto, um cavalheiro, de ar sombrio, deixara-se ficar sentado, sem atender ao apelo ansioso do artista que, trepado na plataforma, exprimeia até a última gota a capacidade de bater palmas do público. Finalmente, como quem se desincumbia de uma missão desagradável, mandou uma mão de encontro à outra, foi se levantando e já se preparava para sair, quando uma moça de suéter verde, que observara, com surpresa, o ceticismo e o irremediável cansaço com que ele estava contemplando aquele espetáculo, interpelou-o:

— O sr. não gosta de Strauss?
O homem aborrecido voltou os olhos para ela em silêncio, num mudo tributo à elegância. Mas não respondeu. Ou, pelo menos, não respondeu alguma coisa de inteligível, pois grunhiu um comentário desagradável e afastou-se. Mal sabia ela o risco que corria. Ela estivera bem próximo de uma explosão, definitiva e fulminante. Era o centésimo quinto Festival que assistia. Sua profissão? Crítico musical. Seu mal? Sofria do complexo Strauss — Tchaikovski.

SOCIEDADE DOS AMIGOS DE JOHANN STRAUSS

Porque, quando falta um programa novo, ou quando há necessidade de melhorar as condições das finanças da Orquestra, a receita é: Melodias de Tchaikovski — 50%; Valças de Strauss — 50%. Instruções especiais: Mi ture. Mande e Espere o Resultado. O resultado já foi descrito. Pura alegria. Grande triunfo... Renda abundante.

Assim foi se desenvolvendo uma prevenção especial contra Tchaikovski. Assim teve origem uma ojeriza tremenda a qualquer coisa que leve a marca da casa "Johann Strauss & Congêneres".

O poeta Drummond de Andrade foi capaz de fazer um tocante elogio do

poeta Casimiro de Abreu. Mas, pergunta-se: quantas vezes o poeta Drummond de Andrade leu o poeta Casimiro de Abreu? Penha-te, agora, o panegírico como uma obrigação, depois de uma leitura forçada. Faça-se com que um pobre mortal retome, com assiduidade, as estrofes cândidas e sentimentais da florzinha lírica que a oportuna classificação de Martel Bandeira declararia ser uma "maria sem vergonha, flor silvestre". E, depois de todo esse processo, garanto que o poeta Drummond de Andrade não teria para com o poeta Casimiro de Abreu as delicadas e convenientes atenções aludidas.

Porque Tchaikovski não é "ruim", má música. Nem Strauss deixa de encontrar seu lugar entre os produtos típicos de uma época. Nem é menos curiosa a maneira pela qual ele conseguiu dar, no compasso de suas valças, aquele alimento açucarado que os corações burgueses, ávidos de melodias róseas, com "tremolos" que "dão arrepios na espinha..." (Transcrevo, *ipsis litteris*, um pouco de impressionismo das nossas vovós).

Não. Não há bare para se fazer o processo de Tchaikovski e Strauss como traidores da música e pedir para eles Nuremberg dos Compositores. O mal são as doses. Reforme-se a receita. Registe-se os ingredientes citados numa proporção mais modesta — 50% é demais — e a paz voltará a reinar sobre as suas cabeças, ora postas a prêmio, por muitos críticos irritados, que gostariam de objetivar, num caso de homicídio, aquela solene afirmação de Verlaine: "Torci o pescoço da Eloquência".

O DANÚBIO AZUL

Seria possível, então, contar, sem repugnância, o caso daquele Danúbio Azul, cujo nome não pode ser mencionado sem que certos compassos impertinentes comecem, logo, a martelar suas notas em nossos ouvidos.

Um quadro a ser esboçado seria Vienna, na época em que foi introduzida, no repertório da cidade, a simples melodia que, até hoje, nos atormenta. O Belo Danúbio Azul, que, diga-se de passagem, e tudo menos azul, — feio riozinho barrento — passou para a lenda romantizada que culminou com a história que o cinema inventou para dar oportunidade a Miliza Korjus de apitar os seus superagudos de soprano ligeiro em aventura pela tela.

Entretanto, o Danúbio Azul tinha um sentido político na época em que foi composto. Era uma canção, com versos cheios de alusões venenosas à incompetência das cabeças coroadas que dirigiam os destinos da Áustria, aquelas mesmas cabeças coroadas que tinham acabado de levar um violento pontapé das tropas prussinas. Por mais que o chefe de polícia aguçasse os ouvidos e prendesse os suspeitos, era impossível impedir que, em cada frase inocente, se insinuasse uma gota corrosiva de crítica à situação. Um ambiente de melancolia rondava a cidade, tida como a mais alegre e despreocupada do mundo. O Danúbio Azul foi acolhido com simpatia, porém sem ganhar, logo de início, aquela fama de que ainda hoje goza.

Mas a Exposição de Paris estava sendo inaugurada. E a Áustria escolheu Strauss para servir de ponte a uma aproximação que teria como objetivo unir os dois países contra os alemães. Gastou-se muito dinheiro em publicidade. O diretor de um jornal francês — *Le Figaro* — envergonhou-se de levar Strauss às notabilidades do momento. Assim, o compositor apertou a mão de Flaubert e de Turgeneff, que andava de passagem, ligado, num estranho *ménage à trois*, à família da cantora

TCHAIKOVSKI



(Continua na pág 58)



Ser Mãe

Ser mãe, é desdobrar fibra por fibra
O coração! Ser mãe é ter no alheio
Lábio que suga, o pedestal do seio,
Onde a vida, onde o amor, cantando, vibra.

Ser mãe é ser um anjo que se libra
Sôbre um berço dormindo! E' ser anseio,
E' ser temeridade, é ser receio,
E' ser força que os males equilibra!

Todo o bem que a mãe gosa é bem do filho,
Espelho em que se mira afortunada,
Luz que lhe põe nos olhos novo brilho!

Ser mãe é andar chorando num sorriso!
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!
Ser mãe é padecer num paraíso!...

COELHO NETTO

Homenagem ao Dia das Mães da
MAIZENA DURYEA

PASSEIO DE UM INSONE

CONTO DE ANATOLE RAMOS

ILUSTRAÇÃO DE ANA ZAGORSKA

O LHOU o relógio que estava em cima da mesinha de cabeceira. Meia noite. Deu-lhe corda e colocou-o no lugar. O sono estava longe. Estivera a ler, mas não conseguira prender sua atenção às páginas do livro. Seu pensamento voava longe, buscando uma solução para o "seu caso". Fechou o livro. Talvez fôsse melhor escrever. Abriu a gaveta central da escrivaninha; tirando dela um caderno de papel almaço. Pensou em escrever seus tormentos. Imaginou um título. "Depois eu ponho" — decidiu. E o lapis seguir, obediente à sua imaginação: "Dissecar os sentimentos. Colocá-los à nossa frente e contra todos os protestos do coração assustado, analisá-los com frieza e deshumanidade mesmo. Tudo para solver um problema de natureza considerada banal. O eterno motivo. Os eternos pronomes pessoais: *eu* e *ela*. Repetição sem fim de uma história antiga. História cheia de comentários dos mais variados aspectos. Comentários também mais do que comentados. Um princípio e um fim. Lugar-comum de todos os lugares-comuns.

E eu me torturando, com uma vontade longínqua de rir com ironia do ridículo da minha situação. Ridículo? Já houve tempo em que eu ria e concordava com a palavra. Hoje ela não tem mais aceitação para mim. Situação seria. Scíssima.

Vejo-me na extremidade de uma linha reta. Na outra, — ela. No centro tudo o que há de pior para nos conservar longe: os filhos, o marido e a sociedade. Como conciliar os extremos — sem chocar o centro? Só há duas soluções: desprezarmos tudo e continuarmos juntos *malgré tout*; ou então, ela abandonar os seus e seguir comigo o caminho novo de um destino desconhecido. Mais não são soluções — são recursos egoístas. Tentativas loucas em busca de uma felicidade feita de sustos e vividas sob ameaças. Sempre a falta de termos! Sempre a pobreza de expressão! Felicidade por que? Se feita de sustos, gosada sob ameaças. Retalhos de uma ilusão de felicidade, sem certeza nenhuma de duração. "Sempre escrevendo. Duas folhas de papel almaço e mais um pouquinho da outra. Não quiz prosseguir embora visse que o que escrevê-la ficara incompleto. "Pra que continuar uma besteira destas?" Sua idéia era fazer alguma coisa que Solange pudesse ler e compreender o que ele sentia. Ela riria daquilo — se ele lhe mostrasse.

Levantou-se. Apanhou o isqueiro de sobre a mesa. Por um instante ficou sem saber o que fazer. Não tinha sono ainda. Resolveu ir para a rua. Talvez encontrasse alguma mulher. Não via absurdo na idéia. Apagou a luz e saiu, fechando a porta atrás de si.

"Minha irmã vai pensar que é algum ladrão" — foi o que pensou quando percebeu que não adiantava andar com cautela. Seus chinelos faziam barulho sobre os grãos de areia do calçamento.

Fôra do portão ainda parou. Pra que lado seguir? Resolveu pela esquerda. "Sempre pela esquerda" — e sorriu do slogan que ele adotara, para resolução das suas indecisões.

Enfiou as mãos nos bolsos e buscou um pensamento alegre para o distrair. Mas suas preocupações voltaram com uma certa manha. "Raios!" — soltou entredentes a exclamação. Sentia raiva de si mesmo. "Pra que será que o homem pensa? e com a pergunta soltou o fio das idéias — pra que, senão para se atormentar, se flagelar num masoquismo de que ele quer fugir, mas que ao mesmo tempo deseja? Se eu tivesse uma máquina de escrever... Como escreveria com gosto! O diabo é que as férias se acabam e eu volto ao trabalho, às noites mal dormidas. Cadê tempo para escrever? Será que não há u'a mulher na rua a essa hora? Diabo! Parece até que tenho o sexo na cabeça: só penso em mulher. O que — eu preciso é de casar. Tanta pequena que anda atrás de marido por aí..."

Ao longe o barulho dos bondes misturava-se com os latidos dos vira-latas que pareciam exasperados por verem o mundo por trás das grades de um jardim. Quantos ruídos mais se juntavam para formar o que se convencionou chamar o silêncio da noite, era difícil de dizer. Isto também pouco preocupava Frederico. Parecia que o seu interesse era achar u'a mulher. Mas não. Seu mal era a solidão. Se tivesse ido dormir mais cedo, não estaria pretextando insônia para um passeio fora dos hábitos. Dobrou uma esquina. Tudo em sua cabeça fervilhava. Solange. Máquina de escrever. Dinheiro. Mulher. Casamento. Solange. Solange. Era uma obsessão. "Será que os outros homens sentem ou já sentiram essas cousas? Que será, Senhor, que me falta? Sou um incompreendido. Não pelos outros, que o diabo os carregue! Nem a ninguém há de interessar me compreender. Sou um incompreendido por mim mesmo. Quero muita coisa. Não quero nada. Eu acho que no fundo sou uma boa alma. Essa impossibilidade de tudo é que me deprava. Me faz pensar em cometer alguma coisa ruim. — Suicídio. Quantas vezes já pensei nessa palavra. Não me faltaria coragem. Sómente acho que meu pai não merece isto. Como ele sofreria! Sou é um criminoso recalcado. Será que é assim mesmo a expressão! Criminoso recalcado — um sujeito que forçado pelo meio em que vive, pelas superstições religiosas que lhe inculcaram no "côco"... "Côco"... não sei porque simpatizei com a palavra. Aquele "Macaco" tem cada uma. "Fulano deu um tiro no "côco". Ele não é capaz de usar um outro termo. Se não tivesse vendido minha pistola, mataria esse cachorro desgraçado. Não para de latir!

Como é que se pode dormir assim? Se eu encontrasse agora a Solange. Ela estaria com o seu sorriso... Gatos do inferno! Vão assustar a... Outra raça de bichos que eu exterminaria". Que está fazendo a essa hora, Frederico? — "Nada, Princesa. Andando a pra ver se arranjo um remédio pro nosso caso". Pegaria na mão dela. Não: passaria o braço pela sua cintura. Faria com que ela visse o tormento em que eu vivo. "Não só você quem sofre, minha Princeza. Veja. Eu não durmo por sua causa. Fumo um cigarro atrás do outro."

A essa idéia tirou um cigarro do bolso. Prendeu aos lábios. Acionou o isqueiro chegando a chama ao cigarro. E retomou o fio do pensamento. Em breve percebeu que outras idéias lhe entravam no cérebro e que estava longe de casa. Voltou sobre seus passos. Pensou na hipótese de um guarda passar por ali. Aborda-lo-ia? Não sou nenhum vagabundo — diria. — Estava em sono e resolvi dar um passeio". Pensou nos documentos que lhe seriam pedidos. Tinha graça. Saír de casa para dar um passeiozinho e trazer os documentos." Olhe, eu moro naquela segunda rua, no cinco. Se o senhor duvida..." Mas nenhum guarda apareceu para lhe pedir documentos. "O melhor é voltar" — decidiu, como se temesse mesmo um guarda. Vivía criando situações, imaginando cenas que nunca ocorreriam. Que será que Solange pensa de mim? Sera que gosta mesmo de mim ou tudo não passa de uma ilusão da sua parte? Interessante eu não dizer "parte dela" e sim "sua parte". Parece que basta um pouco de leitura para eu ficar menos errado. Penso que o que se passa comigo é indigestão de leitura. Leio, leio, leio e começam a surgir confusões na minha cabeça como furúnculos. E', é isto mesmo. Acho que a leitura não dá indigestão. Ela faz é bem. Faz o papel de um depurativo. Limpa o sangue, quero dizer, as idéias. Essas confusões, esses pensamentos sombrios, não são mais do que furúnculos. A gente espreme-os. Depois de todos espremidos, pronto. As idéias começam a ficar esclarecidas, limpas. E' isto mesmo. Pensamento puxa pensamento e no fim acaba se achando uma conclusão feliz. Sim, senhor! — Leitura-depurativo. Idéias embaralhadas, pessimistas — furúnculosos. "Solange, minha Solange! Resolvi o nosso caso! Vou lhe dar uns livros. Você leia, leia; não descanse. Deixe que a preocupação tome forma na sua cabeça. Deixe que os livros sugestionem você. Lhe sugestionem, é o certo. Leia muito, sem medo. As idéias vão se aclarando. Você terá coragem de enfrentar suas dúvidas. Aceitará a realidade sem se intimidar. E nós seremos felizes graças aos livros. Vamos, Princesa, creia em mim!" E' isto mesmo. Ora, sim, senhor! E eu que julgava estar tendo uma indigestão de leitura!"

Perto de casa, parou. Não parecia, mas o céu estava coberto pelas nuvens. Só se via a lua quase, no minigante, iluminando timidamente a rua. O cigarro se lhe apagara nos lábios. Cuspiu-o longe e prosseguiu no caminho, apressando um pouco o passo. Acertara com um título para o seu trabalho inacabado. Abriu o portão e entrou. Procurou a chave na caixa do relógio da luz. Passou-a na fechadura, com cuidado para não fazer muito barulho.

No quarto, acendeu a luz. O quintal se viu iluminado — de repente. Frederico percebeu que errara o interruptor. Acendeu a luz do quarto e apagou a de fora. Uma vaga sensação de fome revolvía-se no seu estômago. "Dormindo a gente não a percebe", foi o seu consolo. Pegou a lapiseira e escreveu no alto da página escrita: "Preocupações tolas". "O título é besta — pensou, mas é o único por enquanto. Amanhã eu jogo este troço fóra."

Tirou a roupa, jogou-a p'ra cima da mesa. Pegou o relógio para ver as horas. Duas e meia. Assobiou, admirado por ser tão tarde. Apagou a luz e deitou-se sem se cobrir. Estava muito quente o tempo.

Chamou Solange para os seus pensamentos e dormiu contente, na sua companhia imaterial.



Intim



Em flanela azul pastel, com grande botão na cintura, dois cómodos bolsos com pesponto, saia ampla arredondada na frente.



Bastante agradável para as tardes de inverno este elegante modelo em dois tons.



Elegantíssimo robe em fina lã cin-
za, ombros bastante amplos. Gola
e faixa em lã marron.

De grande "classe" é este modê-
lo com grandes drapeados.



NÃO HÁ DÚVIDA! DEPOIS QUE USO

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO FIXADOR DO CABELO

meus cabelos são
outros! Negros, bri-
lhantes, sedosos,
sadios e juvenis!
Experimente você
também!

Corta os resfriados

Instantina

Alivia as dores

BAYER

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro
tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

DISTRIBUIÇÃO DESTA REVISTA EM SÃO PAULO

Agencia Zambardino

Rua Cap. Salomão, 67

Telefone: 4-1569

A vida de Ivan, o terrível

(Capítulo de página 2)

mentos de tortura, submeteu cada um a breve interrogatório, e condenou-os à morte. Então os homens, as mulheres e as crianças, atados, em grupos de três, na trenós, foram lançados por uma escarpada ladeira, indo cair a um rio de temperatura glacial que, sem embargo, não podia congelar-se devido à força da corrente. Os Opritchniki andavam por ali em botes, e, assim que aparecia uma cabeça acima d'água, atacavam-na a chuçadas. Este morticínio foi realizado com vagar, pois proporcionava a Ivan considerável prazer estético, de sorte que o czar não estava disposto a deixá-lo terminar muito de pressa. Cerca de cinquenta mil pessoas foram assim executadas, no decurso de cinco semanas, à razão de umas mil e quinhentas por dia. Tive a estranha singularidade de ordenar aos monjes aprisionados que rezassem diariamente pelas vítimas que matara, pois queria assegurar a salvação de suas almas. Depois de terminadas as orações assassinou os monjes, que eram em número de dois mil.

Quando praticamente já não restavam seres vivos em Novgorod, Ivan lançou-se contra os objetos inanimados; arrasou as habitações, incendiou as igrejas, destruiu as casas de comércio. Então, tendo saciado a sua sede de destruição, o czar, com lágrimas nos olhos, começou a lamentar-se para os Opritchniki:

— Ai de mim, estou tão só! Não tenho amigos... Digam-me, meus filhos, por que são tão cruéis com o seu Palzinho?

De Novgorod partiu para Pskov, onde ordenou uma pilhagem geral. O bispo dirigiu-se ao czar com presentes e espediarias. Entregou-lhe um prato com carne. Ivan recuou horrorizado.

— Como, oferecem-me carne? Mas se estamos na quaresma!

— Sem esatmos na quaresma — replicou serenamente o bispo. — E estais pronto para comer mais carne humana?

Ivan deixou Pskov com o seu exército de Opritchniki e regressou à capital. Entrou em Moscou comandando um desfile triunfal. Precedido por um grupo de bufões, ia montado num boi, levando nos braços o símbolo da sua nova irmandade de cristãos — uma vasoura e uma cabeça de cão. Atrás dele, embriagados pela recordação do sangue, as narinas frementes com o desejo de novas carnificinas, calvalgavam os membros da sua selvagem comitiva. Ivan ordenou o encarceramento de seus antigos oficiais, do clero e dos dignitários da corte. Como de costume, executou esta tarefa vagarosamente, levando vários meses na preparação das listas de vasos "desleais". Estas vítimas suportaram um longo período de torturas, até que mal lhes restasse nos corpos mutilados um sopro de vida. Mandou então reuni-las, na praça pública para serem torturados pela última vez antes da execução. Foram afixados cartazes por toda a cidade, convidando a população a assistir ao "grande espetáculo". Mas quando a "festiva data" chegou, não havia um único espectador para presenciar o acontecimento.

— Por que não veio ninguém? — perguntou o czar.

— Talvez estejam assustados, Majestade — arriscou um dos Opritchniki.

— Assustados! — exclamou Ivan. — Que fiz eu para assustar o meu povo?

IV

As vastas terras situadas a leste excitavam singularmente a curiosidade das nações da Europa ocidental. Embora se conhecessem poucos fatos positivos a respeito do país de Ivan, lendas não faltavam. Certo viajante inglês fizera uma descrição fantástica das tribus russas "que morriam em cada outono para renascer na primavera". Falava do grande rio Volga e dos peixes que lá se apanhavam — enormes peixes "que tinham cabeça, olhos, nariz, boca, mãos e pés de homem... mas que não falavam".

No tempo da rainha Isabel, entretanto, mercadores ingleses que tinham es-

tabelecido escritórios e postos comerciais na Rússia começaram a trazer informações mais verídicas. A rainha da Inglaterra enviou um embaixador a Moscou. "A sociedade russa", escreveu esse emissário, "deslumbra os olhos, mas repugna ao olfato, como uma dama que se vestisse de seda e jóias para cobrir a roupa interior suja". Nos banquetes dados pelo czar, relatou, as mesmas estavam cobertas com taças de ouro maciço, mas os próprios convidados traziam os seus talheres — imundas facas e colheres que eles levavam habitualmente à cintura. Uma sociedade brilhante, composta de homens e mulheres de maneiras infantis e de uma crueldade de feras.

Ivan tratou muito cordalmente o seu hóspede inglês. Afim de divertí-lo com uma amostra do seu espírito, derramou uma caldeira de sopa a ferver sobre a cabeça do bobo da corte. Mais tarde, ao ler um despacho trazido por um mensageiro, apoiou-se com tanta força sobre a lança deste que a ponta atravessou de lado a lado o pé do pobre homem.

Um dia chamou o embaixador aos seus aposentos privados e, com os olhos a brilhar interrogou-o a respeito das grandes damas inglesas.

O embaixador ergueu as sobrancelhas, e respondeu que havia muitas fidalgas formosas e prendadas na Inglaterra. A sobrinha da rainha Isabel, por exemplo.

O czar ficou radiante como uma criança. "Quero casar com uma inglesa", disse. Duas de suas mulheres tinham morrido de maneira estranha: a terceira fôra envenenada; a quarta fôra atirada a um rio; a quinta fôra encerrada num convento. Uma das suas amantes tivera morte violenta, quando Ivan descobriu que não gostava de mulheres magras. Agora vivia relativamente satisfeito com a filha dum dos nobres.

O inglês tossiu e replicou com precipitação:

— Infelizmente, creio que nenhuma das damas inglesas está disponível neste momento.

— Mas, e a sobrinha da vossa soberana?

A sobrinha da minha soberana está muito doente, segundo ouvi dizer. Além disso, ela não consentiria em abjurar a Igreja Anglicana e adotar a vossa religião.

Nesse caso — disse o czar tristemente. — terei de atirar-vos pela janela.

Após de entreter o embaixador, Ivan convidou-o certa tarde a uma recepção na sala do trono e disse-lhe que se preparasse para um espetáculo que nunca haveria de esquecer. Acontece que um nobre, que ocupava um posto elevado no conselho do czar, tinha manifestado, gracejando, o desejo de ser rei. O czar, aceitando a brincadeira, desceu do trono e mandou o espantado cortesão ocupar-lhe o lugar.

— Faze-me o favor de ir assentar-te no trono, meu amigo. — O fidalgo obedeceu. — Curvai-vos diante do novo czar — ordenou Ivan a todos os cortesões. Ele próprio fez profunda reverência e beijou-lhe o pé. — Oh, Palzinho, agora confereis a sensação de possuir o poder supremo. — Dito isto, Ivan ergueu-se e cravou um punhal no coração do homem entronizado. — E agora sabes, também, como é perigoso esse poder — concluiu jovialmente.

— E' preciso que eu tenha uma esposa inglesa. Dai-me uma lista das mais lindas donzelas da Inglaterra — repetia ele incessantemente ao embaixador.

— Não tenho instruções de Sua Majestade a esse respeito, mas asseguro-vos que Sua Majestade vos considera um dos seus mais caros amigos.

Sois um homem ignorante, sem nenhuma noção dos vossos deveres diplomáticos. Eu sou duas vezes mais poderoso que a vossa senhora.

Majestade, a minha senhora é a maior princesa da cristandade — replicava o embaixador.

Ivan punha-se a caminhar para cima e para baixo a passos largos, e os olhos luziam-lhe com a intensidade do seu sonho. "Se eu casasse com uma esbelta menina da grande ilha do Ocidente, se-

(Continúa na pág. 54)

CONCIONARIO INTERNACIONAL

OS MORTOS GOVERNAM OS VIVOS

AO obstante o fato de ser extraordinária a produção dos compositores norte-americanos de música popular, da qual uma dezena de bons números se destaca permanentemente na preferência dos amantes desse gênero musical, os editores e as fábricas gravadoras de discos não perdem a oportunidade de reviver as melodias que, no passado, mereceram idênticas preferências. Da mesmo, uma boa quantidade de números, como NIGHT AND DAY, BEGIN THE BEGUINE, ST. LOUIS BLUES, STAR DUST, WHITE CHRISTMAS que já podem ser considerados como os "clássicos" da música popular norte-americana, sendo raro o ano em que não apareça no mercado um novo disco, apresentando-as com campanhas novas, dando-nos a impressão de algo inédito. As mais recentes incursões no passado, trouxeram-nos agradáveis surpresas: PRISONER OF LOVE, HEARTACHES, THE MAN I LOVE, LINDA, APRIL SHOWERS, melodias estas que foram logo tomando de assalto os primeiros postos. Não pretendemos estabelecer um paralelo entre o que ocorre nos Estados Unidos e no Brasil, mesmo porque a produção dos nossos "songsmiths", se leva vantagem na quantidade, deixa muito a desejar quanto à qualidade. Temos, porém, um público sempre disposto a prestigiar as obras canções do nosso repertório popular, mas, evidentemente, o que ele não deseja é esfalfar-se num trabalho de seleção, que deveria caber à filtragem nos canais competentes: editores, gravadores e rádio. Porque, então, não voltar as vistas para o passado, desenterrando do pó do esquecimento uma peregrina de melodias que fizeram furor em épocas em que se compunha mais com o pensamento voltado para a arte do que... para os "vales" absurdos das sociedades de autores. A obra de Noel Rosa, Sinhô, Eduardo Souto, Custódio Mesquita, Chiquinha Gonzaga, se agora revivê-la, bem que poderia concorrer para obrigar a "turma do Nice" a trabalhar melhor, provando, mais uma vez, que "os mortos governam os vivos".

F. CORREA DA SILVA

★

AMONG MY SOUVENIRS

(Do filme "The Best Years of Our Lives")

Fox de Edgar Leslie e Horatio Nicholls

There's nothing left for me;
Of days that used to be,
I live in memory among my souvenirs.

Some letters tied with blue,
A photograph or two,
I see a rose from you
Among my souvenirs.
A few more tokens
Rest within my treasure chest.
And tho' they do their best
To give me consolation,
I count them all apart
And as the tear drops star,
I find a broken heart among my souvenirs.

✱

NÃO QUERO CONSELHOS

Samba de José Balista

Desde que ela foi embora
Nunca tive tanto amigo
Que se mostre a toda a hora
Tão solidário comigo.
Um me diz que ela me ama,
Outro diz que eu errei,
Vem um terceiro e me chama
Pra dar conselhos
Que eu também já dei.

Eu já disse que não quero
Nem consolo nem consellio;
Cada qual sabe o que sente
Quando perde o que mais quer...
Eu só quero que ela seque
Os meus olhos já vermelhos...
Eu não quero consolo nem conselhos
— Eu quero aquela mulher!

SAEOR DE BESOS

Canción-Buc de Genzyl Curiel

Estoy aquí!
La noche es tibia
Y tiene sabor de besos.
Ven junto a mí
Que al fin la luna
Se be de nuestro amor.
Ven, por favor.
Que quiero ser el dueño
De tu rebor.
Y quiero contagiarte mis penas
Y sentirte mía, muy mía.
Ven! Ven, por favor!

✱

AT SUNDOWN

(Do filme "The Fabulous Dorseys")

Fox de Walter Donaldson

Ex'ry little breeze is sighing
Of I've undying
At Sundown!
Ex'ry little bird is nesting
And feather nesting
At Sundown!
Each little rook is sleeping
While shadows are creeping
In a little cottage corner
The world seems so
At Sundown!
Where a loving couple will greet
And always meet me
At Sundown!
I seem to sight "I'm in the mood
When night is falling
And love is calling me home

AVE MARIA

de Bach/Gounod

Ave Maria,
Thou happy mother, God is with
Blessed, blessed art thou, Mary
Since in Bethl'hem came to be
The angel of the Lord,
Honored and blessed Mary,
Mother of Jesus, infant redeemer,
Born to save us from our sins
And all our heavy woes!
Amen!

ESTA e a única apresentação
de agua de colonia
JEAN MARIE FARINA



Exijam
a marca
franceza
de

ROGER & GALLET

PARIS ★ RIO



Cetrolina



antisséptico.
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.



"Alvo como o Linho Irlandês"



Ao longo das costas rochosas da Irlanda do Norte, onde as montanhas de Mourn caminham graciosamente para o mar, estendem-se os ensolarados vales e cristalinos regatos que dão à fibra do linho alvura sem par.

"Alvo como o linho Irlandês" é um sinônimo de pureza e excelência conhecido em todo o mundo.

Os associados do Irish Linen Guild, através muitas gerações, têm preservado cuidadosamente esta reputação de excelência, e repetidamente advertem aos impacientes compradores de linho que é impossível apressar a natureza. Os elevados padrões mantidos a todo custo pelo Irish Linen Guild são a sua garantia da melhor qualidade.

Portanto, antes de comprar, procure o selo do Irish Linen Guild na orela de cada jarda do puro Linho Irlandês — da mesma forma que procuraria a marca de uma fina peça de prata. Outra razão porque dizemos com toda sinceridade

Exija Linho Irlandês!

The Irish Linen Guild
BELFAST

A vida de Ivan, o terrível

(Continuação da página 52)

ria um verdadeiro príncipe", murmurava consigo mesmo. "Deixaria o meu cabelo crescer novamente. Tomaria banho e usaria perfumes". Voltava-se subitamente para o embaixador.

— Mas olhai-me agora. Sou um bárbaro. Respondei-me: não é verdade?

— Não, Majestade — replicava o inglês.

— Não, está claro que não, — repetia para si o czar. — Os meus antepassados eram bárbaros. E todos esses cães que me rodeiam também o são. Mas eu não. Eu sou um verdadeiro homem. — E os seus olhos brilharam a uma idéia enigmática. — E' por isso que todos me odeiam.

V

"Não, eu não sou um homem de verdade", dizia consigo mesmo quando ninguém estava presente. "Preciso fazer uma confissão ao mundo. Eu sou um cão asqueroso, um bêbedo, um adúltero, um anêmico e um assassino".

Vivia com o supersticioso terror de que uma sorte funesta o aguardava. Levava o embaixador inglês ao seu aposento particular e mostrava-lhe suas pedras preciosas. Parecia-lhe que elas estavam mudando de cor pouco a pouco — um presságio, segundo julgava, de que havia de morrer envenenado. Em certa ocasião, traçou um círculo sobre a mesa e está pousou um grupo de aranhas negras — algumas dentro do círculo e o resto fora dele.

— Vêde — disse, esmagando as aranhas que estavam dentro do círculo, — elas estão condenadas à morte, ao passo que as outras fogem... Condenadas à morte, como eu. Todos nós estamos presos no círculo mágico do destino. — Então, golpeando mais uma vez com o punho os bichos que se debatiam, exclamou: — E' inútil contra o destino!

A noite, quando todos dormiam, Ivan chamava para junto do seu leito três cães que tinham envelhecido no seu serviço, e que se sentiam perfeitamente à vontade na escuridão. Esses cães eram os seus senhores durante a noite. Sentavam-se junto dele para consolá-lo da sua solidão e dissipar-lhe as desagradáveis recordações do dia.

— Vós que podeis ver a uma hora como esta — murmurava o czar, — dizei-me o que, na vossa sabedoria, aprendestes a respeito de nós. Somos cegos, ou somos dotados de vista?

Depois dos cinquenta anos, Ivan tornou-se insanamente religioso. Foi viver como eremita e morreu com o nome de frei Jonas.

Do livro "Vida de estadistas famosos".

O roubo do microbio

(Continuação da pág. 29)

Impedido de dar execução ao seu projeto. Procurou dinheiro nas agibeiras e achou somente um meio-soberano, que mostrou ao cocheiro, pela portinha aberta na dianteira do carro, dizendo-lhe:

— Este e muitos outros se conseguiram escapar.

O dinheiro foi-lhe arrancado da mão.

— Está bem, disse o cocheiro.

A pequena vidraça caiu novamente e a correia do chicote caiu, eu toda a sua extensão, sobre o flanco lúcido do cavalo. O carro saltou; meio levantado o anarquista, para conservar-se em equilíbrio pôs sobre o toldo a mão que segurava o pequenino tubo de vidro; ouviu imediatamente estalar o pequeno e fragil objeto e a metade quebrada rolou sobre o chão do carro. Ele caiu para trás, sobre o coxim de assento, soltando uma praga e olhou aterrorizado para as pequeninas gotas do líquido derramado.

Estremeceu.

— Pois bem! eu vou ser a primeira vítima. Em todo caso, morreréi como um mártir! Já é qualquer coisa... Entretanto



Defenda-se da PIORRÉIA

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas

Se nota que as gengivas sangram ao escovar os dentes... se as tem moles e sensíveis — defenda-se da Piorrêia! São sinais de alarma desta terrível enfermidade — que mina as gengivas e afrouxa os dentes.

Defenda-se da Piorrêia com o método experimentado Forhan. Escove os dentes duas vezes ao dia (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan contra a Piorrêia. Exames clínicos recentes demonstram que 95% dos casos ameaçados de Piorrêia apresentaram uma surpreendente melhora com apenas um mês deste tratamento simples.

Procure seu dentista com frequência e siga os conselhos dele. E para o embelezamento dos dentes e a saúde e vigor das gengivas — comece a usar hoje mesmo o dentífrico Forhan's para as Gengivas!

Escove os dentes com Forhan's



"NÃO ESPERE SOFRER DE PIORRÉIA PARA USAR FORHAN'S - USE FORHAN'S E EVITE A PIORRÉIA"

4FPI

CREME E TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUELA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA PARTE

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

to não deixa de ser uma incômoda maneira de morrer. Pergunto a mim mesmo: — Fará o mal que lhe atribuem.

Repentinamente, acudiu-lhe uma idéia: procurou às apalpadelas entre os pés. Ficava ainda, no fundo do tubo quebrado, uma pequenina gota do líquido pestilencioso: ele bebeu-a afim de constatar o efeito que ela produziria. Era melhor estar certo do fato, e assim não anularia a execução do seu projeto.

Pareceu-lhe então inútil fugir ao bacteriologista. Fez parar o carro em Wellington Street e desceu. Resvalou sobre o esbóto e sentiu uma exquisitez; era verdadeiramente um veneno de efeito rápido: esse do cólera. Fêz com a mão um sinal de adeus ao cocheiro, de adeus supremo, por assim dizer, e ficou á espera, na calçada, com os braços cruzados sobre o peito, vendo aproximar-se o sábio bacteriologista. A sua atitude tinha um que de tragico. A sensação da morte em perspectiva, dava-lhe um certo ar de dignidade. Saudou com um sorriso de desafio o bacteriologista que o perseguira, e exclamou:

— Viva a anarquia! O senhor chega muito tarde, meu amigo. Bebi-o! O cólera está solto e desencadeado.

O bacteriologista, ainda no carro, olhou-o com curiosidade através dos vidros dos óculos.

— O senhor bebeu-o! é anarquista. Compreendo agora.

La acrescentar qualquer cousa, mas, repentinamente, calou-se.

Passou-lhe um sorriso pelo canto dos lábios: abriu a portinhola do carro como que para descer; nesta ocasião o anarquista enviou-lhe um adeus dramático e lançou-se como um raio na direção da ponte de Waterloo, tendo o cuidado de esfregar o seu corpo contaminado em todas as pessoas que ia encontrando na corrida.

O bacteriologista ficou tão aterrorizado com este espetáculo que apenas manifestou uma ligeira surpresa quando viu aparecer sua esposa, trazendolhe o chapêu, as botas e o sobretudo.

— E' muito amável da sua parte ter-me trazido tudo isto, disse elle, e ficou

absorto na contemplação do anarquista que se afastava.

— E' bom que volte para casa, continuou, olhando sempre para o ponto onde desaparecera o anarquista.

Minni ficou convencida de que elle estava realmente louco e, de motu-próprio, deu ordem ao cocheiro para voltar para casa.

— Calçar as botas? Mas certamente, querida, disse elle no momento em que o carro, principiando a rodar, não permitiu mais que elle distinguisse o pequenino ponto negro que se via ao longe na direção tomada pelo fugitivo.

Repentinamente acudiu ao espirito do bacteriologista uma idéa grotesca e elle riu-se ás gargalhadas. Depois acrescentou mais seriamente:

— Isto entretanto é muito sério... Sabes quem é este sujeito que me veio visitar? pois bem, é um anarquista... Não vale a pena desmaiar, pois não me seria possível assim continuar a narração. Não o conhecendo, deu-me vontade de mistificá-lo então tomei uma cultura dessa moderna bacteria, de que te falei ha pouco tempo, a qual é um veneno que produz, segundo creio, manchas azuis sobre especies de macacos; e, imbecil que sou! disse que era o microbio do cólera asiático. O homem fugiu com o vidrinho no intuito de envenenar a água de Londres, e não é pouco provável que elle poderia ter feito mudar a cor da pele a todos os habitantes desta cidade civilizada. Eis que elle engoliu a droga; não posso prever o que lhe acontecerá, mas bem viste o efeito

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA PARTE

to que produziu sobre o pelo do nosso pequeno gato e dos três cãesinhos: manchas, ah! E o pardal... A grande massa-da é que vou ter novo trabalho para arrancar, á minha custa, outro liquido.

Pôr o sobretudo em um dia tão quente? Porque razão? Porque poderíamos encontrar a senhora Jabber? Mas, minha querida, a senhora Jabber não me ocasionará um refluxo. E porque havia eu de pôr o sobretudo em um dia tão quente só por causa da senhora...

- Oh! se assim queres, não insisto

Quina Petroleo ORIENTAL,
finalmente perfumada, fixa o penteado, evita o embranquecimento prematuro, extingue a caspa e combate todos os parasitas capilares.



A Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é fêlo quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observa-se como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador á vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite á pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

E' um produto dos Laboratorios Alface & Filhos

Quina Petroleo
ORIENTAL

A VIDA DO CABELO!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz



a Beleza do Cabelo

**aumenta a
atração pessoal**

Para assegurar a vitalidade, o brilho, e evitar queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos, não há melhor meio do que o uso diário do Tricófero de Barry.

Loção revitalizante, Tricófero de Barry tem a sua ação comprovada através de mais de um século de uso.

Dê aos seus cabelos o tratamento e o cuidado que merecem.

*Tricófero
de Barry*
EM USO DESDE 1807

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



Agência Zambardino
Rua Capitão Salomão, 67
Distribuidora desta revista
na capital de São Paulo

A AUSTRÁLIA TAMBÉM FAZ CINEMA

(Continuação da página 17)

Mais ainda: o exército nos deu excelente e generosa cooperação. Sem ele, nunca teríamos podido fazer o filme. Naturalmente, isso era parte da ajuda notável que o governo da Austrália nos concedeu. Essa ajuda, que consistiu em transportes, facilidade para usar locais especiais, etc. parece-me a forma ideal de assistência que um governo possa conceder a produtores de filmes.

Foi também em Narwietoona que realizamos quão extraordinárias são as possibilidades latentes do norte. Em nossa volta estavam maravilhosas pastagens com "herva Mitchell" que subia até a barriga do gado. Praticamente em toda parte pode-se obter água pura furando poços. Assim fizemos durante toda a viagem, e a maioria das vezes era doce e boa. Inevitavelmente, o território norte chegará a ser um dos mais ricos Estados da Austrália, mas isso, naturalmente, exigirá vastos planos a longo termo.

De Narwietoona viajamos 800 milhas ao norte até o rio Roper e estabelecemos num outro acampamento.

Lá a paisagem diferia completamente, luxuriante e tropical, com vastos pântanos, dos quais subiam gansos e patos selvagens que enchiam os céus. Ficamos um mês no rio Roper, onde encenamos nossa maior sequência, na qual o gado atravessa o rio a nado. E não só o gado o fez várias vezes, mas também o elenco, a cavalo, completamente vestido. O ator principal, "Chips" Rafferty, era um simples vaqueiro. Mas hoje está em Londres, convertido em galã do cinema inglês.

Em razão do tipo realista desse filme, ele não contém truques. Isso diz muito em favor do elenco australiano. E não tivemos acidentes sérios. Uma ou duas quedas com cavalos e uma ferida por chicotada constituíram a soma total de nossos acidentes. E como prova da salubridade da região, certamente no inverno, ninguém adoeceu.

Voamos de volta, a cerca de 2.000 milhas para Sidney, e montamos o filme. Tudo que direi a respeito, neste momento, é que o acho muito real e honesto, e muito australiano. Mostra a gente das regiões remotas tal qual é: forte, empreendedora, e "espinha dorsal" do país.

O fantasma da...

(Continuação da página 23)

festa da sua vida, encaminhou-se até a cozinha.

Foi um momento só o que durou a cena estranha.

Como se lançasse sobre ela alguma essência preciosa capaz de lhe aguçar ainda mais os encantos, tomando uma garrafa de álcool embebeu minuciosamente as vestes todas.

De carreira, após, tornou à alcova.

O amigo dormia sempre, no mesmo sonho de ventura. Deu volta à chave, olhando ainda um minuto, no cristal amigo, a figura de rosa morona toda orvalhada. E a idéia louca empolgou-a de súbito.

Um fosforo aceso, e, num relance, a chama viva cresceu, violenta, na fácil combustão das roupas vaporosas.

Houve dois gritos de amor e de odio confundidos — louco e desgarrado apelo ao seu perdido bem: — Paulo! Paulo! —

III EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA E INDUSTRIAL DE CARANGOLA

No próximo dia 18 deste mês será inaugurada a 3.ª Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Carangola, o importante certame que vem reunindo anualmente os criadores, industriais e agricultores do grande município da Zona da Mata e regiões adjacentes. Nascida vitóriasmente há três anos, a Exposição de Carangola vem correspondendo inteiramente às expectativas gerais, tornando-se uma das mais animadas e expressivas mostras econômicas de Minas. Amparada pelo sadio entusiasmo dos criadores carangolenses e prestigiada de modo decisivo pela população da próspera cidade que é Carangola, a Exposição Agro-Pecuária alcançará certamente este ano outro esplêndido êxito, demonstrando mais uma vez o crescente grau de aperfeiçoamento a que chegou a pecuária



Parque dos pavilhões da Exposição de Carangola.

daquela extensa e rica zona de criação. E Carangola receberá mais uma vez a visita de todos os que se interessam pelas realizações dessa natureza e que em grande número têm abrilhantado anualmente o transcurso do certame.

Como nos anos anteriores, grandes festas estão sendo preparadas para a semana de 18 a 25, tornando a Exposição cheia de atrativos que farão a delícia dos seus frequentadores. Rodeios, concursos híplicos, dancings, almoços e jantares alegres, bailes e outros motivos de reunião ali serão realizados de par com os interessantes desfiles de animais e concursos diversos, que terão por palco o magestoso Estádio Municipal. E tudo isto em meio à encantadora hospitalidade do povo carangolense, que sabe tão bem receber e proporcionar aos seus hóspedes uma permanência das mais agradáveis.

com que esmagava, boca contra boca, os urros de horror do homem despertado.

Tolhido inteiramente naquele amplexo de loucura e de morte, todo envolto no abraço mortal daquela amante estranha, feita de fogo, como um fantasma maldito,

e arrebatá-lo vivo aos turbilhões do inferno, — Paulo Vital, ainda estremunhado do sono, debatia-se como um possesso, mas em vão.

A dor alucinante multiplicava ao infinito o vigor letal daquelas carnes com-

Consolidação das Leis do Trabalho

Texto atualizado até a expedição do último Decreto-Lei do regime pre-constitucional. Texto completo.

Vêr o n.º 46 da revista

TRABALHO E SEGURO SOCIAL

A' venda em toda parte. Pedidos á CIA. EDITORA AMERICANA.

Maranguape, 15 -- RIO.

Atende-se pelo reembolso.

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 225110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas

O resultado foi que, depois de impressas na Austrália as quatro chapas, conseguiu-se uma página cuja nitidez e perfeição de gravação só raramente eram prejudicadas por um ou outro lapso.

Estas pesquisas estão, pois, no bom caminho, e em breve será possível transmitir, com absoluta fidelidade, quaisquer fotografias em cores pelo rádio.

PRÍNCIPE DE GALLES

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!

Produto COSTA PENNA BAHIA BRASIL

gentes, daqueles tentáculos de chama, se apegavam a ele, como voltas de

tudo já em torno ardia também — a do leito, rova-arias, vestidos soltos e as cadeiras do quarto, para onde se ajeitavam os bulhões da fogueira tremendo que o cristal do espelho retratava ao

Quando os criados e os vizinhos conseguiram deitar a porta abaixo e penetraram no aposento, foi um só grito de horror à vista do montão de carnes andantes e negras, que se estorciam em convulsões, por entre os restos do leito incendiado.

Levados para o hospital, na mesma noite a rapariga expirava.

O amante, cujo corpo era uma chaga imensa, venceu, porém, a crise tremenda

E quando ele reapareceu na rua, ao cabo de longos meses de cruéis padecimento, todas aquelas cicatrizes pavorosas tinham feito ao desgraçado esse monstro que vocês acabam de ver — concluiu Augusto Bacelar. E, como, por esse tempo, estivesse fazendo um furor doido na cidade aquela fita célebre de Lon Chaney — O "fantasma da Opera", ficou ele assim para toda a vida — para essa vida que arrasta agora, sem mais farrapo de dignidade, apanhando aqui e ali a migalha de uma esmola.

TRANSMISSÃO DE FOTOGRAFIAS EM CÔRES PELO RÁDIO

LONDRES — A Cable and Wireless Ltda., em combinação com uma companhia associada na Austrália, realizou recentemente uma experiência de transmissão de fotografia em cores pelo rádio, com resultados bem interessantes.

Uma fotografia em quatro cores foi transmitida para a Austrália em quatro vezes, cada uma das cores usadas — amarelo, vermelho, azul e preto. O material empregado foi uma folha colorida de revista de modas.

A foto-máquina de que saem as chapas para o transmissor, operando num sistema "sub-carrier" de frequência, leva entre 6 e 10 minutos para transmitir uma chapa de 10 polegadas por 6. A fotografia é colocada num pequeno tambor giratório, que faz 60 revoluções por minuto. Um raio luminoso cobre a fotografia linha por linha, na média de 120 linhas por polegada. Outro raio luminoso, projetado na superfície da chapa a transmitir é refletido numa célula foto-elétrica variando de intensidade com a luz e o tom da fotografia, o que faz igualmente variar a intensidade da corrente que parte da célula e dá a medida de modulação do transmissor.

No centro receptor, opera-se praticamente o inverso. Um raio luminoso de intensidade variável é projetado sobre um filme sensível e um cilindro giratório semelhante ao primeiro reconstitui a chapa, que é depois revelada pelo mesmo processo de uma fotografia comum.



Tão linda e atraente é a pele com a glamorosa

Beleza de Adolescente

Para obtê-la, não encubra... *Corrija* as imperfeições do seu rosto com LEITE DE COLONIA

Essa tão cobiçada dádiva de beleza — pele jovem e acetinada — não é privilégio das adolescentes! Em muitas mulheres esse dote de juventude vence os anos... sempre atraindo... sempre fascinando! Sem dúvida, também é seu desejo conservar ou conquistar a cutis linda e livre de imperfeições. Então, guarde este conselho: não artificialize os seus encantos com demasiado maquiagem para encobrir manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções da pele. A solução certa é evitar e corrigir essas imperfeições com Leite de Colonia!... Produto de toucador, mas de base medicinal, Leite de Colonia é ainda um perfeito fixador do pó de arroz. E — ao mesmo tempo — protege a cutis. Embeleze sua pele diariamente com Leite de Colonia!



CONQUISTE PARA SUA PELE A BELEZA DE ADOLESCENTE

Ao levantar-se, limpe sua cutis com Leite de Colonia. Durante o dia, use-o como fixador do pó e protetor da pele. Ao deitar-se, para remover o maquiagem e limpar novamente a cutis.

CABELOS BRANCOS? LOCÃO Brilhante

Leite de Colonia

LIMPA... ALVEJA... AMACIA A PELE

LC-5 Record Propaganda



Em São Paulo...
é sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

Sexta-feira 13

(Continuação da pág. 35)

Uma careta silenciosa foi a resposta, mas Anastácio voltou à carga e disse-lhe que estava com um palpite para

ganhar uma fortuna, mas lhe faltava os 12 cruzeiros para comprar o bilhete. Se ele lhe emprestasse o dinheiro seria uma mão na roda... e quem sabe? Talvez uma gratificação... Fez, entretanto, questão de acentuar que era ganhar na certa.

Depois dessa argumentação toda conseguiu o dinheiro. Meteu-o no bolso e criou alma nova. Agora sim, estava tudo arranjado, pensou. Só faltava chegar a hora do lanche para poder dar uma saída.

Sentou-se à mesa novamente para trabalhar, mas nada conseguiu fazer. Cada minuto que passava parecia-lhe uma eterna eternidade. O dinheiro no bolso parecia queimar-lhe.

Ouviu a voz do chefe chamando-o. Recebeu dele um ofício para datilografar. Sentou-se à máquina e com muito sacrifício conseguiu datilografá-lo. Entregou-o e voltou à sua mesa, mas ainda não tinha acabado de sentar-se e já era novamente chamado:

— Seu Anastácio!

Atendeu. Era novamente o chefe que, depois de lançar-lhe um olhar rancoroso, continuou:

— Quantas vezes devo-lhe dizer para ser mais cuidadoso no serviço? Veja só que porcaria está este ofício. Todo raspado! Todo emendado e ainda por cima faltando palavras! É um absurdo!

Anastácio ficou perturbado ainda mais do que estava anteriormente. Uma onda de sangue subiu-lhe ao rosto. Teve vontade de segurar aquele homenzinho pelo gasnete e arrebentá-lo. Sem dúvida ele estava se prevalecendo de sua posição. A lembrança da mulher e dos filhos fez, porém, com que ele arrefecesse e com voz humilde pediu desculpas, prometendo ser cuidadoso e debaixo de mais decorposturas dirigiu-se novamente para a máquina de escrever.

Fez, refez e tornou a fazer o mesmo ofício até que conseguiu um sem rasuras. Nesse momento o relógio marcava 13 e meia. Era a hora do lanche. A hora que ele tanto esperava.

Pela rua ia atropelando a quantos encontrava no caminho até que chegou ao Largo da Carioca. Procurou avidamente o rapaz dos bilhetes, mas não havia meio de encontrá-lo. Depois de ter andado de um lado para o outro como barata tonta conseguiu avistá-lo. Dirigiu-se-

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

lhe correndo. Pediu-lhe o bilhete que mandara reservar, procurando nervosamente, no bolso, a nota de vinte mil reis.

— Qual foi o bilhete que o senhor pediu para guardar? Perguntou o rapaz surpreso.

— 8513, respondeu Anastácio nervoso.

— Ah! Agora me lembro! O senhor é o gajo que estava teso, não é?

— É' isso mesmo.

— O senhor vai me desculpar, mas eu vendi esse bilhete agorinha mesmo.

Anastácio sentiu o sangue gelar-lhe nas veias. Foi tanta a raiva de que ficou possuído que segurou o rapaz pelo braço com toda a força que conseguiu reunir e berrou:

— Miserável! Eu devia lhe arrebentar os miolos pela sua safadese! Canalha! Vagabundo!

O rapaz tremia como vara verde, pedindo-lhe misericórdia. Alegava que não tinha culpa. Que pensara que ele não viesse. Populares foram se aglomerando e em dado momento Anastácio percebeu que estava fazendo escândalo. Largou o rapaz e afastou-se rapidamente do local.

Como faltassem ainda alguns minutos para as 14 horas, ele procurou em várias casas e com todos os vendedores, que encontrava, o seu bilhete, mas foi tudo em vão. Desconsolado, caminhou para a repartição onde chegou atrasado, recebendo outra chamada do chefe, que o depunha ainda mais.

A proporção que as horas passavam ia, porém, se refazendo dos aborrecimentos do dia e quando terminou o expediente já estava conformado com o caso. Afinal de contas, pensou, a Filomena talvez tivesse razão. O dia era mesmo azarento.

Entretanto, para tirar um peso da consciência passou pela Avenida Rio Branco para ver o resultado da loteria, mas quando chegou diante da casa lotérica não pôde suportar o que seus olhos viram. Os joelhos se lhe dobraram e ele estendeu-se na calçada, surpreendendo a quantos estavam nas imediações.

É' que, encimando a lista dos prêmios estava o número do bilhete que ele não pôde comprar.

REGULADOR XAVIER

★ O remédio de confiança da mulher ★

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

O BELO DANUBIO AZUL

(Continuação da pág. 46)

Vladet, de qual se fizera o mais platonico e fel dos apaixonados. Dumas e Gauthier também foram chamados para o beija-mão do gênio da valsa. E quando, finalmente, Strauss tocou ao piano o Danúbio Azul, as águas retidas transformaram-se em chamas e tocaram fogo à Europa. A In-terra rodopiou ao som daquela música. A Áustria, como quem repara uma injustiça, tratou de consolidar-lhe o prestígio. O Oceano Atlântico não foi obstáculo poderoso. O Danúbio Azul atingiu a América e ali se deu o prodígio: o inconcebível, o inenarrável. Demos a palavra ao próprio Strauss:

“Com mil dólares foi o que exigí para visitar Boston, com todas as despesas de transporte e estadia pagas para mim, minha esposa e dois criados.

Lá chegando, fui informado de que tomaria parte num concerto: monstro. Pensei, assustado, em quinhentos executantes. Eram VINTE MIL! Vinte mil ao todo, entre cantores e instrumentistas! Com assistentes para o regente que era eu!

Um barracão imenso foi construído especialmente para a ocasião. Comportava uma lotação de cem mil pessoas!

Subi à plataforma, tomei a batuta e tapei os ouvidos. Um estrondo tremendo souo. Começara o concerto.”

E, no final da proeza, Strauss comentou:

“O que mais me impressionou foi que, por uma coincidência inexplicável, terminamos, todos, no mesmo tempo!”

FABRICAÇÃO CONTÍNUA DE BORRACHA

LONDRES — Provavelmente pela primeira vez na história industrial, está-se fabricando borracha de maneira contínua nas instalações da Dunlop Rubber Co., em Speke, Liverpool.

A produção se organizou de tal maneira que a manufatura de pneumáticos passa pelos seguintes processos — prensa das telas, estiramento dos fios, manufatura de parte dos componentes, construção e forma do pneumático esvaziamento e vulcanização, acabamento, inspeção e embalagem.

Na secção de mistura, podem-se ver muitas novidades, entre as quais uma sala central de controle, de onde se observam e registram as misturas; o laminado automático; os transportadores usados para o esfriamento da borracha. Há

também um sistema pneumático para transportar mostas do material ao laboratório central, afim de que seja possível realizar-se a produção, à medida que se manufaturam novos ingredientes.

As fábricas de Speke são das primeiras a reverterem à produção de paz. As suas instalações cobrem uma extensão de 1.400.000 pés quadrados.

ILUMINAÇÃO PARA BICICLETAS

LONDRES — A notícia mais sensacional quanto a bicicletas é um novo sistema de equipamento de iluminação, que dá à bicicleta o equivalente à iluminação de um automóvel.

A eletricidade é reproduzida por meio de um gerador de 6 volts alojado no eixo da roda trazeira, o que diminui o seu

A' venda em todo o Brasil o

ALMANAQUE

EU SEI TUDO

para 1947

peso, em comparação com outros sistemas, em 380 gramas. A corrente é carregada num acumulador de pequeno tamanho, colocado discretamente sob o quadro. Daí, por meio de um retificador, a eletricidade é fornecida como corrente direta de 2 watts, às lâmpadas dianteira e trazeira.

O novo sistema, conhecido como Dynohub-de-Luxe tem a vantagem de precisar somente de água destilada, uma ou outra vez. A lâmpada dianteira pode ser movimentada em muitas direções e o acendedor fica em posição tão inesperada que a protege contra os curiosos. A luz é firme e constante, quer a bicicleta esteja parada ou em movimento lento ou rápido.

Aos srs. distribuidores e assinantes desta revista

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.



Sala de Jantar

O MODELO de sala de jantar que acima estampamos merece ser aproveitado em um grande palacete, onde todas as peças obedeam à uniformidade e pureza de estilo. Os móveis são laqueados em branco marfim e ouro, sendo os estofos das cadeiras em damasco ouro e branco. As paredes em cor perola e ouro, lustre de cristal, espelho venesiano, cortina em voile creme seda e damasco ouro. Tapete francês Chiraz completa a decoração.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

Prima



CIA DE CIGARROS

Souza Cruz